

MARIA INÊZ DE LIMA MORTL

**EU, TU E ELE(A)
DIÁLOGO ECUMÊNICO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS-SP
AVANÇOS, DIFICULDADES, CAMINHOS, PERSPECTIVAS**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2005**

MARIA INÊZ DE LIMA MORTL

EU, TU E ELE(A)
DIÁLOGO ECUMÊNICO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS-SP
AVANÇOS, DIFICULDADES, CAMINHOS, PERSPECTIVAS

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências da Religião, sob orientação do Professor Doutor JUNG MO SUNG.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2005

BANCA EXAMINADORA

Para
Padre Sebastião Cesar Barbosa.

AGRADECIMENTOS

Durante a elaboração deste trabalho, recebi apoio de várias pessoas. De maneira especial, gostaria de agradecer:

A Dom Nelson Westrupp, por ter acreditado e investido em mim. Sem seu apoio eu não teria cursado o mestrado.

Ao professor Jung Mo Sung, meu orientador, por sua competência e generosidade na condução de todo o processo; também pela “paciência” comigo, devolvendo-me, muitas vezes, a sensatez nos momentos de estresse.

À CAPES, pela bolsa de estudos concedida.

À Maria Lúcia W. Bicudo, companheira e amiga que, em São Paulo, ofereceu-me, várias vezes, a sua casa e apoiou-me em todos os momentos de ansiedade.

À Comissão Diocesana do Diálogo Ecumênico de São José dos Campos, pela convivência e aprendizado constante.

À Paróquia de Sant’Ana, onde me descobri ecumênica e onde nasceu meu projeto de vida. Desta Paróquia, agradeço especialmente à equipe do Diálogo Ecumênico e ao Padre José Vieira Pinto.

À Teresa Cristina de Azevedo Moura, amiga, por suportar meu humor durante a elaboração deste trabalho, apoiando-me nas revisões de texto e nas discussões. Ao Rodolfo Macedo, pelas revisões; à Suzete, por me ajudar com o computador.

À Marina Rodrigues de Oliveira, pela dedicação nas correções do texto.

Ao Pastor Sebastião Bertolino, Pastor Ernane, Rev^o Tércio, Leandro Mascarenhas, Dóris, Ester, Pastor Naity, Pastor Paulo, Padre Mário Bonatti, Padre Sebastião Cesar, Padre Geraldo Alves da Silva e Pastor Ismael de Oliveira, pela amizade verdadeira e apoio incondicional e sem receio a essa dissertação.

À minha família, especialmente à minha mãe Odete, por ser mãe, estando ao meu lado e esperando que eu vença, sempre.

RESUMO

As igrejas cristãs, principalmente históricas, têm, no diálogo ecumênico, a oportunidade de viverem sua fé e a professarem, de maneira não preconceituosa, sem proselitismo e com a convicção de que a revelação de Deus como Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) não está restrita a nenhuma igreja de forma exclusiva. O tema “ecumenismo” continua imprescindível nos tempos atuais devido à pluralidade cultural e religiosa presente em nossa sociedade. O objeto de investigação deste trabalho é o Movimento Ecumênico do Município (MEM) de São José dos Campos-SP, região do Vale do Paraíba. Fazem parte desse movimento principalmente as Igrejas Cristãs Históricas, mas há também presença de Igrejas Pentecostais e até Neopentecostais. Esta pesquisa objetivou estudar o MEM, no período de 1999 a 2001, entre clero e leigos das Igrejas históricas, focalizando os avanços, as dificuldades, os caminhos e as perspectivas desse movimento. Nesta análise, constatei três modelos de diálogo ecumênico: ecumenismo teológico-doutrinal, ecumenismo institucional celebrativo e ecumenismo prático. O trabalho propõe encontrar possíveis soluções para o avanço do Diálogo Ecumênico. A hipótese é a de que, talvez, falte este avanço no diálogo ecumênico em função da ausência de um ideal em comum, ou seja, falta ação social em conjunto, que caracterizaria a autenticidade dos cristãos. A estrutura teórica foi baseada em estudos de teólogos protestantes e católicos que abordam o diálogo intereclesial, bem como informações e posicionamentos de diversas igrejas e organismos ecumênicos. Para o histórico das Igrejas que pertencem ao MEM, bem como para descobrir suas reais dificuldades, foram realizadas entrevistas e pesquisa nas Igrejas e em cartórios do município. Essa pesquisa pode favorecer a compreensão de que o verdadeiro ecumenismo se inicia pela ação concreta, ou, dito de outra forma, pela prática do Evangelho. Esse processo pode levar o próprio movimento ecumênico a atingir o seu objetivo: a unidade na diversidade “para que o mundo creia”. Logo, leva a expansão do MEM para a região da qual faz parte, podendo seu resultado ser projetado nos ambientes nos quais se propõe essa unidade na diversidade.

ABSTRACT

The Christian churches, mainly the historical ones have, in the ecumenical dialog, the opportunity to live their faith, and to profess, in a non pre-conceptual manner, without proselytism and with the conviction that the God revelation as Trinity (Father, Son and Holy Ghost) is not restrict to any church exclusively. The theme “ecumenism” remains vital nowadays due to the cultural and religious plurality present in our society. The investigation’s object of this work is the “Movimento Ecumênico do Município” (MEM) of São José dos Campos – SP – Vale do Paraíba region. Be part of this movement mainly the historical Christian churches, but are also present the Pentecostal and even the Neo-Pentecostal churches. This research had the objective to study the MEM in the period from 1999 to 2001, between clergy and laymen of the historical churches, focusing on the advances, difficulties, directions and the perspectives from this movement. In this analysis, I detected three ecumenical dialog models: theological-doctrinal ecumenism, institutional celebrative ecumenism and practical ecumenism. The work proposes to find possible solutions for the advances on the ecumenical dialog. The hypothesis is that maybe there is a deficiency of this advance on the ecumenical dialog due to the lack of a common ideal, i.e., lack of a united social action, which would characterize the Christians as authentic. The theoretical structure was based on studies of protestant and catholic theologians who approach the inter-clerical dialog, as well as information and positions from many churches and ecumenical organisms. For the churches’ historic that belong to MEM, as well as to discover their real difficulties, was accomplished interviews and research in the churches and municipal registry offices. The research, done under a scientific vision, can favor the comprehension that the true ecumenism begins through a concrete action, or, in other words, through practicing the Gospel. This process can lead the ecumenical movement to achieve its objective: the unity on the diversity “for the world to believe”. Therefore, it leads to the expansion of MEM in the region that belongs to and also its results can be projected in the environments on which is proposed this unity on the diversity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I DIÁLOGO ECUMÊNICO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS: ORIGEM, EVOLUÇÃO E SITUAÇÃO	18
1. O Vale do Paraíba: contextualização	21
2. São José dos Campos: contextualização	30
2.1 Nascimento das Igrejas em São José dos Campos	31
3. Histórico do movimento ecumênico em São José dos Campos	32
3.1 Atividades ecumênicas promovidas anualmente em São José dos Campos.....	33
3.2 Início e desenvolvimento do movimento ecumênico no município no triênio 1999-2001	35
4. Protestantes e católicos no Brasil – relações intereclesiais	46
4.1 Tipologia do protestantismo brasileiro	49
5. O movimento ecumênico no Brasil	50
5.1 Igrejas integrantes do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC)	51
CAPÍTULO II DIFICULDADES DO MOVIMENTO ECUMÊNICO E SUAS CAUSAS	56
1. Tipos de dificuldades	56
1.1 Proximidade territorial das diversas igrejas: um problema	60
1.2 O desafio do proselitismo	63
1.3 Aspectos subjetivos	65
1.3.1 Posição individual de pastores e padres	68
1.4 Peso da Identidade institucional	69
1.5 Questões teológicas e doutrinárias	70
2. Questões internas da Igreja católica	75
2.1 <i>Dominus Iesus</i>	76
3. Falta de formação ecumênica	78
CAPÍTULO III MODELOS DE DIÁLOGO ECUMÊNICO	85
1. Ecumenismo teológico-doutrinal	86
2. Ecumenismo institucional celebrativo	91
3. Ecumenismo prático	97

4. O diálogo em Paulo Freire	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122
ANEXOS	129
Anexo 1	129
Anexo 2	130
Anexo 3	131
Anexo 4	151
Anexo 5	154
Anexo 6	155
Anexo 7	156
Anexo 8	174
Anexo 9	175
Anexo 10	177

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 Porcentagem de crescimento de católicos e evangélicos – Vale do Paraíba	28
Tabela 2 Projeto Rumo ao Novo Milênio	38
Tabela 3 Porcentagem de crescimento de católicos e evangélicos – São José dos Campos-SP	57
Gráfico 1 Número de católicos e evangélicos em São José dos Campos	58
Gráfico 2 Comparação entre católicos e evangélicos de São José dos Campos em relação ao Vale do Paraíba (1991)	59
Gráfico 3 Comparação entre católicos e evangélicos de São José dos Campos em relação ao Vale do Paraíba (2000)	59
Tabela 4 Trabalhos sociais das Igrejas Históricas	107

LISTA DE SIGLAS

AEB – Aliança Evangélica Brasileira
CBC – Comissão Brasileira de Cooperação
CDT – Centro de Desenvolvimento e Tecnologia em Recursos Humanos
CEB – Confederação Evangélica Brasileira
CEB's – Comunidades Eclesiais de Base
CESEP – Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular
CF – Campanha da Fraternidade
CLAI – Conselho Latino-Americano de Igrejas
CMI – Conselho Mundial de Igrejas
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CONIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs
CTA – Centro Técnico Aeroespacial
EMBRAER – Empresa Brasileira de Aeronáutica
FENIP – Federação das Igrejas Presbiterianas
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICE – Igreja Cristã Evangélica
ICAR – Igreja Católica Apostólica Romana
IEA – Igreja Evangélica Anglicana
IEAD – Igreja Evangélica Assembléia de Deus
IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil
IM – Igreja Metodista
INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IPB – Igreja Presbiteriana do Brasil
IPU – Igreja Presbiteriana Unida
ITA – Instituto de Tecnologia Aeroespacial
MEM – Movimento Ecumênico do Município
MOFIC – Movimento de Fraternidade Cristã
MST – Movimento dos Sem Terra
PRNM – Projeto Rumo ao Novo Milênio
SJC – São José dos Campos
SOPUC – Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos
UNESP – Universidade do Estado de São Paulo/Odontologia
UNIVAP – Universidade do Vale do Paraíba
UNISAL – Universidade Salesiana

INTRODUÇÃO

Há cinco anos (1998), fui convidada por uma colega de profissão a participar de uma comissão chamada “diálogo ecumênico” numa paróquia da Igreja católica. Nesse período ministrava eu aulas de História e Sociologia, e, por isso mesmo, a justificativa para o convite era a de que seria mais fácil para uma professora dessas disciplinas assimilar o conteúdo do assunto/tema, e facilidade em transmitir esses conhecimentos. Portanto, minha contribuição seria mais especificamente relacionada aos aspectos históricos das igrejas cristãs. Aceitei o convite e tive o primeiro contato com o assunto.

Aos poucos a concepção “ecumenismo” foi tomando forma em minha experiência pessoal. Cheguei a ser coordenadora da comissão diocesana do diálogo ecumênico da Igreja católica local por dois anos. Daí, para mim, afirmar-me “ecumênica” era uma questão de atitude.

Em São José dos Campos, os trabalhos existentes entre cristãos de diferentes denominações, mais especificamente entre a Igreja católica e algumas Igrejas evangélicas têm por objetivo a aproximação, a amizade fraterna, o conhecimento, a oração e a ação concreta entre cleros e leigos das diversas Igrejas cristãs.

Este trabalho desenvolvido pelas Igrejas ultrapassa o município de São José dos Campos, buscando fortalecer as atividades também nas cidades adjacentes. São municípios abrangidos pela Diocese da Igreja católica: Jacareí, São Francisco Xavier, Monteiro Lobato, Santa Branca e Igaratá.

A Diocese também participa de encontros regionais do Estado de São Paulo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB-Sul 1); e do sub-regional de Aparecida-SP; tem participação nos Encontros Ecumênicos de Mulheres, promovidos pelo Conselho Latino Americano de Igrejas – CLAI, Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC e Koinonia, e de encontros entre padres e pastores de algumas cidades da região do Vale do Paraíba (sub-regional de Aparecida-SP).

A comissão nasceu como proposta do projeto de evangelização CNBB “Rumo ao Novo Milênio”. Desde o início dos trabalhos da Diocese – 1996 – a comissão foi incentivada pelo Bispo Diocesano D. Nelson Westrupp, juntamente com o padre

Rinaldo Roberto de Rezende, Coordenador Diocesano de Pastoral, tendo sido nomeado Assessor Diocesano do Diálogo Ecumênico, o Padre Sebastião César Barbosa.

Todos os trabalhos da Comissão são orientados pela CNBB, que objetiva “vencer obstáculos deixados pelo passado, para que num contato mais estreito com as culturas, (...) a Igreja possa compreender melhor as várias expressões de religiosidade”¹, sem que se confunda com o que se refere a sincretismo religioso.

Meu interesse pelo diálogo ecumênico e inter-religioso, portanto, nasceu de uma experiência por ter atuado diretamente coordenando os trabalhos da Comissão Diocesana da Igreja católica, participando de reuniões com coordenadores das paróquias, colaborando na realização da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, promovida pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC e assessorando cursos de formação para clero e leigos.

À frente dos trabalhos pude perceber várias dificuldades encontradas, tanto pelos católicos quanto pelos evangélicos. A descoberta das reais razões das dificuldades – que serão abordadas no decorrer desta pesquisa – foi o que me motivou a discorrer sobre este assunto, ou seja, resolvi escolher o Movimento Ecumênico do Município (MEM) como objeto de investigação. A sugestão de meu orientador – Jung Mo Sung – foi a de estudar somente as igrejas cristãs históricas presentes no município, por desenvolverem um relacionamento mais próximo ao catolicismo.

Na busca por bibliografias que pudessem responder com maior clareza aos meus questionamentos acerca das dificuldades vividas, deparei-me com muitas obras – tanto religiosas quanto profanas – porém, dessas, a maioria é composta de orientações e incentivos ao diálogo ecumênico. As que estavam mais acessíveis eram documentos das Igrejas e seus posicionamentos sobre o Ecumenismo.

A Igreja católica, por exemplo, dá especial atenção ao diálogo ecumênico. Além dos documentos pontifícios publicados a partir do Concílio Vaticano II, os da CNBB são de grande importância, apesar de a maioria dos fiéis não terem conhecimento deles. Os evangélicos – especialmente os das Igrejas históricas – possuem publicações sobre o assunto, além da questão ecumênica constar em seus estatutos internos.

Além desses documentos mencionados, há várias publicações por parte de organismos ecumênicos como CLAI, CONIC, KOINONIA, dentre outros, dando

¹ DIOCESE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. *Projeto diocesano de evangelização*, p. 28.

sustentação ao movimento ecumênico, não só teórica como também para os trabalhos concretos. Merece menção a cartilha *Diversidade e Comunhão*, que é uma publicação em conjunto do CLAI e do CONIC; essa cartilha é “o resultado do trabalho comunitário de pessoas luteranas, católicas, episcopais, presbiterianas, metodistas e congregacionais”². Demais publicações serão analisadas no decorrer deste trabalho.

Na tentativa de encontrar respostas para as dificuldades enfrentadas na relação entre católicos e evangélicos do Município, entendi que deveria ir além dos documentos conhecidos sobre o assunto. Daí minha decisão em cursar Ciências da Religião para, através deste estudo, ter acesso a obras que pudessem me proporcionar um olhar mais criterioso através da prática de uma postura investigativa, na busca de fontes que me fariam “enxergar” o problema enfrentado-o numa outra ótica: a científica.

O tema “ecumenismo” continua imprescindível nos tempos atuais devido à pluralidade cultural e religiosa presente em nossa sociedade. O diálogo entre pessoas de diferentes Igrejas, apesar de não ser natural, “exige sempre auto-disciplina e aprendizado”³, sendo uma necessidade no interior de cada instituição, onde justamente emergem conflitos na aproximação com o “outro”.

Na nossa história nacional, o encontro-confronto entre religiões diferentes se deu desde seu início: os nativos (indígenas), de religião animista, e os portugueses, católicos. O que prevaleceu foi o confronto, infelizmente. Depois, no período da escravatura, o contato com as religiões africanas. Também aqui prevaleceu o confronto e não o diálogo. Indígenas e negros eram batizados à força, sem nenhum trabalho de evangelização prévia nem acolhida respeitosa de suas tradições ancestrais. Isso tudo produziu o nosso “brasileiro” sincretismo religioso. Mesmo assim, oficialmente o Brasil era conhecido como nação católica.

Bem mais tarde, aparece no cenário religioso o elemento evangélico ou protestante: imigração alemã, sobretudo luteranos e mais fortemente as missões norte-americanas. Uma vez mais prevaleceu o confronto como “espírito” de rejeição do outro.

Hoje em dia temos: a) evangélicos, crescendo em número de adeptos, com extrema visibilidade; b) católicos, enfrentando queda no número de adeptos, com ganho “em participação ativa dos fiéis na vida eclesial, na evangelização e no compromisso

² CONIC & CLAI. *Diversidade e comunhão: um convite ao ecumenismo*, p.5.

³ Paulo SUESS, *As culturas em diálogo*. In: Agenda latinoamericana-mundial, 2002.

social”⁴; c) sem-religião, em grande crescimento, são pessoas que não assumem compromisso com nenhum grupo religioso: religião invisível; d) outras religiões, com números cada vez maiores – tanto de religiões quanto de adeptos –, não só no Brasil como no mundo.

O Brasil, é um dos poucos países do mundo onde há uma maior tolerância religiosa entre os credos, o que não quer dizer que inexista casos isolados de intolerância.

Esta pesquisa objetiva estudar o Diálogo Ecumênico em São José dos Campos, interior de São Paulo, no período de 1999 a 2001, entre clero e leigos das Igrejas históricas que já possuem uma caminhada ecumênica, focalizando os avanços, as dificuldades, os caminhos e as perspectivas do MEM.

A proposta de desenvolver um trabalho que busque encontrar respostas e possíveis soluções para a(s) dificuldade(s) do diálogo ecumênico nos coloca os seguintes questionamentos: de onde surge(m) a(s) dificuldade(s)? Qual é sua raiz? O que se oculta através dessas dificuldades?

Apesar da formação teológica e filosófica dos padres e pastores ainda há preocupação e “temor” pela perda da identidade – sua, de sua Igreja e de seus fiéis leigos; medo de perder a “fé”; temor pela perda do poder eclesiástico etc. Como se aproximar do “outro” respeitando suas particularidades e deixando-se questionar em espírito de serenidade?

A questão mais delicada é a formação dos fiéis. Seria uma das dificuldades a falta de conhecimento sobre a história da Igreja? Do desconhecimento do que vem a ser “ecumenismo”? Este questionamento não deixa de ser oportuno quando, ao longo de quinhentos anos de separação entre católicos e protestantes na Europa, no Brasil muitas feridas foram abertas; para cicatrizá-las necessita-se de um grande esforço.

A falta de envolvimento de alguns padres do Município é nítida, apesar das orientações do Concílio Vaticano II, da CNBB e das próprias diretrizes da Diocese. O mesmo se verifica entre os pastores, com a diferença de que cada Igreja tem suas orientações, mas, que não “obriga” seus adeptos. Na maioria das vezes só o pastor participa. Por vezes, o pastor é criticado ou até transferido, de acordo com seu envolvimento. A meu ver, isso se deve ao desconhecimento do valor do diálogo, nas

⁴ cf. Doc. 71 da CNBB, cap. II, (60), p. 42.

diferentes situações de vida: família, sociedade, trabalho, educação e, especialmente, entre as diversas Igrejas. O que é diálogo, quando se dá, com quem dialogar, por quê dialogar etc., são questionamentos importantes e que incomodam, mas que são imprescindíveis as respostas e as atitudes individuais e coletivas sobre o assunto.

Uma das dificuldades para o avanço do diálogo ecumênico em São José dos Campos talvez seja a ausência de um ideal em comum, ou seja, falta ação social em conjunto, que caracterizaria a autenticidade dos cristãos. Por enquanto, o que se observa do movimento é que ainda está na fase inicial de conhecimento mútuo, de orações em comum e de discussões teológicas/doutrinárias.

Optei por esses aspectos porque nas entrevistas informais que realizei entre os evangélicos e católicos pude perceber suas dúvidas e receios perpassarem esses questionamentos.

Além da descoberta das reais dificuldades do diálogo ecumênico na cidade de São José dos Campos-SP, esta dissertação tem também por objetivo demonstrar que ocorreram – e ainda ocorrem – importantes conquistas, dentre elas muitos projetos em conjunto.

Esta pesquisa, realizada sob uma visão científica, pode favorecer a compreensão dos caminhos para o efetivo diálogo ecumênico. Este processo pode levar o próprio movimento ecumênico a atingir o seu objetivo: a unidade na diversidade “para que o mundo creia”. Logo, poderá levar à expansão do MEM para a região da qual faz parte, podendo seu resultado ser projetado nos ambiente nos quais se propõe essa unidade na diversidade.

A dissertação constará de uma estrutura teórica baseada em estudos de teólogos protestantes e católicos que abordam o diálogo ecumênico. Percebe-se que há uma seqüência a ser realizada para que o diálogo entre as igrejas se efetive. De posse desses estudos serão analisados, portanto, três modelos de diálogo ecumênico. O primeiro, ecumenismo teológico-doutrinal, em que se prioriza os debates entre os peritos (estudiosos, teólogos, pesquisadores...); o segundo, ecumenismo institucional celebrativo, em que se aborda questões teológicas e doutrinárias, mas o fim último é a celebração ecumênica. E, por fim, o terceiro modelo, chamado de ecumenismo prático, que coloca a ação social em conjunto como premissa para o diálogo, as celebrações

ecumênicas viriam a seguir e as questões teológicas e doutrinárias são colocadas em segundo plano.

Sobre os modelos de diálogo ecumênico mencionados, também serão trabalhados documentos pontifícios e de órgãos ecumênicos, numa demonstração dos valores das experiências na ação social em várias regiões do Brasil; experiências essas envolvendo muitas pessoas de várias Igrejas. Para o caso do terceiro modelo, apresentado no terceiro capítulo, decidimos utilizar como base a obra de Júlio de Santa Ana, pois este autor aborda o projeto ecumênico popular, vindo de encontro ao que nos propomos.

Houve necessidade de se fazer um levantamento histórico do MEM, bem como para descobrir suas reais dificuldades, mas não havia uma fonte onde eu pudesse simplesmente colher as informações; e isso dificultava o andamento da pesquisa. Portanto, foi realizado trabalho de campo; elaborei um questionário com o objetivo de descobrir nomes das Igrejas, ano de fundação, atividades ecumênicas realizadas no triênio 1999-2001 bem como suas dificuldades no contato com “outras” Igrejas. Portanto, utilizei perguntas abertas e fechadas, já que também tinha o objetivo de sentir as dificuldades do trabalho ecumênico entre os pesquisados; foram aplicados 13 questionários.

Também foram realizadas 06 entrevistas semi-abertas, a fim de reproduzir com a máxima fidelidade possível o modo de pensar de vários integrantes do MEM e também de algumas pessoas do clero que ainda não aderiram às constantes atividades ecumênicas desse movimento.

Os líderes das Igrejas e os coordenadores diocesanos do diálogo ecumênico foram priorizados, tanto nos questionários quanto nas entrevistas, “por serem modelos de comportamento, formadores de opinião (...) e responsáveis pelas orientações que, teoricamente, informam a conduta religiosa dos fiéis.”⁵

Percorri as localidades das Igrejas, fiz pesquisa em cartórios do município, em centros de estudos na região do Vale do Paraíba, apliquei entrevistas informais e formais. Também realizei um levantamento de fontes secundárias como leitura de textos, de atas, de cartilhas, de livros e coleta de documentações das instituições religiosas.

⁵ Ricardo MARIANO, *Neopentecostais*, p. 17.

A dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo, “Diálogo ecumênico em São José dos Campos: origem, evolução e situação”, contextualizamos a região do Vale do Paraíba e o município de São José dos Campos. Em seguida, abordamos o nascimento das Igrejas e o histórico do MEM. Também serão expostas a tipologia do protestantismo brasileiro e a evolução das relações intereclesiais entre católicos e protestantes no Brasil.

No segundo capítulo, “Dificuldades do diálogo ecumênico e suas causas”, como o próprio título já sugere, trabalharemos as dificuldades do MEM. Para isso, dividimos este capítulo em tipos de dificuldades, apontadas pelos entrevistados.

No terceiro, e último capítulo, nos propomos a trabalhar os modelos de ecumenismo encontrados no campo investigado. Iniciamos com o ecumenismo teológico/doutrinal, em seguida abordamos o ecumenismo institucional celebrativo e, por fim, o ecumenismo prático.

Os anexos têm o objetivo de acrescentar informações referentes ao período pesquisado. Constam nos anexos: documentos fotográficos que registram as atividades realizadas pelos pesquisados, fotos dos principais eventos ocorridos no MEM; todos os questionários e entrevistas realizados; documentos das Igrejas e de arquivo pessoal da pesquisadora, bem como tabelas e gráficos elaborados com os dados fornecidos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

CAPÍTULO I

DIÁLOGO ECUMÊNICO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS: ORIGEM, EVOLUÇÃO E SITUAÇÃO

Antes de iniciarmos, é importante lembrar que o objetivo aqui proposto é abordar o diálogo ecumênico realizado pelas Igrejas Históricas e Igreja Católica no município de São José dos Campos, interior de São Paulo. Esta leitura é de fundamental importância para aqueles e aquelas que são e estão inseridos no “diálogo ecumênico” porque abordam os aspectos histórico, teológico e eclesiológico, dando suporte e conhecimento necessários aos interessados pelo tema.

Interessa-nos também lembrar sobre as relações entre católicos e protestantes no Brasil, bem como contextualizar a região à qual o município pertence. Será explicitado o aspecto religioso da cidade, pois ajudará na compreensão do contexto no qual o diálogo ecumênico está inserido. Em seguida, será abordado o período em que as Igrejas cristãs históricas e Igreja católica se instalaram em SJC. Após isso, partiremos para o trabalho ecumênico realizado pelas mesmas, já que nosso estudo é focado na atuação ecumênica dessas Igrejas neste município.

Neste estudo, porém, não será abordada a história do protestantismo brasileiro em si, pois inúmeras obras sobre este assunto já foram publicadas, bem como sobre a História da Igreja católica no Brasil. O que se esclarece é tão somente a tipologia do Protestantismo no Brasil.

Para que não haja problemas de interpretação, alguns termos e conceitos – que serão utilizados no decorrer de todo nosso trabalho – devem ser abordados e esclarecidos antes de prosseguirmos.

Tratando-se de Ecumenismo é necessário que se observe a etimologia da palavra. Ecumenismo (*oikoumene*): *oikos* significa casa e *mene* habitada. A palavra *ecumênico* vem do termo *oikoumene*, do grego, que significa *mundo habitado*. A palavra “ecumenismo” é utilizada em âmbito político, econômico, cultural e religioso.

Historicamente, num primeiro momento, o conceito *oikoumene* – ecumenismo – está relacionado à questão geográfica, ou seja, ao espaço onde se vive, ao que está ao “redor da pessoa e que influi sobre ela”⁶. Num segundo momento foi utilizado numa dimensão cultural, relacionando-se ao encontro com pessoas de culturas diferentes. Num terceiro momento o termo foi utilizado na dimensão política, relacionando-se ao encontro com culturas diferentes, que por isso se organizam politicamente diferente, de acordo com seus costumes e tradições. Por último, o termo foi utilizado na dimensão religiosa do ser humano, relacionando-se ao sentido da unidade nas nações cristãs.

Conforme Júlio H. de Santa Ana, em seu livro “Ecumenismo e Libertação”:

(...) não é apropriado limitar o uso do termo ecumênico apenas à esfera religiosa da existência humana. De fato, a unidade dos seres humanos, das nações, (...) inclui a dimensão geográfica, a cultural e a política. É, portanto, algo que tem a ver com toda a riqueza da vida humana. (...) No entanto, (...) atualmente o sentido mais comum da palavra ecumênico é de ordem religiosa.⁷

Mesmo considerando a importância da abrangência do termo ecumenismo, nossa preocupação neste trabalho é a de focalizar a dimensão religiosa, uma vez que o objeto de estudo se refere a um grupo de pessoas que “praticam” o ecumenismo entre algumas Igrejas cristãs do município de São José dos Campos.

Para o grupo pesquisado, ecumenismo “é a aproximação, a cooperação, a busca fraterna da superação das divisões entre as diferentes Igrejas cristãs.”⁸ Assim, são ecumênicos aqueles que professam uma só fé: em Deus Uno e Trino e em Jesus como Salvador e Senhor; são aqueles que oram, dialogam, estudam e trabalham, “separadamente e em conjunto, visando superar as atuais divisões e alcançar a plena unidade que Cristo quer, como Ele quer e para quando Ele quiser.”⁹

Entende-se por Igrejas Cristãs Históricas as provenientes da Reforma Protestante e que a aproximação com a Igreja católica é realizada com mais frequência e tolerância; são elas: Igreja Metodista, Igreja Presbiteriana Unida, Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil e Igreja Evangélica Anglicana.

⁶ Júlio de SANTA ANA, *Ecumenismo e libertação*, p. 20.

⁷ *Ibid.*, pp. 20-21.

⁸ cf. CNBB. *O que é ecumenismo*, p. 12. Este termo é aceito pelas Igrejas que participam do movimento ecumênico do município.

⁹ *Ibid.*, p. 6.

Duas observações importantes devem ser feitas: a primeira diz respeito à presença dessas Igrejas em SJC: das Igrejas mencionadas acima, a única que não está instalada em SJC é a Igreja Anglicana, mas a presença de um de seus líderes é freqüente em atividades ecumênicas no Município.

A segunda observação perpassa as Igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais, pois, como veremos durante nosso trabalho, algumas delas fazem parte do MEM. Por isso, não podemos deixar de exemplificá-las durante o trabalho apesar do mesmo ter o foco nas Igrejas Históricas; pois foi pelo exemplo das primeiras que estas passaram a fazer parte do “grupo”.

No aspecto sociológico movimento significa “comunicação” de idéias, “contatos” entre pessoas de diferentes níveis, há necessidade de “decisões” personalizadas e também “capacidade organizacional” para se definir objetivos comuns e obter recursos para se atingir esses objetivos¹⁰. Portanto, movimento subentende-se processo, dinamismo, decisões em conjunto. Movimento ecumênico é, portanto, um movimento religioso dinâmico, institucional, em que as Igrejas envolvidas se relacionam entre si para praticar atividades de cunho interconfessional, de maneira sistemática e organizada, visando uma maior unidade entre elas. É um movimento em busca da unidade dos cristãos, em busca de comunhão, preservando a diversidade de cada Igreja.¹¹

Por Diocese, o Código de Direito Canônico da Igreja católica faz a seguinte definição:

A diocese é uma porção do povo de Deus confiada ao pastoreio do Bispo com a cooperação do presbitério, de modo tal que, unindo-se ela a seu pastor e, pelo Evangelho e pela Eucaristia, reunida por ele no Espírito Santo, constitua uma Igreja particular, na qual está verdadeiramente presente e operante a Igreja de Cristo una, santa, católica e apostólica.¹²

Chamadas também de Igrejas locais, as dioceses são unidades geográficas onde a comunidade de cristãos católicos, que residem num território pré-determinado, é liderada por um bispo, onde há interação de fé e mundo.

¹⁰ Raymond BOUDON; François BOURRICAUD, *Dicionário crítico de sociologia*, pp. 372-379.

¹¹ CONIC; CLAI. *Diversidade e comunhão*, *passim*.

¹² cf. *Código de Direito Canônico*, cân. 369, p. 175.

A Diocese de SJC é constituída por seis municípios: São José dos Campos, Jacareí, Santa Branca, Igaratá, Paraibuna e Monteiro Lobato, onde estão instaladas trinta e seis paróquias, que são células orgânicas da Diocese.

Cada diocese da Igreja católica estrutura “comissões” para que seus objetivos pastorais sejam trabalhados de forma mais organizada e coesa. A Comissão do Diálogo Ecumênico é a que mantém contato com outras igrejas cristãs e com outras religiões; sua finalidade é “favorecer o diálogo em seus diversos segmentos”, buscando a “reaproximação com os irmãos de outras Igrejas ou comunidades cristãs, favorecendo a unidade dos cristãos.”¹³ Essa comissão também tem a responsabilidade de efetivar o Encontro Diocesano sobre Ecumenismo, com a participação dos evangélicos; a de formar os membros das equipes paroquiais e promover, em conjunto com as demais Igrejas, quaisquer atividades ecumênicas no município.

1. O Vale do Paraíba: contextualização

O Vale do Paraíba situa-se na região Sudeste do Brasil, no estado de São Paulo, e está localizado no eixo Rio-São Paulo¹⁴. O nome “Vale do Paraíba” surgiu em decorrência do rio que o atravessa. Esse rio, mais as trilhas dos indígenas que aqui habitavam, favoreceram o povoamento desta região, acontecido com as sesmarias concedidas no século XVI; período esse em que se deram na região as primeiras entradas para o reconhecimento da terra. “No Vale do Paraíba, as trilhas dos índios e o rio foram bons caminhos para os sertanistas pioneiros.”¹⁵

A religiosidade do Vale do Paraíba “nasce” com os indígenas; as tribos existentes eram: Tapuias, Tupis, Guaranis, Maromomis, Puris, dentre outras. Cultuando seus deuses e seus mortos, tinham nesta região o centro de sua cultura e o “sentido da vida pelo contato com as divindades.”¹⁶

¹³ cf. Vaticano II, UR, (4). In: *Subsídio preparatório para a 3ª Assembléia Diocesana de Pastoral*, pp. 16-17.

¹⁴ Anexo 1, p. 129.

¹⁵ Júlio J. BRUSTOLONI, *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida*, pp. 25-26. Quando fui me informar no Santuário de Aparecida sobre documentação cultural-religiosa do Vale do Paraíba para esta pesquisa, fui informada que esta obra continha parte das informações de que eu precisava, já que o autor focaliza o fenômeno religioso-popular de Aparecida e sua influência.

¹⁶ *Ibid.*

O cristianismo teve início no Vale do Paraíba no século XVI com a presença do catolicismo; pela distância dos centros urbanizados e da própria hierarquia da Igreja católica, foram sendo construídos pequenos templos rústicos – ermidas –, posteriormente capelas. A religiosidade desta região era “de cunho marcadamente popular e devocional do catolicismo brasileiro, que valorizava – e ainda valoriza –, mais do que as missas, as novenas, procissões, terços e romarias.”¹⁷

Os povoados nasciam ao redor de uma capela católica; posteriormente eram elevados à categoria de vila, geralmente com nomes de santos: Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá, por exemplo. Já se instituía, a partir desse processo, a vida civil e religiosa desta região.

A cada vila que nascia no Vale do Paraíba, seguiam-se o povoamento e o desenvolvimento desta região, pois, todas foram fruto “do trabalho de penetração e conquista do solo.”¹⁸ As sesmarias começaram a desaparecer, dando lugar a pequenas propriedades.

Sobre o tipo de catolicismo desenvolvido no Vale do Paraíba, Francisco S. TOLEDO diz o seguinte:

O catolicismo popular representa para o povo a esperança, a participação e a proteção especial de Deus, dos santos e da Virgem Maria. Faz parte do catolicismo tradicional, pois sua segurança está no passado. Além da garantia da proteção pessoal e coletiva funcionou como instrumento de coesão social e de participação na vida de cada comunidade.¹⁹

No final do século XVII e início do século XVIII, período chamado de “corrida do ouro”, havia na região circulação de riquezas, formação das elites locais e distribuição de títulos nobiliárquicos. Os reflexos desse período foram sentidos na vida social e, também, religiosa nas vilas nascentes desta região.

(...) o fausto e esplendor atingem o culto; formam-se as irmandades que promovem as festas populares da Senhora da Conceição, do Bom Sucesso, da Piedade, do Carmo, do Rosário, de São Francisco das Chagas, de São Gonçalo e de São Benedito.²⁰

¹⁷ cf. Padre Mário BONATTI, *A presença cristã no Vale do Paraíba*. In: Folha de São Paulo, 05 de agosto de 2000, C3, Vale em redescobrimto. Seção Vale.

¹⁸ *Ibid.*, pp. 26-27.

¹⁹ cf. Francisco Sodero TOLEDO, *Religiosidade popular católica*. In: Folha de São Paulo, 05 de agosto de 2000, C3, *Vale em redescobrimto*. Seção Vale. Fonte consultada no Instituto de Estudos Valeparaibanos, UNISAL, Lorena-SP, março de 2004.

²⁰ Júlio J. BRUSTOLONI, *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida*, p. 26.

Mas, o período da “corrida do ouro” foi breve nesta região. A partir do século XVIII, a cana-de-açúcar substituiu a extração do ouro, modificando a estrutura econômica e social das vilas, com a vinda de milhares de escravos para trabalhar nas fazendas canavieiras.

No século XIX, implanta-se o ciclo do café, trazendo prosperidade à região tanto quanto o ciclo do açúcar.

Entre 1850 e 1900 o Vale do Paraíba foi a zona de maior produção cafeeira do mundo. No decorrer dos trinta anos anteriores, a floresta virgem tinha sido substituída por uma série de núcleos de colonização que se espalharam ao longo do Vale, cobrindo-o de grandes fazendas de café, com o auxílio do braço escravo. Nos arredores de 1880, todavia, a produção cafeeira decaiu rapidamente na região, e, no fim do século, as zonas de mata virgem ao norte e a oeste da cidade de São Paulo ultrapassaram muito, em produção, as terras esgotadas do Vale do Paraíba.²¹

Devido ao crescimento das exportações de café, as plantações foram se expandindo pelo Vale do Paraíba; em decorrência da escassez de mão-de-obra vários imigrantes – protestantes – se instalaram na região. Havia famílias inteiras de protestantes que, depois de instaladas, “espalhavam a nova religião, havendo lugares que se protestantizaram quase que inteiramente, formando bairros protestantes (...)”²²

O autor Stanley J. STEIN, apesar de pesquisar o município de Vassouras, que fazia parte da região do Vale do Paraíba, aborda em sua obra aspectos econômicos, sociais e religiosos dessa região. Priorizando a região em si, e não especificamente uma cidade, decidimos absorver de sua obra algumas características norteadoras da vida dos habitantes dessa região como um todo.

De acordo com esse autor, “A vida nas fazendas (...) era regida pelas necessidades da cultura cafeeira, a manutenção da sede e das senzalas, a produção de víveres e o beneficiamento do café.”²³

Outro aspecto que permeava a vida dos habitantes era o atrelamento entre doenças e religião. Para Stanley, “Uma espécie de resignação religiosa dominava ainda os espíritos em relação às doenças, suas causas e conseqüências.”²⁴

²¹ Stanley J. STEIN. *Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba*, 1961.

²² *Ibid.*, p. 152.

²³ *Ibid.*, p. 192.

²⁴ *Ibid.*, p. 219.

Com relação à religião e festas nas fazendas, o catolicismo era a religião dos donos das fazendas (os senhores), dos homens livres e, nominalmente, dos escravos negros.

Não obstante, as tradições religiosas africanas formavam um substrato de crenças e práticas entre a maioria dos escravos e muita gente livre. Havia certos pontos em que as duas concepções do universo coincidiam, apoiando-se mutuamente. Quando entravam em conflito, porém, as crenças e as práticas africanas tinham tendência a existirem sub-repticiamente, ou ‘no mato.’ Ambas constituíam forças poderosas na vida cotidiana de livres e escravos; ambas emprestavam seus matizes às maneiras de pensar e de agir da sociedade da grande lavoura (...).²⁵

O mundo religioso estava sempre muito perto das pessoas. As “primeiras palavras de surpresa ou de receio que vinham aos lábios das mulheres ou das filhas dos fazendeiros eram ‘Nossa Senhora’ ou ‘Mãe Santíssima.’”²⁶

Os testamentos expressavam bem a relação do homem – e sua posição – em relação a Deus, típica do século XIX. Para exemplificar, citamos a seguir parte de um testamento, pertencente a um barão do café.

Estando em gôzo de perfeita saúde e das minhas faculdades mentais, e temendo-me da morte que infelizmente é certa, eu, Pedro Corrêa e Castro, faço meu testamento da seguinte maneira. Primeiramente encomendo minha alma a Deus, Pai Todo-Poderoso, seu criador. Peço-lhe em nome da Sagrada Morte e Paixão de Seu Filho, Jesus Cristo, Nosso Senhor, aceitá-la na Vida Eterna quando fôr de sua vontade levar-me dêste mundo. Sou católico, apostólico romano e fui batizado na paróquia de... Assim que eu morrer... meu testamenteiro deverá mandar dizer, do dia da minha morte até o sétimo dia, dez missas cantadas ao preço costumeiro, mais duas missas para as almas de meus pais, outra para as almas de minhas irmãs e irmãos e dez missas para as almas de meus escravos...²⁷.

Foi nesse ambiente religioso que, entre 1830 e 1850, ingressaram milhares de escravos africanos no Vale do Paraíba. Nesse período, havia poucos padres para atender a todos os habitantes, quanto mais para fazer contato e dar atendimento aos escravos. De forma a atuar no papel de sacerdote, às vezes, aparecia a figura do “feiticeiro” africano; “transplantado” da África para o Brasil, esse feiticeiro era “conhecido dos escravos e

²⁵ Stanley J. STEIN, *Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba*, p. 235.

²⁶ *Ibid.*, p. 236.

²⁷ Cf. Inventário de 1874, em que o falecido era o Barão de Tinguá, e o testamenteiro Antônio Agrícola de Pontes, da Fazenda do Tinguá, CPOV. *Ibid.*, pp. 236-237.

das pessoas livres que o consultavam pelos nomes de quimbandeiro, cangirista, curandeiro, ou benzedor.”²⁸

Entre 1870 e 1890, houve decadência da cafeicultura nesta região e a mesma presenciou um despovoamento e mais tarde paralisação da região. Conseqüentemente a expansão do protestantismo não teve continuidade, pelo menos até início do século XX.

Sobre a questão do sincretismo²⁹ religioso existente na região, Stanley afirma o seguinte:

As crenças africanas e católicas brasileiras encontraram um ponto de contacto na atitude íntima e pessoal em relação aos santos. Tanto africanos como brasileiros acreditavam num Ser Onipotente regendo o Universo. Porém, era pelo intermédio desses terrestres, pôsto que santos, representantes do Ser Supremo que os humanos comunicavam suas esperanças e aspirações.³⁰

No Vale do Paraíba também havia os contadores de histórias, como nas sociedades de tradição oral. Dedicadas principalmente às crianças, as histórias eram inventadas e contadas pelos mais velhos. Outra prática dos escravos era a dança, especialmente o caxambu, que ocupava uma posição intermediária entre a cerimônia religiosa e a diversão secular. Também havia canções como os jongsos, cantadas sob forma de “protesto dissimulado, porém, persistente. A forma do jongo – a do desafio – prestava-se para exprimir as reações do escravo (...).”³¹

Pela influência dos portugueses, desde a colonização, numerosos oratórios e ermidas foram levantados, bem como capelas e igreja para venerar a “Imaculada Virgem Maria”, a “Senhora da Conceição”. Dentro desse contexto, “junto de igrejas e capelas nasceram usos e costumes que marcaram a vida devocional do povo”³². Por exemplo: as festas do padroeiro ou da irmandade, folguedos populares etc.

Acrescenta-se a isso, a proclamação feita por Dom João IV, Rei de Portugal, de Nossa Senhora da Conceição como padroeira de Portugal e de seus domínios de além-

²⁸ Stanley J. STEIN, *Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba*, pp. 238-239.

²⁹ Há uma Tese de Doutorado, defendida na PUC-SP, que aborda com presteza os diferentes sentidos do sincretismo afro-católico na cidade de Salvador. Apesar do contexto geográfico ser outro do tratado aqui, sua obra contribui para a quebra de preconceitos sobre a questão do sincretismo religioso, tão presente em cada localidade do nosso país. SOUZA JR. *Roda o balaio na porta da igreja, minha filha, que o santo é de candomblé*, 2001.

³⁰ Stanley J. STEIN, *Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba*, p. 242.

³¹ *Ibid.*, p. 248.

³² Júlio J. BRUSTOLONI, *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida*, p. 99.

mar. Percebemos, então, que já havia uma considerada devoção a esta santa antes de seu aparecimento³³ no Rio Paraíba; mas, houve penetração do culto por todo o país após a decisão de conferirem-na padroeira de Portugal. Por onde sua devoção se alastrava, imprimiam-se características próprias à religiosidade do povo. Esta rápida propagação da devoção e do culto espalhou-se através da comunicação de pessoa para pessoa, e isto é interessante, pois existiam poucas paróquias, poucos padres e, também, poucas dioceses.

Praticamente todas as famílias, em seus oratórios domésticos, possuíam uma Imagem da Senhora da Conceição, conforme costume da época. “As que migravam da região de São Paulo e de Santana do Parnaíba, em fins do século dezesseis e início do dezessete, para o Vale do Paraíba, disputavam as imagens moldadas por Frei Agostinho de Jesus, levando-as consigo.”³⁴

O culto à Senhora da Conceição Aparecida teve início em 1717, data de seu aparecimento no rio Paraíba. A devoção a esta santa “surgiu da fé profunda daquelas famílias que se reuniam semanalmente junto da Imagem para o culto de louvor à Mãe de Deus.”³⁵

De acordo com Júlio J. BRUSTOLONI, primeiro existiu o culto familiar – sem aprovação explícita da Igreja –, em seguida, um culto mais amplo, em uma pequena comunidade. A documentação necessária para se obter a aprovação do culto e da construção da Igreja ficou pronta em 1743³⁶.

³³ Este “aparecimento” não se trata de aparição, no sentido de algo sobrenatural, mas de aparecer na rede dos pescadores. Sobre a história do “aparecimento” da imagem, o autor Júlio J. BRUSTOLONI afirma não se tratar de lenda, pois, está bem documentada, sendo a narrativa do achado da imagem baseada em fatos reais, justificando não se tratar de lenda ou de mito. Ele diz o seguinte: “Fatos reais acontecidos sempre geram histórias populares, que nem sempre são fiéis à realidade histórica dos mesmos. A fertilidade da imaginação popular costuma criar a seu redor um halo de mistério, sobretudo se eles têm relação com o sagrado. São as lendas ou os mitos do povo tão comuns para explicar fatos sobrenaturais, a vida extraordinária dos santos e ainda o surgimento de imagens sagradas ou santuários. Existe um lugar-comum, uma maneira uniforme de narrar a história do nascimento de um santuário. (...) Entretanto, a história do encontro da Imagem e do Santuário de Aparecida parece não seguir o lugar-comum, pois está bem documentada e não tem sabor de lenda.” E continua: “o que nos dá a certeza de que estamos diante de um fato histórico e não de uma lenda ou mito.” *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida*, pp. 38-39.

³⁴ Júlio J. BRUSTOLONI, *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida*, p. 23.

³⁵ *Ibid.*, p. 49.

³⁶ *Ibid.*, p. 64.

Com relação à expansão da devoção a Nossa Senhora Aparecida, o surgimento de um santuário dedicado a esta santa ocorreu em 1745, influenciando ainda mais a devoção à santa.

Na região do Vale do Paraíba existiam várias capelas e igrejas onde os fiéis tinham outros tipos de devoção, ou seja, eram devotos de outros santos. Mas, desde o início da construção do Santuário de Aparecida, a devoção a Nossa Senhora Aparecida foi se sobrepondo às demais. Este local sempre teve um poder aglutinador de fiéis que pertencem a várias classes sociais e de gênero, como ricos, pobres, escravos, livres, negros e brancos de todas as partes do país³⁷. Daí a sua marcante influência na religiosidade do povo brasileiro. Lembrando que a projeção religiosa do Santuário sempre esteve ligada ao desenvolvimento social e econômico da região.

Fazendo parte da religiosidade brasileira, quanto mais no Vale do Paraíba, o Santuário tem uma grande influência na formação da alma religiosa do povo. Apresenta-se, assim, como fenômeno cultural-religioso. “A devoção a Nossa Senhora da Conceição Aparecida faz parte integrante da religiosidade popular brasileira, sendo seu principal sustentáculo. É a força de suas grandes expressões e manifestações de fé.”³⁸

Este Santuário acolhe pessoas de todas as classes sociais, mas, especialmente os cristãos marginalizados da comunidade católica que se afastaram da Igreja por decisão pessoal ou porque, perante a Igreja, estão em situação irregular. Nesse sentido, os “romeiros” – ou peregrinos – encontram, no Santuário, “uma resposta para seus anseios espirituais, paz para seu interior e quase sempre a conversão interior.”³⁹

Os fatores da expansão do culto, bem como sua influência no Vale do Paraíba, são de ordem geográfica e social, pois esta região está numa posição estratégica entre São Paulo e Rio de Janeiro. Há também o fator espiritual, levando esperança para as classes menos favorecidas.

³⁷ Os fiéis de várias localidades do Brasil vêm em Romaria ao Santuário de Aparecida pelo menos uma vez ao ano, chamados de romeiros. “As romarias são fruto da religiosidade popular, sendo uma de suas expressões mais fortes e muitos freqüentes. Nosso povo é muito apegado a esse tipo de manifestação religiosa; não foi nem é privilégio de pobres e analfabetos. Individualmente ou em grupo, o povo cristão sempre fez sua romagem aos santuários de sua devoção. (...) Ontem, como hoje, os peregrinos trazem tantas preocupações que os afligem mais que as penosas viagens e as íngremes ladeiras: baixos salários, doenças, falta de moradia e pobreza generalizada, buscando uma resposta.” Júlio J. BRUSTOLONI. *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida*, p. 83.

³⁸ Júlio J. BRUSTOLONI, *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida*, p. 7.

³⁹ *Ibid.*, p. 9.

Entre 1870 e 1890, com a decadência da cafeicultura nesta região, a região do Vale do Paraíba presenciou um despovoamento e mais tarde uma paralisação. Conseqüentemente não houve continuidade na expansão do protestantismo, pelo menos até início do século XX.

A Igreja Católica ainda é majoritária no Vale do Paraíba, mas atualmente há presença de inúmeras igrejas evangélicas, tanto históricas quanto pentecostais e neopentecostais. A porcentagem de crescimento das Igrejas evangélicas, na região, é grande, se comparada com a católica. Diferentemente da expansão⁴⁰ do protestantismo ocorrida no final do século XIX, o que constatamos hoje – século XIX – é um destacado aumento dos evangélicos.

De acordo com o IBGE, a região do Vale do Paraíba é composta por 39 cidades⁴¹. Separamos o total da população residente de cada município que são católicos; depois procedemos da mesma forma com os que são evangélicos, em 1990 e 2000. Procurávamos saber a porcentagem de crescimento – ou não – de ambos, nesse período censitário de 10 anos. O resultado desta pesquisa foi surpreendente, conforme a tabela abaixo nos mostra.

**Tabela 1: Porcentagem de crescimento de católicos e evangélicos
Vale do Paraíba – SP⁴²**

Porcentagem de crescimento de católicos e evangélicos – Vale do Paraíba - SP				
	1991	2000	Crescimento	Porcentagem de Crescimento
Católica Romana	1.374.883	1.500.676	125.793	9,15%
Evangélicas	159.757	309.424	149.667	93,68%

Apesar do nítido aumento do número de evangélicos no Vale do Paraíba, percebemos que essa região ainda apresenta uma característica marcante: sua “tradição”. O Vale do Paraíba:

⁴⁰ De acordo com MENDONÇA, “não se entenda por expansão exclusivamente o aumento numérico de adeptos, pois que, relativamente à população, as adesões foram pequenas. (...) O protestantismo desde o seu início se constituiu de pequenos núcleos. O que aumentou realmente foi o número de congregações que, pouco a pouco, na trilha das frentes pioneiras, foram pontilhando o mapa da Província de SP e de parte de Minas, na região fronteira com São Paulo. (...) O número crescente de pequenos núcleos podia dar uma idéia falsa de expansão (...)”. In: *O celeste porvir*. p. 152.

⁴¹ Anexo 2, p. 131.

⁴² Tabela elaborada por Maria Inêz de Lima Mortl, baseada nos dados do IBGE, Censo demográfico 2000.

Constitui importante região no cenário nacional pelo seu significativo passado e pela sua posição de destaque no presente na vida econômica, social e política do país. (...) é uma região rica em tradições. Tradição aqui entendida como o apego aos usos e costumes antigos de uma comunidade ou de um povo. São conhecimentos e práticas resultantes de fonte oral, de hábitos ou de recordação reveladoras da sabedoria popular. As festas religiosas, o rico e variado artesanato e a culinária regional são expressões vivas das tradições valeparaibanas.⁴³

Tentando encontrar informações sobre as relações entre católicos e evangélicos, encontramos apenas alguns exemplos de intolerância e fanatismo por parte de algumas pessoas, de forma isolada. Essas atitudes demonstram que, em todo o país, desde a sua colonização, no sentido religioso, havia sempre um estremecimento pelo diferente; e a região do Vale do Paraíba receberia também mais esta influência.

Pelo relato de Júlio J. BRUSTOLONI, os exemplos de intolerância e fanatismo, em nosso entender, perpassavam os dois lados: católicos e evangélicos, conforme podemos perceber no relato abaixo.

Em 1920, um pastor norte-americano quis abrir uma Casa de Oração na Ladeira Monte Carmelo, bem junto do Santuário, com o propósito de combater a idolatria, mas ele foi mandado embora pelo povo. Nas décadas posteriores, outras tentativas de fundação de igrejas evangélicas foram frustradas pelos católicos com apoio do clero. Não havia ainda o movimento de ecumenismo, o que só se deu após o Concílio Vaticano II. Mesmo depois de fundadas algumas dessas igrejas aqui em Aparecida, não houve propriamente um confronto entre seus adeptos e os católicos. Isso está acontecendo só ultimamente, sobretudo depois que o dia 12 de outubro foi decretado feriado. Como eles não suportam esse feriado, alguns grupos vêm, especialmente os fanáticos da Igreja Universal do Reino de Deus, para protestar e agredir os católicos por causa do culto prestado a Nossa Senhora Aparecida, condenando-os como idólatras.⁴⁴

Hoje, século XXI, apesar de encontramos um Vale do Paraíba com predominância do catolicismo popular e de cunho ainda devocional na maioria das cidades, constatamos um avanço no diálogo intereclesial e, em algumas localidades, o diálogo inter-religioso.

⁴³ IGREJA CATÓLICA. *Resultado da Assembléia Paroquial* – Lorena-SP, s.d.

⁴⁴ Julio J. BRUSTOLONI, *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida*, p. 116.

2. São José dos Campos - contextualização

São José dos Campos, por ser uma das cidades que fazem parte dessa região, não deixou de carregar influências desse catolicismo popular. É uma cidade de contrastes: apesar de possuir uma dinâmica própria, ser de médio porte – em torno de 600 mil habitantes –, ser referência nacional em termos de indústrias e tecnologia, possui também raízes folclóricas em determinados bairros. Ao mesmo tempo em que bairros inteiros são comparados aos de uma metrópole como São Paulo, outros apresentam uma certa estagnação em termos econômicos, políticos e até culturais.

Fundada no século XVIII – 1767 – a cidade vem, cada vez mais – a partir da década de 50 – ganhando projeção nacional. Importantes instituições foram sendo instaladas como ITA (Instituto de Tecnologia Aeroespacial) e CTA (Centro Técnico Aeroespacial); em seguida instituições de ensino e pesquisa como INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), CDT (Centro de Desenvolvimento e Tecnologia), UNESP/Faculdade de Odontologia e UNIVAP (Universidade do Vale do Paraíba), “responsáveis por programas de ensino, desenvolvimento das atividades aeronáuticas e espaciais, formação e especialização da mão de obra.”⁴⁵

Houve inúmeras transformações na economia do município justamente pela estrutura industrial presente, onde se destaca a EMBRAER (Empresa Brasileira de Aeronáutica) pelo valor de suas exportações, seguida de empresas automobilísticas e as de menor porte. Como reflexo da economia, o comércio é bem desenvolvido, influenciando as cidades adjacentes.

Pelo parque industrial, economia e comércio estruturados, SJC enfrentou – e ainda enfrenta – grandes fluxos migratórios, possuindo, assim, uma importante diversidade cultural e religiosa entre seus habitantes. Por esse motivo, o campo religioso desta cidade é vastíssimo, muito plural.

⁴⁵ Cf. *São José em dados*: informações sobre a cidade de São José dos Campos, 2001. p. 29. Prefeitura Municipal de São José dos Campos. Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente.

2.1 Nascimento das igrejas em São José dos Campos

Pesquisando SJC pelo seu aspecto religioso, descobrimos que o primeiro templo da cidade foi erguido entre os anos de 1816 e 1822⁴⁶, pertencente à Igreja católica, no centro da cidade. A “primeira igreja matriz desabou em 1831; uma nova igreja foi construída no mesmo local e inaugurada em 1870. No início [de 1930], ela foi demolida para dar lugar à atual matriz, que teve suas obras iniciadas em março de [1933], por iniciativa do Padre Fortunato Ramos”⁴⁷ e concluídas em 1936.

Para os católicos, devido ao crescimento populacional da cidade, sua urbanização e desenvolvimento – ocorridos de forma mais intensa após 1970 – houve necessidade de se criar uma diocese. Tão logo foi criada, em 01 de maio de 1981, suas atividades se estruturaram num grande número de pastorais. Conforme já mencionamos, cada diocese é responsável por determinados números de paróquias; o total de paróquias, em 2001 era trinta e seis.

Uma descoberta interessante durante as pesquisas do Município foi constatar que, no livro de registro do cartório pesquisado, após a Igreja católica, oficialmente iniciaram suas atividades os espíritas e não os evangélicos, conforme prevíamos. O início das atividades dos espíritas data de 1926, denominado Centro Religioso “Amor e Caridade”, com o objetivo de “promover e propaganda da doutrina espírita (...)”⁴⁸ no Município.

Dando continuidade à pesquisa histórica descobrimos que a primeira Igreja evangélica a se instalar na cidade foi a Igreja Cristã Evangélica (ICE), em 1928⁴⁹, no centro da cidade, sob a presidência do Rev. Acácio Julião Coutinho. De acordo com informações da própria Igreja, a mesma foi fundada em 1915, inaugurada em 1925 e organizada em pessoa jurídica em 1928; daí o registro em cartório. Esta igreja continua com suas atividades até os dias atuais.

⁴⁶ Cf. Site da Paróquia de São José: <http://www.paroquiasaojose.com.br/>, acessado em 05 de fevereiro de 2004.

⁴⁷ Robson REGATO, *São José dos Campos: o comércio e o desenvolvimento*, p.43.

⁴⁸ 1º Oficial de Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica de São José dos Campos. nº de ordem: 4, ano: 1926, mês: agosto, dia: 09, p. 2 (verso) do livro de *Inscrição de associações para fins religiosos, morais, científicos, artísticos, políticos ou de simples recreio*.

⁴⁹ *Ibid.*, nº de ordem: 5, ano: 1928, mês: fevereiro, dia: 16, p. 3.

Evangélicos de várias denominações e de outras regiões que se instalavam em SJC, pelo fato de suas respectivas Igrejas não possuírem templo próprio na cidade, se reuniam na Igreja Cristã Evangélica, convivendo de forma harmoniosa; eram eles: congregacionais, batistas, presbiterianos independentes, metodistas, assembleianos etc. “Vários anos depois, as igrejas dessas denominações se organizaram na cidade, construíram os seus templos, e se constituíram em comunidades autônomas e independentes, porém atuando em estreita comunhão com a ICE local.”⁵⁰

Demais igrejas evangélicas foram sendo construídas ao longo dos anos no município, bem como o aumento no número de paróquias da Igreja católica pertencentes à sua respectiva diocese.

Com relação às Igrejas cristãs históricas, a primeira a se instalar em São José dos Campos foi a Igreja Presbiteriana do Brasil, em 1954. Cinco anos depois instala-se a Igreja Metodista, 1959. De acordo com informações da ICE⁵¹ o início dos trabalhos da IM em SJC começaram em 1890, porém, seu início oficial foi na década de 50. A Igreja Presbiteriana Unida se estabeleceu no município em 1978, enquanto Federação das Igrejas Presbiterianas (FENIP); tornou-se IPU somente em 1983. Em São José dos Campos a IPU não possui igreja local, “tão somente residem no município o Reverendo Tércio Paulo de Almeida, sua esposa e duas filhas”⁵². A IPU passou a atuar no município pela filiação do Reverendo ao Presbitério de Jundiaí e sua esposa e filhas como eclesianas da Igreja Presbiteriana Betânia, em São Paulo.

A Igreja Luterana em SJC iniciou suas atividades a partir de 1983 na Igreja Metodista; a partir de 1992 é que suas atividades passaram a ser realizadas em sede própria, sob responsabilidade do Pastor Ernane Ropke.

3. Histórico do movimento ecumênico em São José dos Campos

A tarefa desta parte de nosso trabalho de pesquisa é apresentar tanto o período em que as Igrejas cristãs históricas e a católica iniciaram suas atividades de forma ecumênica quanto sua atuação dentro do movimento ecumênico do município. Como já

⁵⁰ Cf. MESA EXECUTIVA E ADMINISTRATIVA REGIONAL DO VALE DO PARAÍBA. *A história que precisava ser contada*, p. 34.

⁵¹ *Ibid.*, p. 112.

⁵² Questionário 1, Anexo 3, p. 132.

foi explicado anteriormente, também será citada a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, pois, apesar de ser uma igreja pentecostal, ela nos proporcionará uma comparação com as demais no que diz respeito à sua proposta – prática – de trabalho social em conjunto e também por sua participação em atividades ecumênicas do Município, com a participação “pessoal” do Pastor Sebastião Bertolino Filho, da cidade de Pindamonhangaba-SP.

3.1 Atividades ecumênicas promovidas anualmente no município

A partir de 1998 iniciam-se as seguintes atividades ecumênicas, promovidas anualmente pelas Igrejas que já possuem uma aproximação mais “madura”:

a) *Troca de correspondências*: esta atividade tem por objetivo o contato entre as Igrejas católica e evangélicas por ocasião de datas comemorativas como Páscoa, Pentecostes e Natal, numa demonstração de amizade e respeito entre os pares, através do envio e recebimento de cartões e mensagens.

b) *Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos*: este período – início da semana que antecede à festa de Pentecostes para os cristãos – tem o objetivo de intensificar os laços que aproximam as Igrejas cristãs envolvidas no diálogo ecumênico, através da oração em conjunto. Com subsídio e orientações básicas de celebrações, os textos são elaborados e sugeridos pela Comissão Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e pelo Conselho Pontifício pela Promoção da Unidade dos Cristãos, da Igreja católica. Através da secretaria executiva do CONIC, os subsídios são trabalhados de acordo com a realidade de cada diocese e Igreja cristã envolvidas no ecumenismo. De posse dos subsídios do CONIC, a Igreja católica e os Pastores das Igrejas evangélicas com suas respectivas comunidades participam, juntos, desta Semana. Esse é o período em que católicos e evangélicos realizam celebrações ecumênicas para que possam orar juntos pela unidade dos cristãos. Para que o objetivo dessa Semana seja alcançado, tanto os convites quanto os preparativos são – e devem ser – organizados com antecedência e por ambas as partes.

c) *Cursos de Formação*: este curso tem como objetivo formar as lideranças tanto católicas quanto evangélicas, para o diálogo ecumênico. Nesta formação são abordados temas e assuntos de interesse das Igrejas cristãs e visa, também, a atualização de

documentos, bem como o intercâmbio de experiências. Para ministrarem os cursos são convidados líderes de uma ou mais Igrejas, pessoas ligadas a órgãos ecumênicos oficiais, pesquisadores da área da religião ou teólogos. Esses cursos – em SJC – geralmente acontecem em recintos da Igreja católica e acontecem uma vez por ano.

d) Encontros no Vale do Paraíba: a diocese de São José dos Campos, bem como a de Taubaté, Lorena e Aparecida⁵³ encontram-se quatro vezes ao ano, cada um dos municípios acima sediando uma reunião. Esses encontros visam o estreitamento dos laços de amizade entre católicos e evangélicos, estudos mais aprofundados de documentos ecumênicos e também há a preocupação e intenção de se viabilizar trabalhos sociais em conjunto. Participam desse grupo pastores evangélicos, diversas lideranças cristãs evangélicas, bispos católicos, padres, leigos das Igrejas cristãs que também trabalham no movimento ecumênico, diáconos e seminaristas católicos.

e) Reuniões: bimestralmente, lideranças diocesanas e paroquiais católicas, que participam do MEM, se reúnem num espaço da Diocese; têm como objetivo a formação ecumênica do próprio grupo, dar orientações às paróquias, fixar metas quanto aos trabalhos ecumênicos futuros e avaliar o avanços e dificuldades do grupo com relação aos evangélicos; também são inclusas nessas reuniões as avaliações dos trabalhos da comissão, tanto diocesana quanto paroquiais. Posteriormente foi permitida a participação de evangélicos que participam do MEM.

f) Celebrações sociais: as Igrejas cristãs também trabalham na orientação, participação e contato com evangélicos e católicos quando há necessidade e solicitações de celebrações ecumênicas em eventos como formaturas escolares, eventos sociais e políticos. Na organização e viabilização dessas celebrações ecumênicas há participação das equipes do Ensino Religioso, Pastoral da Educação e Pastoral Universitária, da Igreja católica. Quando uma das Igrejas que participam do MEM é convidada a realizar uma celebração ecumênica, a mesma entra em contato com outra Igreja para que ambas possam se reunir para organizar a celebração.⁵⁴

g) Movimento Ecumênico de Mulheres do Vale do Paraíba: este movimento é uma iniciativa do CONIC, através da Nova Década Ação Ecumênica de Mulheres do

⁵³ A partir do ano 2002 “nasce” a diocese de Caraguatatuba (litoral norte paulista); portanto, hoje mais uma diocese integra o sub-regional de Aparecida-SP.

⁵⁴ É importante ressaltar que, para o MEM, “celebração ecumênica” é aquela em que um Padre (católico) e um Pastor (evangélico) realizam a celebração “juntos”. Quando há presença de somente uma das partes, será “missa” católica, ou “culto” evangélico; mas nunca uma celebração ecumênica.

CLAI – Pastoral Família, Gênero e Infância. Trabalha-se ecumenicamente temas como auto-estima, sexualidade humana e saúde reprodutiva e AIDS. Os encontros são realizados duas vezes por ano, na região do Vale do Paraíba paulista. As participantes são religiosas e leigas da Igreja católica, Pastoras, esposas de Pastores e leigas de Igrejas evangélicas.

3.2 Início e desenvolvimento do movimento ecumênico no município no triênio 1999-2001

Durante a análise de documentação na Diocese de SJC, constatou-se que a primeira celebração ecumênica na cidade data de outubro de 1990, promovida pelo sindicato dos Químicos de Jacareí e região e sendo organizada pela Pastoral Operária da Diocese e pelas Igrejas Metodista, Luterana e Presbiteriana Independente. Após esse período, as celebrações ocorreram de forma esporádica, porém, não há dados oficiais de quando ocorreram.

Mediante essas informações partimos agora para o início das atividades ecumênicas de cada igreja histórica do município, bem como sua atuação no movimento ecumênico.

a) Igrejas

A primeira atividade ecumênica realizada no município pela Igreja Presbiteriana Unida foi uma celebração ecumênica – Advento de 1998 – a convite do pároco de uma das paróquias da Igreja católica – Sagrada Família. Nesta celebração também houve participação da IM – Rev. Reinaldo – e da IECLB – Pastor Ernane Ropke.

A IPU faz parte do movimento ecumênico do município desde o estabelecimento da Comissão do Diálogo Ecumênico do Vale do Paraíba, em 1998-1999. A partir deste mesmo ano, em São José dos Campos, as atividades ecumênicas realizadas pela IPU foram as seguintes:

1999 – Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos na IECLB, na Paróquia Sagrada Família, e participação ativa no lançamento da Cartilha Ecumênica “Diversidade e Comunhão” na UNIVAP-SJC.

2000 – Celebrações da CF-2000 em várias paróquias da Igreja católica e também nas Igrejas Metodista – Jacareí e SJC e Igreja Luterana – SJC.

Neste ano, muito produtivo com relação às atividades ecumênicas do município, “vale ressaltar, que a convite da Comissão de Diálogo Ecumênico a CF-2000, foi iniciada com a presença do Secretário do CONIC, Pastor Ervino Schmidt, que celebrou abertura na Paróquia de Santana em S.J.Campos, e que o Rev. Tércio esteve nas Paróquias da Igreja Católica de Santa Branca, Jacareí até Guaratinguetá (mais ou menos 30 igrejas locais...)”⁵⁵

2001 – Celebrações ecumênicas da formatura de Direito da UNIVAP. Celebração de Advento e de Ação de Graças pelo assentamento e conquista do título da Fazenda Santa Rita, pelo MST, hoje denominada Fazenda Nova Esperança.

A Igreja Luterana realizou a primeira atividade ecumênica em SJC nos anos 80. De acordo com o Pastor Ernane Ropke “o Pastor Ivário Iries que atendia a comunidade na época, chegou a participar de celebrações”⁵⁶ ecumênicas.

A IECLB faz parte do movimento ecumênico do município desde 1997, dando continuidade e incentivo. Em 1996 o Pastor Ernane Ropke participou do I Curso de Formação Permanente: Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso, realizado pela Diocese de SJC e organizado pelo MOFIC de São Paulo. Dois anos depois, houve participação em cursos de formação do recente MEM, bem como nos encontros ecumênicos em nível de Vale do Paraíba.

No triênio 1999-2001 houve participação da IECLB nas inúmeras atividades ecumênicas do Município, como: lançamento da cartilha “Diversidade e Comunhão”, na UNIVAP-SJC; Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, celebrações de formatura em colégios e universidades, celebrações no CTA, nas paróquias da Igreja católica etc., e participação na inauguração da capela ecumênica do INPE.

Os pontos positivos obtidos pela IECLB ao participar do movimento ecumênico, conforme o próprio pastor é devido à “integração com irmãos de outras denominações e o fortalecimento da fé cristã”.⁵⁷

⁵⁵ Questionário 1, Anexo 3, p. 132.

⁵⁶ Questionário 2, Anexo 3, p. 140. Não há registro das celebrações ecumênicas realizadas na década de 80.

⁵⁷ *Ibid.*

A Igreja Metodista, numa postura que se iguala às demais Igrejas acima, sempre esteve presente nas atividades ecumênicas do município, bem como faz parte do movimento desde agosto de 1999. Porém, em 1998, teve participação na Celebração Ecumênica do “Advento”, juntamente com a IPU e a Igreja católica.

No triênio 1999-2001⁵⁸ a IM participou das seguintes atividades ecumênicas:

1999 – Preparativos para a CF-2000 – Ecumênica; Celebração especial de Páscoa com presença do Assessor Diocesano do Diálogo Ecumênico – Padre Sebastião César Barbosa; participação de um representante da IM em Itaiçi⁵⁹ e presença no lançamento da cartilha “Diversidade e Comunhão”, na UNIVAP-SJC.

2000 – A IM cria o Departamento Sócio-Religioso para desenvolver o diálogo ecumênico; através desse Departamento, participa da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, de encontros de formação de padres, pastores e leigos cristãos e da CF-2000 – Ecumênica.

2001 – Participação em Celebrações Ecumênicas do Município (em Instituições Financeiras, Universidades etc.); promove um debate sobre “fé e política” na Câmara Municipal, em parceria com a Igreja católica.

Com relação à Igreja católica, todas as dioceses do Brasil começaram a estruturar suas pastorais dentro das normas e orientações do documento Projeto Rumo ao Novo Milênio – PRNM – da CNBB a partir de 1996. Assim, as atividades ligadas ao diálogo ecumênico na Diocese de São José dos Campos tiveram início somente nesta data.

O PRNM nasceu do encontro da carta apostólica *Tertio Millenio Adveniente* do Vaticano mais as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora, da CNBB; propôs uma ação orgânica e continuada através de quatro exigências da evangelização da Igreja católica. São elas: serviço, diálogo ecumênico e inter-religioso, anúncio do Evangelho e testemunho da comunhão eclesial.

⁵⁸ Quando iniciei a pesquisa de campo, no ano de 2003, o Pastor responsável pela Igreja Metodista de SJC havia sido transferido para outra cidade. Portanto, apesar de não ter havido tempo hábil para que o questionário enviado por mim fosse respondido, as informações colhidas sobre esta Igreja foram fornecidas pelo Diácono da Igreja Metodista Leandro Mascarenhas de Andrade. Também tive acesso a relatórios, fotos e outras informações dessa Igreja através de padres da Igreja católica e de pastores de outras denominações cristãs.

⁵⁹ Itaiçi é um sub-distrito de Indaiatuba-SP, onde está localizado o Colégio dos Jesuítas, e que sedia, anualmente, encontros ecumênicos em nível estadual e nacional.

O PRNM, no objetivo de nortear os trabalhos pastorais das dioceses, orientou para que se levasse em conta o seguinte quadro⁶⁰ de equivalências:

Tabela 2: Projeto Rumo ao Novo Milênio – Quadro de Equivalências⁶¹

Dimensões	Exigências	Novo Testamento	Vaticano II
Comunitário-participativa. Bíblico-catequética. Litúrgica	1. Testemunho da comunhão eclesial	Martyria Koinonia	Lumen Gentium Dei Verbum Sacrosanctum Concilium
Sócio-transformadora	2. Serviço e participação na sociedade	Diakonia	Gaudium et Spes
<i>Ecumênica e de diálogo Inter-Religioso</i>	3. <i>Diálogo</i>	<i>Encontro do Evangelho com a cultura pagã (At17)</i>	<i>Unitatis Redintegratio Nostra Aetate</i>
Missionária	4. Anúncio do Evangelho	Kerygma	Ad Gentes

Os dois principais documentos que foram utilizados como base de estudo para a exigência do diálogo ecumênico – conforme se verifica no quadro acima – foram: *Unitatis Redintegratio* (UR), decreto do Vaticano concluído em 1964 que mostra a visão da Igreja católica para o diálogo com outras Igrejas cristãs; e *Nostra Aetate* (NA), uma declaração elaborada também pelo Vaticano um ano depois – 1965 – onde aborda o Ecumenismo e as relações da Igreja católica com as religiões não-cristãs.

Em 1996, a comissão para o diálogo ecumênico ainda não havia sido montada, o que não impediu de ser realizado o “I Curso de Formação Permanente: Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso”, que teve como objetivo esclarecer o “ecumenismo”. Os participantes, em sua maioria, foram padres e diáconos do Sub-Regional de Aparecida – São José dos Campos, Taubaté, Lorena e Aparecida –, com a presença do Pastor Ernane Röpke da IECLB, dando seu testemunho sobre o ecumenismo. Este curso foi realizado na Diocese de São José dos Campos e organizado pelo Padre Bizon, responsável pelo Movimento de Fraternidade Cristã – MOFIC – de São Paulo⁶².

A partir de 1998 a diocese de SJC promove – com apoio das Igrejas cristãs históricas – cursos de formação para os envolvidos no movimento ecumênico. Também

⁶⁰ Cf. CNBB, *Projeto Rumo ao Novo Milênio*, p. 71.

⁶¹ Cf. DIOCESE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, *Projeto diocesano de evangelização*, p. 14.

⁶² Cf. DIOCESE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, Pasta 1, *Comissão para o Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso*, 1996.

neste ano iniciaram-se os encontros ecumênicos em nível de Vale do Paraíba, com o objetivo de fortalecer as relações entre católicos e evangélicos.

1999 – um dos períodos escolhidos como objeto de estudo – é que se estrutura efetivamente a Comissão Diocesana do Diálogo Ecumênico. Nesse ano católicos e evangélicos de várias cidades participaram de um grande evento em São José dos Campos: foi o lançamento da cartilha “Diversidade e Comunhão”, elaborada em conjunto pelo CLAI e pelo CONIC. O lançamento oficial desta cartilha aconteceu em Brasília – sede do CONIC e da CNBB, porém, também foi lançada de forma oficial na diocese de São José dos Campos, uma das únicas cidades a fazê-lo; houve participação de representantes do CLAI, do CONIC, da KOINONIA e de diversas Igrejas cristãs da cidade.

Fazendo parte de um período forte e positivo – de acordo com os católicos –, o ano de 1999 na cidade, além das atividades ecumênicas habituais, foi especialmente movimentado e produtivo. Houve apoio e participação na inauguração da capela ecumênica do INPE; realização da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos e de cursos de formação ecumênica para católicos e evangélicos etc.

2000 – realização da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos; da Via-Sacra Ecumênica; da CF-2000 – Ecumênica e demais atividades ecumênicas realizadas anualmente.

2001 – o número de paróquias da diocese que possuem a comissão aumentou e as atividades ecumênicas anuais continuaram. Os estudos e temas abordados em conjunto com as demais Igrejas cristãs foram mais aprofundados.

Detectando o andamento dos trabalhos durante todo esse ano pudemos notar que a partir de agosto algumas coisas se tornaram diferentes das dos anos anteriores. Nesse mês, o padre coordenador diocesano foi para a Armênia como missionário; a partir daí houve insegurança com relação aos rumos do ecumenismo na cidade, pois com sua saída, o apoio da Igreja católica para com o ecumenismo – com exceção do bispo diocesano – ficou arrefecido; seus sucessores estavam iniciando no ecumenismo.

Na Igreja católica, para se dialogar de forma autêntica e proveitosa, há necessidade das seguintes disposições, conforme orientação da CNBB⁶³: a) equilíbrio, que une abertura e realismo; b) convicção, que permite expressar com sinceridade e

⁶³ Cf. CNBB, Doc. 77, *Missão e ministérios dos leigos e leigas cristãos*, p.82.

integridade a própria fé; c) busca do aprofundamento da verdade, inclusive da compreensão mais completa da própria fé; d) Disposição para acolher com gratidão os dons de Deus e os frutos do próprio diálogo.

A Igreja Evangélica Assembléia de Deus⁶⁴ foi fundada em Pindamonhangaba, interior de SP, região do Vale do Paraíba, em 1948. A IEAD está ligada à do Belenzinho – São Paulo – e no triênio 1999-2001 dois pastores presidentes eram responsáveis por ela: Samuel G. Bezerra e Paulo Silva. Porém, o Pastor participante e representante desta Igreja em SJC é Sebastião Bertolino.

Oficialmente a IEAD não faz parte do movimento ecumênico de SJC, entretanto, “extra oficialmente ela designa alguns pastores para ações ecumênicas como: formatura, aniversário, sepultamento.”⁶⁵

A primeira atividade ecumênica realizada em SJC por esta Igreja foi por ocasião do aniversário do município, em 1988, em decorrência dos cem anos de abolição da escravidão. No triênio 1999-2001, participou das seguintes atividades ecumênicas: Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos; celebrações ligadas à Campanha da Fraternidade-2000 ecumênica; diversas celebrações de formatura e demais celebrações ecumênicas em nível estadual, regional e municipal, juntamente com o MEM.

Os relacionamentos interpessoal e intereclesial desta Igreja com o MEM são sólidos, atuantes e permanentes.

A atuação da Igreja Presbiteriana do Brasil em SJC teve início em 1952, porém, é organizada como pessoa jurídica em 1954. A primeira atividade ecumênica realizada pela IPB em SJC data de 1993⁶⁶. No triênio 1999-2001, sob a responsabilidade do Pastor Naity Wesley S. Gripp, a IPB só não teve participação no MEM em 1999, pois estava em processo de eleição do novo Pastor. Seu envolvimento no MEM e nas atividades ecumênicas nos anos posteriores foi a seguinte:

2000 – participação em celebrações ecumênicas: em escolas (formaturas), em datas sociais comemorativas etc.

⁶⁴ A justificativa para a inclusão de uma Igreja pentecostal na pesquisa já foi mencionada na apresentação deste trabalho.

⁶⁵ Questionário 11, Anexo 3, p. 146.

⁶⁶ Conforme o Pastor Naity, no período de 1993 a 1998, a IPB participou de atividades ecumênicas, porém não há registro. O responsável pela IPB nesse período era Pastor Hudson Correia Lopes.

2001 – participação na Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos e em várias celebrações ecumênicas sociais (menores de rua, trabalho infantil etc.).

b) *Atividades conjuntas*

Em maio de 1999 católicos e evangélicos de várias cidades participaram de um grande evento em São José dos Campos: foi o lançamento da cartilha “Diversidade e Comunhão”⁶⁷, elaborada em conjunto pelo CLAI e pelo CONIC. O lançamento oficial desta cartilha aconteceu em Brasília – sede do CONIC e da CNBB, porém, também foi lançada de forma oficial na Diocese de São José dos Campos, uma das únicas cidades a fazê-lo; houve participação de representantes do CLAI, do CONIC, do KOINONIA e de diversas Igrejas cristãs da cidade.

Em outubro desse mesmo ano a Igreja católica e a Igreja Luterana, em Augsburg – Alemanha – assinaram a Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação. Foi um passo importantíssimo no diálogo entre as duas Igrejas, que se reconciliaram, superando as divergências sobre a questão da salvação. Agora, ambas passam a professar que a salvação é decorrente da fé e não das boas obras; mas, que, “embora as boas obras não levem à salvação, elas são consequência natural da fé (...)”⁶⁸

Em São José dos Campos essas duas Igrejas discutiram o documento e celebraram⁶⁹, firmando os laços que as uniam anteriormente na caminhada ecumênica da cidade. Esse fato aconteceu na Paróquia de Sant’Ana do Paraíba organizado pelo pároco, Padre Sebastião César Barbosa, com a presença também das seguintes pessoas: Pastor Ernane Ropke – Igreja Luterana/SJC; Rev. Luis Caetano Greco Teixeira – Igreja Anglicana/CLAI; Pastor Sebastião Bertolino Filho – Igreja Assembléia de Deus/Pindamonhangaba; Rev. Tércio Almeida – Igreja Presbiteriana Unida/SJC; Diácono Hamilton Bontorim de Souza – Paróquia de Sant’Ana/SJC e Diácono Joaquim Mendes Pereira Neto – Paróquia de Sant’Ana/SJC.

Merece destaque também a inauguração de uma “capela ecumênica” no interior do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais em SJC. Sabemos bem que, na modernidade, a relação entre ciências – em particular as exatas – e a religião tem sido muito tensa e de mútuas negações. Por isso, a inserção do aspecto religioso num centro de pesquisas espaciais foi notoriamente surpreendente. Hoje, esta capela é utilizada,

⁶⁷ Anexo 4, p. 151.

⁶⁸ Cf. Pastor Ernane ROPKE, Anexo 5, p. 154.

⁶⁹ Anexo 4, p. 152.

com horários diversificados, por pessoas de religiões e denominações cristãs diversas. Portanto, é um espaço de fé dentro de uma instituição científica.

Outra característica do período pesquisado foi a participação positiva por parte dos pastores em todas as atividades, porém, ainda estavam em processo de conhecimento mútuo, tanto com relação à comissão e às outras Igrejas, bem como no aspecto de confiança na Igreja católica especificamente. Assim, apesar do interesse em participar do movimento ecumênico alguns pastores não o viam – ainda – como “porto seguro”.

As Igrejas cristãs que fazem parte do MEM concordam entre si de que uma das tarefas prioritárias das Igrejas cristãs é:

Assumir o ecumenismo como um compromisso de todos os membros da Igreja – a fim de superar a distância entre as orientações dos documentos magisteriais e a prática pastoral e evitar reduzi-lo a uma ação de pequenos grupos ou carismas pessoais.

É nossa esperança que o ecumenismo seja assumido como uma dimensão essencial da Igreja e não como uma atividade opcional.⁷⁰

A relação entre católicos e evangélicos que desejavam realmente o ecumenismo ficou mais sólida a partir do ano 2000. De acordo com o Pastor Tércio Almeida, da IPU “o ecumenismo já está cristalizado em nosso ser e também em nossos trabalhos; não há como voltar atrás; passou a fazer parte de nosso projeto de vida”⁷¹.

Para a Igreja católica, apesar dos laços mais solidificados entre ela e os evangélicos, houve um certo mal-estar, uma quase ruptura na continuidade dos trabalhos em decorrência Declaração *Dominus Iesus*⁷² elaborada pelo prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, do Vaticano, Joseph Card. Ratzinger. Esta declaração esclarece sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja católica.

Pelo abalo sofrido por esse documento, o movimento ecumênico do Brasil e também de São José dos Campos se viu retraído. Mesmo tendo acesso aos documentos e notas da CNBB reafirmando o compromisso ecumênico da Igreja católica, foi de forma muito apreensiva e desanimadora o estudo sobre as “respostas” à referida

⁷⁰ Cf. Reunião das Comissões Episcopais de Ecumenismo na América Latina e do Caribe, realizada na Cidade do México em 06 de agosto de 1998. Cf. Anexo 6, p. 155.

⁷¹ Questionário 1, Anexo 3, p. 132.

⁷² CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Declaração Dominus Iesus*, passim.

declaração por parte das Igrejas evangélicas. Mas, de forma menos intensa, as atividades ecumênicas continuaram.

Um outro fato marcante investigado ocorreu na Paróquia de Sant'Ana, sob a responsabilidade do pároco Padre Sebastião César Barbosa, então Assessor Diocesano para o Diálogo Ecumênico; foi realizada uma “via-sacra” ecumênica, em praça pública, com a presença de pastores e padres do município⁷³ para o lançamento da Campanha da Fraternidade – CF – do ano de 2000. Inédita na cidade, uma via-sacra ecumênica foi surpreendente, por ser via-sacra uma oração em memória à Paixão e Morte de Jesus Cristo, especificamente católica.

O objetivo geral da CF-2000 ecumênica foi “unir as Igrejas cristãs no testemunho comum da promoção de uma vida digna para todos, na denúncia das ameaças à dignidade humana e no anúncio do Evangelho da paz.”⁷⁴

Com relação a essa questão verifica-se que todos os que entram no movimento ecumênico trazem elementos novos; no interior do movimento há uma grande socialização de idéias, doutrinas, rupturas e também do que há em comum entre os pares, cada um com sua identidade própria; quando retornam às suas Igrejas e/ou paróquias, o fazem já com uma nova visão, com novos elementos. Não se sai “imune” desse movimento.

Há continuidade dos trabalhos e estudos com o objetivo de melhorar o conhecimento sobre o “outro”. Houve possibilidade e continuidade na escolha de temas polêmicos entre e para as Igrejas cristãs do grupo. Esse tipo de trabalho contribuiu ainda mais para a compreensão do que vem a ser unidade na diversidade. Também importante foi o número de paróquias da Igreja católica que estruturaram a “comissão para o diálogo ecumênico”, abrindo o leque de contatos nos bairros entre leigos, padres e pastores que buscam o diálogo.

O número de paróquias da Igreja católica que possuem a comissão do diálogo ecumênico aumentou – a partir de 2001 – favorecendo um pouco mais o contato com os evangélicos. Nesse período, os estudos passaram a ser mais profundos e as atividades anuais tiveram continuidade.

⁷³ Anexo 4, p. 153. Os pastores foram os mesmos apresentados por ocasião do estudo da “Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação”, na cidade de SJ. C.

⁷⁴ Cf. Manual CF-2000 Ecumênica, elaborado pelo CONIC, com o tema *Dignidade humana e paz: novo milênio sem exclusões*, p. 22.

Um fato marcante, de acordo com minhas pesquisas, foi o reconhecimento por parte dos pastores evangélicos e dos padres e leigos católicos sobre a confiança entre os pares e a amizade enraizada; em conversa informal com os Pastores, disseram-me que, apesar dos percalços que o movimento ecumênico sempre enfrentará, esse respeito existente entre os envolvidos sempre permanecerá.

Detectando o andamento dos trabalhos do MEM também constatamos a importância e a confiança – tanto dos evangélicos quanto dos católicos - na liderança que dirige e organiza o movimento ecumênico, pela colaboração na sustentação do próprio grupo. Mesmo quando se encontra arrefecido, o movimento tende a prosseguir com suas atividades.

Apresentamos agora os doze passos sugeridos pelo Movimento Ecumênico em SJC. De acordo com a liderança do MEM, esses passos devem ser estudados e refletidos por todos os membros do movimento (católicos e evangélicos), pois, assim, estarão plenamente preparados – subjetiva e objetivamente – para o contato com o “diferente”. Parte-se do pressuposto que para “ser ecumênico”, com convicção, há necessidade de se “viver” esses doze passos⁷⁵. São eles: a) orar regularmente pela unidade; b) estar enraizado numa Tradição Cristã, ou seja, ser batizado numa Igreja; c) ser ativo na renovação da própria Igreja; d) ser fascinado e curioso por aquilo que é diferente; e) estar aberto à aprendizagem; f) ser capaz de cultivar uma consciência histórica; g) estar disposto a celebrar a Vida no Corpo de Cristo onde quer que seja; h) ser capaz de trabalhar unidos; i) ser capaz de sentir o “escândalo das divisões”; j) estar aberto à vontade de Deus para a Igreja; k) estar atento à presença de Deus e a Ação do Espírito Santo nas vidas de outros cristãos; l) ter paciência histórica.

As cinco etapas⁷⁶ do diálogo seguidas sempre pelo movimento ecumênico são: a) identidade bem definida – autocrítica; b) aspectos comuns – favorece o diálogo – o que há em comum; c) aspectos divergentes – como enriquecimento – unidade na diversidade; d) diminuição do ateísmo – a unidade na diversidade para que o mundo creia; e) trabalho em conjunto – ações em comum – trabalho concreto.

⁷⁵ Cf. DIOCESE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, *Comissão do Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso*, Pasta 1, s/d.

⁷⁶ Cf. DIOCESE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, *Comissão do Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso*, Pasta 1, s/d.

Abaixo, uma orientação do Conselho Pontifício para Unidade dos Cristãos, da Igreja católica. Apesar de se tratar de um documento internacional, decidimos citá-lo aqui pelo fato do MEM “viver” um diálogo que expressa o que esse documento diz.

O diálogo está no centro da colaboração ecumênica e a acompanha em todas as suas formas. O diálogo exige que se escute e responda, que se tente compreender e fazer-se compreender. É estar disposto a questionar e, por sua vez, a ser questionado. É comunicar algo em si e ter confiança no que os outros dizem de si próprios. Cada um dos interlocutores deve estar pronto a clarificar sempre mais e a modificar os pontos de vista pessoais e as formas de viver e agir, deixando-se guiar pelo amor autêntico da verdade.

A reciprocidade e o engajamento mútuo são elementos essenciais ao diálogo e, da mesma maneira, o sentimento de igualdade entre os interlocutores. O diálogo ecumênico permite que os membros das diferentes Igrejas e comunidades eclesiais cheguem a conhecer-se uns aos outros, a identificar os temas de fé de prática comuns e os pontos sobre os quais diferem.

Tentam compreender as raízes dessas diferenças e avaliar em que medida constituem uma verdadeira barreira à comunhão, tentam encontrar meios para ultrapassar à luz desses pontos da fé que possuem já em comum.⁷⁷

Pelo que foi sentido durante a pesquisa, os que são realmente ecumênicos nunca deixarão de sê-lo; já houve uma mudança interior, uma transformação pessoal, uma nova visão de realidade. Também detectamos muitas dificuldades enfrentadas pelo grupo pesquisado, mas que o relacionamento interpessoal e intereclesial – já sólidos – dificilmente mudará.

Assuntos relacionados à doutrina, teologia, trabalho em comum, o diálogo em si, bem como as dificuldades e transformações encontradas e vividas pelo grupo, serão abordados nos capítulos posteriores.

⁷⁷ cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, *Diretório para aplicação dos princípios e normas sobre o Ecumenismo*, (172), p. 134.

4. Protestantes e católicos no Brasil – relações intereclesiais

... Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto.
 Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto.
 É que Narciso acha feio o que não é espelho,
 e a mente apavora o que não é mesmo velho,
 nada do que não era antes, quando não somos mutantes...
 ... Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso...
 Caetano Veloso, *Sampa*.

Quando o assunto é “diálogo” ecumênico, não podemos nos esquecer de que sempre houve o contato com o “outro” de igreja diferente no Brasil, desde a Colônia, ou seja, o contato entre protestantes e católicos. É importante que se ressalte isso porque – felizmente – podemos observar uma evolução nas relações intereclesiais do século XVI até os dias atuais. É o que veremos agora, de forma resumida, até chegarmos à região do Vale do Paraíba, que é nosso objetivo.

De acordo com Elias WOLFF,

As relações intereclesiais são dependentes da imagem que as igrejas possuem umas das outras, imagens que se configuram a partir das circunstâncias históricas e das motivações pessoais. Essas imagens estão na base das relações entre os cristãos, as quais, no Brasil, assumem três principais características: a controvérsia apologética, em que vigora o espírito de polêmica, calúnia e afronta; o respeito crítico, com um espírito de tolerância; e a convivência, com espírito de diálogo e cooperação.⁷⁸

O período em que o Brasil era colônia de Portugal realmente foi tido como “intolerante” ou “proibitivo” com relação aos protestantes ou às outras Igrejas cristãs que não fosse a religião do Estado: a católica. Foi um período de polêmica de ambas as partes, pois, sendo o catolicismo a religião oficial do Estado e, portanto, majoritária, não pôde permitir expressões do protestantismo. “Como religião oficial, o catolicismo reforçava as leis proibitivas da penetração de outros credos no país, vinculando seus projetos missionários com os interesses políticos da nação.”⁷⁹

Analogamente, os protestantes, acusando o catolicismo de não ser uma religião verdadeira, procuravam se instalar como podiam no seio da sociedade. Foi um período muito difícil, onde ambas possuíam uma imagem completamente diferente do que cada uma era e atuava na realidade.

⁷⁸ Elias WOLFF, *Caminhos do ecumenismo no Brasil*, p. 34. Grifo meu.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 28.

Sobre esse clima de polêmica nas relações entre as partes Elias Wolff nos lembra que “(...) é evidente que o contexto de polêmica constitui um obstáculo para as relações intereclesiais. Felizmente, mudanças radicais aconteceram no interior das igrejas e elas passaram, então, a assumir um comportamento de tolerância mútua”.⁸⁰ Esse comportamento de tolerância mútua aconteceu no Brasil Império - início do século XIX; período este que os protestantes anglo-saxões começam a chegar e a se estabelecer no Brasil, já enfrentando uma certa liberdade religiosa.

De maneira progressiva, a hegemonia da Igreja católica foi sendo reduzida e os protestantes foram conseguindo conquistar seu lugar na sociedade brasileira, apesar de certas restrições quanto à construção de templos e aos lugares de culto.

A Constituição de 1824, por questões políticas, econômicas e conseqüentemente religiosas, deu relativa abertura e tolerância aos protestantes, por parte do governo e da Igreja católica. Esta Constituição estabelecia, por exemplo, que respeitada a religião oficial, ninguém seria perseguido por questões de religião. Apesar de ainda enfrentarem restrições, foi de suma importância para os protestantes os direitos adquiridos.

Já para Braga e Grubb “até o fim do século XIX viveu-se no Brasil um período de legislação restritiva quanto à imigração e os obstáculos aos imigrantes acatólicos eram tão grandes que alguns protestantes definiram esse período como a ‘idade das trevas’.”⁸¹

Somente no Brasil-República – mais especificamente início do século XX – com as mudanças na política brasileira bem como pela separação entre Igreja e Estado é que, pelos menos em lei, os protestantes tiveram liberdade religiosa em nosso país. É importante ressaltar que aconteceram mudanças internas na Igreja católica e em outras denominações aqui instaladas. Sendo assim, não somente por mudanças externas mas também internas é que se nota uma modificação nas relações intereclesiais. Foi um processo lento, e “por volta do ano 1920, católicos e protestantes viveram um dos últimos conflitos que marcaram a fase da polêmica.”⁸². E mais,

A história das relações entre as igrejas mostra que mesmo sem reconhecer a legitimidade da fé do outro, cristãos de uma determinada tradição eclesial

⁸⁰ Elias WOLFF, *Caminhos do ecumenismo no Brasil*, p. 36.

⁸¹ cf. BRAGA, E; GRUBB, K.G, *The Republic of Brasil: a survey of the religious situation*. London, 1932, p. 47. In: Elias WOLFF, *Caminhos do ecumenismo no Brasil*, p. 28.

⁸² cf. Elias WOLFF, p. 36.

desenvolvem relações amigáveis com membros das outras igrejas. As motivações são múltiplas, destacando-se os laços de parentesco, a curiosidade em conhecer de perto a fé do outro e, inclusive, motivos políticos (...). Na atualidade, muito contribui para isso a legitimidade do pluralismo eclesial/religioso, uma vez que nenhum credo pode se impor como única orientação religiosa da sociedade. Assim, o ‘respeito crítico’ indica que mesmo se não se compreende a fé do outro, há o reconhecimento que ele tem o direito de vivê-la como caminho na sua relação com o Transcendente.⁸³

Podemos resumir então que, juridicamente, do século XVI ao século XIX o conflito eclesial estabelecido no Brasil possuiu três etapas nas quais predominavam: Colônia: proibição; Império: tolerância e República: liberdade religiosa.

No século XX – décadas de 40 a 60 – a questão ecumênica já fazia parte da opinião de alguns cardeais do Vaticano. Podemos arriscar dizer que a abertura da Igreja Católica para o diálogo ecumênico já estava sendo “gestada” nesse período. Porém, somente a partir do Concílio Vaticano II – década de 1960 – é que a Igreja católica assume a dimensão ecumênica de forma oficial, passando a ser vista pelos protestantes históricos como uma Igreja-irmã.

As conseqüências desse Concílio foram favoráveis para essa nova relação entre as partes, tendo em vista o surgimento de uma nova teologia por parte da Igreja católica, pelo seu engajamento nas questões sociais, a consciência eclesial por parte das comunidades de base etc. E a relação desta com os protestantes também foi esclarecida e oficializada pelos documentos elaborados em favor do respeito e da aproximação com os acatólicos a partir de então.

A Igreja católica, portanto, passa a vista pelos protestantes,

(...) como uma Igreja-irmã, mesmo quando fizer questionamentos críticos a ela. Serão questões em família. A fase polêmica entre catolicismo e protestantismo pode e deve ceder sempre de novo e cada vez mais, à fraternidade e à cooperação. Isso será dito tanto a católicos quanto a nós protestantes.⁸⁴

Esse processo de evolução das relações entre católicos e protestantes propiciou uma “reconstrução” da imagem que uma Igreja tem da outra; e, é nessa reconstrução que se dá o nascimento do movimento ecumênico no Brasil. Conforme Elias Wolff,

⁸³ Elias WOLFF, *Caminhos do ecumenismo no Brasil*, p. 37.

⁸⁴ ALTMANN, W., *De que maneira os protestantes entendem a contribuição dos católicos no Brasil*. In: MATEUS, O.P. (Ed.). *Teologia no Brasil*, p. 197.

O contexto de serenidade nas relações permite a reconstrução da imagem que uma igreja tem da outra e perceber que existe entre elas um ‘rosto de irmãos’. Nesse contexto situa-se o nascimento e crescimento do movimento ecumênico no Brasil, de modo que, pelo menos entre as igrejas participantes do CONIC, a situação atual poderia ser qualificada de convivência ativa, com múltiplos contatos e colaborações entre as igrejas.⁸⁵

4.1 Tipologia do Protestantismo Brasileiro

Pesquisadores, estudiosos da religião e teólogos dividem o Protestantismo Brasileiro em duas categorias: protestantismo de missão e protestantismo de imigração.

Ambos destacaram-se por reunir as primeiras Igrejas que se estabeleceram no Brasil, colocar a Bíblia nas mãos do povo, construir os primeiros templos, abrir as primeiras escolas e seminários protestantes, bem como ordenar os primeiros pastores brasileiros.

Abaixo apresentamos as duas categorias, de forma resumida, mas com o objetivo de expor a finalidade de cada uma delas.

a) *Protestantismo de Missão*: as Igrejas de missão foram “formadas a partir de iniciativas de missionários norte-americanos na segunda metade do século”⁸⁶ XIX – a partir de 1855. Para o protestantismo missionário, “o Brasil precisava ainda ser evangelizado e nisso estava a razão de sua presença no país. A tarefa missionária dos protestantes tinha como objetivo eliminar as ‘superstições católicas’, consideradas a causa do atraso material e moral do povo.”⁸⁷

Fazem parte do protestantismo de missão as Igrejas Batistas, Congregacionais, Episcopais, Metodistas e Presbiterianas.

Das Igrejas acima mencionadas, as que são oficialmente ecumênicas no Brasil são: Igreja Metodista, Igreja Presbiteriana Unida e Episcopais.

b) *Protestantismo de Imigração*: essas Igrejas “não criaram raízes no Brasil com a finalidade de ‘converter’ os católicos em protestantes (...)”⁸⁸; seus fiéis vieram como

⁸⁵ Elias WOLFF, *Caminhos do ecumenismo no Brasil*, p. 38. Grifo meu.

⁸⁶ cf. Texto-Base: *Vida e esperança nas massas*, pp. 56-57.

⁸⁷ Elias WOLFF, *Caminhos do ecumenismo no Brasil*, p. 36.

⁸⁸ cf. Texto-Base: *Vida e esperança nas massas*, pp. 56-57.

colonos no período de imigração do século XIX no Brasil – a partir de 1824. É importante lembrar que os primeiros imigrantes a chegar no Brasil foram os alemães.

As Igrejas provenientes desse protestantismo são: Anglicana, Luterana e Reformadas. São oficialmente ecumênicas as Igrejas Anglicana e Luterana.

De missão ou de imigração, o Protestantismo Brasileiro nasceu permeado de dificuldades de adaptação e ação num país majoritariamente católico e intolerante de ambas as partes, mas que no decorrer dos séculos conseguiu solidificar suas raízes e tornar visível trabalhos missionários frutíferos, com identidade própria em meio ao pluralismo religioso, vencendo todo tipo de preconceitos e com taxas de crescimento ascendentes.

Para Robinson CAVALCANTI, o protestantismo veio para ficar, é parte do cenário sócio-religioso brasileiro.⁸⁹

5. O movimento ecumênico no Brasil

Os protagonistas do Movimento Ecumênico no Brasil foram os missionários protestantes. De 1903 a 1982 o movimento ecumênico do país era interprotestante, ou seja, era um movimento – organização – que objetivava a união das Igrejas evangélicas no Brasil. Seu início foi em 1903, quando da criação da Aliança Evangélica Brasileira (AEB); posteriormente – em 1920 – criou-se a Comissão Brasileira de Cooperação (CBC), em 1920 e, por fim, com início em 1934 da Confederação Evangélica Brasileira (CEB).

Os períodos mencionados, quando o diálogo acontecia somente no interior do protestantismo missionário, tiveram características comuns: projetos de evangelização unificados, o anticatolicismo e a acentuação da herança comum. Mas fatores internos das Igrejas, como divisões, bem como políticos como a ditadura militar, por exemplo, acabou impedindo um maior desenvolvimento do movimento ecumênico no país. Porém, “os ideais ecumênicos no Brasil, apesar dos empecilhos, não morreram e muitas lideranças continuaram a trabalhar em organizações que sobreviveram à ditadura (...)”.⁹⁰

⁸⁹ *Protestantismo brasileiro*. In: Revista ULTIMATO, set/out 2002, p. 40.

⁹⁰ IGREJA METODISTA. *Conversando sobre ecumenismo*. 3ª Região Eclesiástica. Assessoria ecumênica, p. 19.

A partir da década de 50 o movimento ecumênico se expande pelo Brasil e o diálogo não se restringe somente no interior do protestantismo missionário, pois luteranos e anglicanos também passaram a participar.

Em 1982 é retomado o objetivo de “unir as igrejas em um organismo representativo”. Por esse motivo é criado, neste ano, o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC). A constituição deste Conselho “caracteriza uma nova fase na história do movimento ecumênico no Brasil, como o período da consolidação das convicções ecumênicas dos cristãos brasileiros que já de longa data vêm se posicionando a favor da unidade.”⁹¹

O CONIC é, portanto,

uma Associação fraterna de igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador. Unidas pelo amor de Deus, pela confissão de fé comum e pelo compromisso com a missão, as Igrejas-Membro sentem-se chamadas a um testemunho comum do Evangelho e ao exercício do amor e do serviço, especialmente aos mais necessitados.”⁹²

Em vinte anos de atuação, o CONIC, hoje, é reconhecido em todo o país pela seriedade com que conduz suas linhas de trabalho, priorizando os direitos humanos e os valores do Evangelho.

5.1 Igrejas integrantes do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC)

A partir da criação do CONIC em 1982, definiu-se melhor a “metodologia” e a “estrutura” do empenho ecumênico no Brasil, “vinculando o diálogo teológico e o pastoral, o diálogo igreja-igreja e o diálogo igrejas-sociedade”.⁹³

O que dá condições para o real funcionamento deste organismo ecumênico é o grau de compromisso das suas igrejas-membro. As igrejas pertencentes ao CONIC são as seguintes: Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Católica Ortodoxa Siriana do Brasil, Igreja Cristã Reformada do Brasil, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Igreja

⁹¹ cf. Elias WOLFF, p. 128.

⁹² Cf. Endereço eletrônico do CONIC: <http://www.conic.org.br>, site acessado em 14 de fevereiro de 2004.

⁹³ Elias WOLFF, *Caminhos do ecumenismo no Brasil*, p. 128.

Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Metodista e Igreja Presbiteriana Unida do Brasil.

O CONIC atua basicamente em duas dimensões: a) na aproximação entre as Igrejas-membro e b) na solidariedade frente aos problemas que angustiam o povo. Este organismo ecumênico “provê às Igrejas importantes espaços para promover continuamente o estreitamento de seus laços fraternos e para a superação de divergências históricas e doutrinárias.”⁹⁴ Preocupando-se com os problemas sociais, o CONIC também “criou um espaço de respeitabilidade por seu inequívoco apoio a movimentos de base e seu posicionamento claro com relação a temas de urgência e relevância, muitas vezes polêmicos.”⁹⁵

Das Igrejas integrantes do CONIC, somente as Igrejas Metodista, Luterana e Presbiteriana Unida fazem parte do movimento ecumênico, desde seu início, no município de São José dos Campos. Outras Igrejas como a Presbiteriana Independente, a pentecostal Assembléia de Deus e a neopentecostal Israel de Hoje participam esporadicamente. Na Igreja Assembléia de Deus somente alguns pastores participam, mas de forma isolada e não como Instituição, ou seja, a atuação do pastor é “pessoal”. Por esse motivo, apresentaremos o posicionamento oficial sobre a questão ecumênica somente das Igrejas cristãs históricas que integram o CONIC e que estão presentes no município de SJC.

Promover a unidade e a comunhão de todos os cristãos é um dos princípios da Igreja Presbiteriana Unida. De acordo com Elias WOLFF: “desde seu início a IPU considera seu ideal ecumênico como um elemento que está na sua origem como comunidade cristã, e uma das suas maiores aspirações”.⁹⁶

Apesar de seu ideal ecumênico, a IPU é considerada uma das mais recentes integrantes do movimento ecumênico no Brasil. Numa de suas importantes Assembléias – a de 11 de setembro de 1984 – a IPU reafirma a seguinte posição:

A IPU é uma Igreja Ecumênica (...) crê na edificação mútua e no crescimento obtido através do contato fraterno entre as diversas confissões cristãs (...) Além do mais, a IPU tem a visão de que a UNIÃO obtida com o fortalecimento do movimento ecumênico se tornará um importante instrumento para a transformação da atual situação de injustiça e opressão

⁹⁴ Cf. Folder de apresentação do CONIC, s/d.

⁹⁵ *Ibid.*

⁹⁶ Elias WOLFF, *Caminhos do ecumenismo no Brasil*, p. 146.

que caracteriza a sociedade moderna, notadamente a da América Latina e do Terceiro Mundo em geral. É fundamental superar as barreiras que nos separam e lutarmos juntos, como irmãos, a favor da construção do Reino de Deus, que é um Reino de justiça e igualdade entre os homens (...) A verdadeira definição [de ecumenismo] e suas implicações práticas no dia-a-dia das igrejas devem ser difundidas. A prática dessas relações deve ser incentivada e orientada.⁹⁷

As relações ecumênicas da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB), no início de suas atividades no Brasil, eram somente com outras Igrejas evangélicas; porém, esta não se limitou a eles, dialogando também com católicos romanos a partir de 1957.

A participação desta Igreja nas entidades ecumênicas faz parte de seu reconhecimento perante o compromisso evangélico.

No protestantismo brasileiro, a IECLB é uma das igrejas que possui maior expressão ecumênica, dentro e fora do país, mantendo estreita relação com organismos internacionais (...)", da América Latina e do Brasil. "Esses fatos expressam a seriedade do compromisso ecumênico da IECLB, que valoriza não apenas os vínculos históricos, mas vai além, buscando novos parceiros na caminhada (...) A postura e a experiência da IECLB no contexto ecumênico contemporâneo é altamente enriquecedora para o ecumenismo no Brasil, impulsionando o diálogo, a cooperação prática e a fundamentação teológica dos caminhos da unidade.⁹⁸

No Brasil a Igreja Metodista é uma das pioneiras do movimento ecumênico, iniciando sua participação em atividades ecumênicas desde o século XX. A IM é uma das fundadoras do CONIC e o CMI.

Com relação à sua postura ecumênica, esta Igreja tem a seguinte posição:

Como Igreja, nosso compromisso ecumênico procede de uma resposta que damos a uma oração de Jesus: 'a fim de que todos sejam um; como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste' (Jô 17,21).

Somos ecumênicos também porque desde o metodismo primitivo aprendemos com João Wesley a ter a mente e o coração abertos a irmãos e irmãs que, confessando Jesus Cristo, pensam a Igreja e a doutrina de forma diferente de nós. Ser ecumênico é, portanto, uma vocação histórica do

⁹⁷ cf. Ata da Assembléia da IPU: Vitória (ES), 11 de setembro de 1984. Arquivo da IPU, In: Elias WOLFF, *Caminhos do ecumenismo no Brasil*, p. 147.

⁹⁸ Elias WOLFF, *Op. cit.*, pp. 95-96.

metodismo. Prova disso é que no surgimento da maioria dos conselhos e organismos ecumênicos no mundo o metodismo sempre esteve presente.⁹⁹

Oficialmente, a Igreja Católica se abriu ao movimento ecumênico a partir do Concílio Vaticano II. Porém, lembramos que, nas décadas de 40 e 60, já havia, em seu interior, muitas pessoas que tinham interesse pelo ecumenismo, mas a Igreja em si não via com bons olhos o objetivo de unidade proposto por outras Igrejas cristãs.

O objetivo da Igreja Católica, no período que antecede o Concílio Vaticano II, era tão somente fazer com que os “irmãos separados” voltassem a fazer parte de seu seio. Somente a partir do Concílio que os projetos ligados ao diálogo com outras Igrejas cristãs foram tomando forma e se direcionando na atualidade, com o reconhecimento de valores presentes nas demais Igrejas cristãs.

Num primeiro momento, o Concílio aprovou dois textos: o primeiro deles foi o Decreto sobre o ecumenismo – *Unitatis Redintegratio*, sobre o ecumenismo – 1964; o segundo foi uma Declaração, intitulada *Dignitatis Humanae*, sobre a liberdade religiosa – 1965; apesar de que outro documento pontifício anterior já fazia alusão aos laços da Igreja católica com cristãos não católicos, a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Em 1965, a Declaração *Nostra Aetate* – 1965 – aborda especificamente sobre o ecumenismo e também as relações da Igreja com as religiões não-cristãs. Demais documentos também discorreram sobre o diálogo ecumênico dentro da especificidade de cada constituição, decreto ou declaração. Já em 1995 é lançada a Carta Encíclica denominada *Ut Unum Sint*, sempre utilizada como referência tanto por parte da CNBB – quanto da Diocese de São José dos Campos.

Seu posicionamento é o seguinte:

O Concílio Vaticano II pediu expressamente aos católicos para estenderem o seu amor a todos os cristãos, com uma caridade que seja ultrapassar, na verdade, aquilo que os separa e se empenha ativamente nessa missão; devem atuar, com esperança e na oração, pela promoção da unidade dos cristãos; a sua fé no mistério da Igreja deve estimulá-los e iluminá-los de tal modo que a sua ação ecumênica possa inspirar-se e orientar-se por uma verdadeira compreensão da Igreja(...).¹⁰⁰

⁹⁹ IGREJA METODISTA. *A Igreja e a questão ecumênica*, Documento 15: Relatório do CE ao 16º Concílio Geral, 1997, item 2.15.

¹⁰⁰ Conselho Pontifício para a promoção da unidade dos cristãos. *Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo* (9), pp. 17-18.

Hoje, o empenho ecumênico da Igreja Católica constitui uma de suas prioridades; e isto é importante, porque incentiva as relações que seus membros estabeleceram, e estabelecem, com cristãos de diversas denominações, em todo o lugar.

CAPÍTULO II

DIFICULDADES DO MOVIMENTO ECUMÊNICO E SUAS CAUSAS

*“O homem interessa-se tão pouco
por outrem que até mesmo o
cristianismo recomenda fazer o
bem por amor de Deus”.*
Cesare Pavese

1. Tipos de dificuldades

No primeiro capítulo¹, tivemos a oportunidade de analisar os avanços do diálogo ecumênico em São José dos Campos. Contudo, o próprio fato da existência de um movimento que se pauta no diálogo ter por natureza um processo evolutivo, também se percebe que, em meio a tentativas positivas de aproximação entre os diferentes, também há muitos obstáculos a serem transpostos, ou seja, há várias dificuldades.

Com o objetivo de se *des*-cobrir os “entraves” desse movimento chamado “ecumênico”, este segundo capítulo pretende analisar as dificuldades enfrentadas pelo MEM. No primeiro encontro que realizamos com padres e pastores evangélicos para esta pesquisa, verificamos opiniões divergentes sobre as dificuldades encontradas por parte das Igrejas cristãs históricas. Assim, subdividimos esta parte da pesquisa em tipos de dificuldades, com o objetivo de discuti-las para que haja um entendimento, dentro do contexto do movimento ecumênico do município, favorável a possíveis pistas que poderão vir a amenizar e superar, na medida do possível, os aspectos conflitantes.

Como exposto no primeiro capítulo, São José dos Campos-SP, apesar de sua característica industrial, ainda possui traços da religiosidade devocional presente na região onde está instalada: o Vale do Paraíba. O município também tem uma característica marcadamente brasileira na questão do número crescente de Igrejas pentecostais e neopentecostais.

¹ Primeiro capítulo, *Diálogo Ecumênico em São José dos Campos: origem, evolução e situação*, p. 18.

Na pesquisa que realizamos com dados fornecidos pelo IBGE, descobrimos um grande crescimento das Igrejas evangélicas, tanto na região do Vale do Paraíba², quanto em São José dos Campos. Apesar do nosso estudo estar focado nas Igrejas Cristãs Históricas, os dados disponíveis – do ano 2000 especificamente – apresentam o total de evangélicos, sem quantificar cada uma, separadamente, na região pesquisada por nós. Com relação aos dados de 1991, há possibilidade de se visualizar o número de adeptos em cada uma das Igrejas, conforme exposto no primeiro capítulo; lembrando que a nossa pesquisa levou em consideração a população residente.

Mesmo tendo conhecimento sobre o aumento vertiginoso dos evangélicos no Brasil³, surpreendeu-nos a porcentagem de crescimento dos mesmos, em comparação aos católicos, no município de São José dos Campos, nesse período de 10 anos. A tabela abaixo apresenta o número de adeptos nos dois períodos censitários, o crescimento – exposto também em número de adeptos e a surpreendente porcentagem de crescimento: 12,14% de católicos e 79,93% de evangélicos.

**Tabela 3: Porcentagem de crescimento de católicos e evangélicos
São José dos Campos – SP⁴**

Porcentagem de crescimento de católicos e evangélicos - São José dos Campos - SP				
	1991	2000	Crescimento	Porcentagem de Crescimento
Católica Romana	361.016	404.837	43.821	12,14%
Evangélicas	48.361	87.017	38.656	79,93%

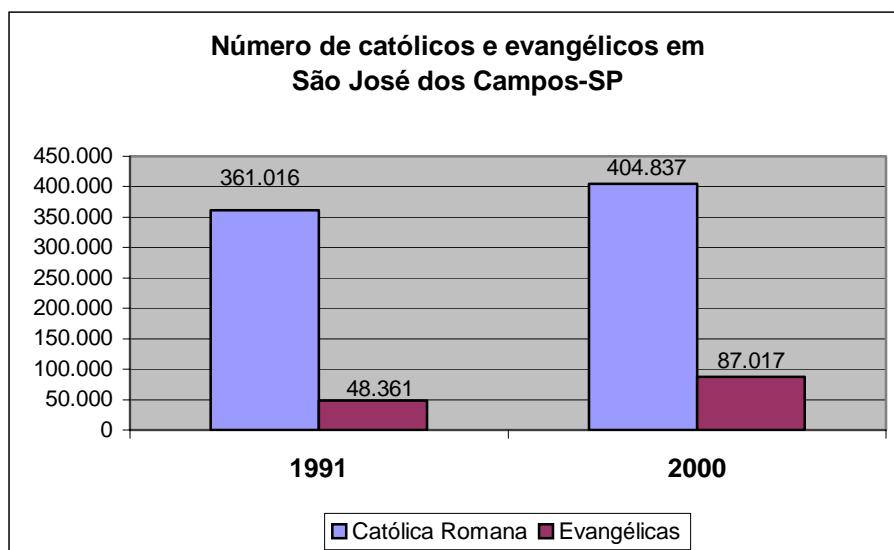
Merece atenção o fato de que, sendo a pesquisa realizada com base na população residente, São José dos Campos pode apresentar uma porcentagem maior ou menor da que foi apresentada aqui, porque o município possui um fluxo migratório acentuado devido o número de empresas instaladas na cidade que têm projeção nacional e esse número de pessoas não foi analisado, porque nosso objetivo não era esse.

² Conforme Capítulo I, p. 28.

³ Cf. Cesar Romero JACOB. [et al.], *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil, passim*.

⁴ Tabela elaborada por Maria Inêz de Lima Mortl, baseada nos dados do IBGE, Censo demográfico 2000.

Gráfico 1: Número de católicos e evangélicos em São José dos Campos-SP⁵



Antonio Flávio PIERUCCI afirma que, numa sociedade que se moderniza, qualquer religião tradicional, majoritária, estará fadada a perder adeptos. Este pesquisador da religião explica o seguinte:

Nas sociedades pós-tradicionais decaem as filiações tradicionais. Os indivíduos tendem, nessas formações sociais, a se desencaixar de seus antigos laços, por mais confortáveis que antes eles pudessem parecer. Desencadeia-se um processo de desfiliação, em que as pertenças sociais e culturais dos indivíduos, inclusive religiosas, tornam-se opcionais.⁶

Sobre a queda do número de adeptos da Igreja católica, Antonio Flávio PIERUCCI expõe que “Não cabe perguntar o que acontece com o catolicismo, mas o que está acontecendo com o Brasil.”⁷ E continua:

O país está se transformando, de verdade, numa sociedade livre, com uma cultura cada vez mais plural. A depender só do Estado brasileiro, hoje se respira no país liberdade religiosa a plenos pulmões, como nunca – e não só de direito, de jure, como no início da vida republicana, mas também de facto. E as pessoas, nesse clima de descompressão, podem ir e lá vão elas, mudando de religião, à vontade.⁸

⁵ Gráfico elaborado Maria Inêz de Lima Mortl, baseado nos dados do IBGE, Censo demográfico de 1991 e 2000.

⁶ Antonio Flávio PIERUCCI, *Secularização e declínio do catolicismo*. In: SOUZA, B.M.; MARTINO, L.M. (org). *Sociologia da religião e mudança social*, p. 14.

⁷ *Ibid.*, p. 15.

⁸ Antonio Flávio PIERUCCI, *Secularização e declínio do catolicismo*. In: SOUZA, B.M.; MARTINO, L.M. (org). *Sociologia da religião e mudança social*, p. 15.

Comparando o município de São José dos Campos com a região do Vale do Paraíba, a diferença maior se relaciona à Igreja católica, principalmente em 1991, conforme nos mostram os gráficos abaixo.

Gráfico 2: Comparação entre católicos e evangélicos de São José dos Campos em relação ao Vale do Paraíba (1991)⁹

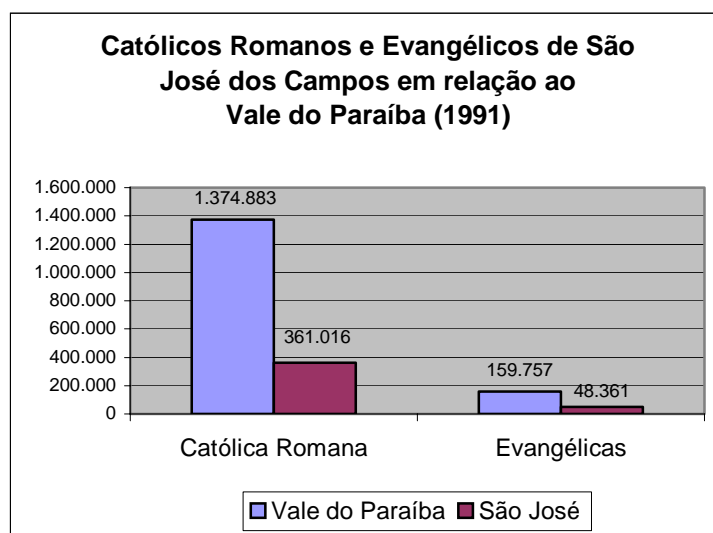
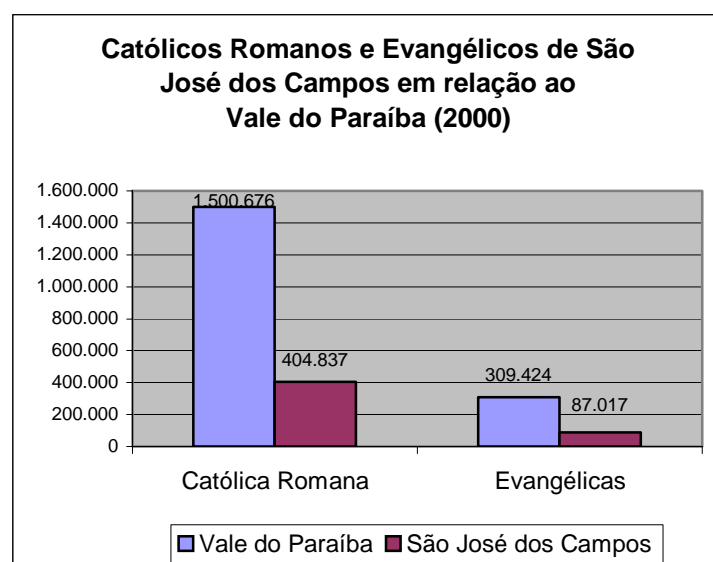


Gráfico 3: Comparação entre católicos e evangélicos de São José dos Campos em relação ao Vale do Paraíba (2000)¹⁰



⁹ Gráfico elaborado Maria Inêz de Lima Mortl, baseado nos dados do IBGE, Censo demográfico 1991.

¹⁰ *Ibid.*, Censo demográfico 2000.

1.1 Proximidade territorial das diversas igrejas: um problema

Apesar de o foco de nosso estudo ser as Igrejas históricas do município, faz-se necessário mencionar que uma das primeiras dificuldades encontradas no diálogo intereclesial está na proximidade territorial das Igrejas pentecostais e/ou neopentecostais e a Igreja católica. Os motivos são históricos, atuais e característicos da modernidade.

É importante lembrar que a Igreja Católica Romana está presente nos municípios através de várias paróquias que compõem uma Diocese. Muitas dessas paróquias são instaladas em bairros distantes da região central das cidades, estando, portanto, mais próximas dos fiéis. Nas adjacências das paróquias, estão presentes também as Igrejas pentecostais tradicionais e as neopentecostais.

Antes do crescimento acelerado das demais Igrejas cristãs, o Catolicismo era majoritário, tanto em bairros carentes quanto nos mais nobres. Hoje, podemos visualizar no cotidiano as grandes mudanças pelas quais passou o campo religioso. De uma forma ou de outra, “Como toda instituição social, as igrejas devem adaptar-se aos novos contextos em que vivem seus fiéis, a fim de mantê-los como adeptos.”¹¹ Daí, também, se justifica não só o aumento do número cada vez maior de Igrejas diferentes nos bairros das cidades, bem como a proximidade entre esses e os católicos.

Exemplificamos o caso de uma paróquia do município de São José dos Campos. A Paróquia de Sant’Ana está situada num bairro heterogêneo, mas não central. Nas adjacências dessa paróquia, havia, no período de 1999 a 2001, dez Igrejas evangélicas – entre pentecostais e neopentecostais, mas, Igrejas cristãs históricas não havia – e ainda não há – nenhuma. Várias delas já encerraram suas atividades, outras continuam. Foram elas: Assembléia de Deus, Adventista do Sétimo Dia, Evangelho Quadrangular, Congregação Cristã do Brasil, Deus é Amor, Restauração da Fé, Igreja Unificada Fogo Eterno do Espírito Santo, Cristã Evangélica, Cristã Evangélica Independente e Cristã no Brasil.

De acordo com o sociólogo Ricardo MARIANO, as atuais mudanças do contexto religioso brasileiro – pelo qual a cidade de São José dos Campos recebe influência – são as seguintes:

¹¹ ROSANDO-NUNES, Maria José, O catolicismo sob o escrutínio da modernidade. In: B.M. SOUZA; L.M.S. MARTINO (orgs.), *Sociologia da religião e mudança social*, p. 33.

(...) a derrocada constante da hegemonia católica concomitante à consolidação institucional e demográfica dos grupos pentecostais, à ampliação e diversificação das religiões de matriz cristã, à pentecostalização do protestantismo e de segmentos do catolicismo e à dessacralização da cultura por meio do desenraizamento dos brasileiros da ‘religião tradicional e da tradição religiosa’, abrindo-os inevitavelmente para a apostasia, para a quebra de lealdade e para a livre escolha religiosa.¹²

As Igrejas neopentecostais¹³ estão presentes em nossa sociedade numa variedade de denominações, e se diversificam tanto em doutrina quanto em ritos e práticas; também “estabeleceram inusitadas formas de se relacionar com a sociedade”¹⁴. Descendentes das religiões reformadas, essas Igrejas pregam “as benesses do dinheiro e do consumo alcançáveis pela graça divina, nos moldes da (...) teologia da prosperidade (...). que redefine o neopentecostalismo das grandes igrejas-empresamento para muito longe do universo ideológico protestante.”¹⁵

A teologia da prosperidade originou-se nos Estados Unidos na década de 40 e constituiu-se como movimento doutrinário na década de 70, “quando encontrou guarida nos grupos evangélicos carismáticos dos EUA, pelos quais adquiriu visibilidade e se difundiu para outras correntes cristãs.”¹⁶ No Brasil, a Teologia da Prosperidade se inicia também na década de 70, valorizando a “fé em Deus como meio de obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terrenos.”¹⁷ Assim, a pobreza é entendida como falta de fé da pessoa. “Seus defensores dizem que Jesus veio ao mundo pregar o Evangelho aos pobres justamente para que eles deixassem de ser pobres. (...) Os reais servos de Deus não são nem nunca serão párias sociais.”¹⁸

Para o sociólogo Ricardo MARIANO, o grande número de pessoas – os mais marginalizados – que procuram as Igrejas pentecostais, o faz com o propósito de superar inúmeros problemas, desde sentido para a própria vida até prosperidade. Mas, a

¹² Ricardo MARIANO, *Neopentecostais*, p. 15.

¹³ O sociólogo Ricardo Mariano explica que ‘neopentecostais’ são igrejas de “vertente pentecostal mais recente e dinâmica, responsável pelas principais transformações teológicas, axiológicas, estéticas e comportamentais por que vem passando o movimento pentecostal”. De acordo com este autor, são características dos neopentecostais: dessectarização, ruptura com o ascetismo contracultural e a progressiva acomodação destes religiosos e suas denominações à sociedade e à cultura de consumo. *Ibidem*.

¹⁴ Ricardo MARIANO, *Neopentecostais*, p. 8.

¹⁵ Reginaldo PRANDI, *Religião paga, conversão e serviço* In: Ricardo MARIANO, *A realidade social das religiões no Brasil*, p. 258, parágrafo 1.

¹⁶ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*, p. 151.

¹⁷ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*, p. 158.

¹⁸ *Ibid.*, p. 159.

correlação entre pobreza e pentecostalismo não justifica, por si só, a expansão destas igrejas.

Com o propósito de superar precárias condições de existência, organizar a vida, encontrar sentido, alento e esperança diante de situação tão desesperadora, os estratos mais pobres, mais sofridos, mais escuros e menos escolarizados da população, isto é, os mais marginalizados – distantes do catolicismo oficial, (...) têm optado voluntária e preferencialmente pelas igrejas pentecostais. Nelas encontram receptividade, apoio terapêutico-espiritual e, em alguns casos, solidariedade material. A correlação existente entre pobreza e pentecostalismo, entretanto, não explica os motivos da expansão desta religião, nem muito menos as razões do crescimento desigual das diferentes igrejas. Pesquisas aprofundadas a esse respeito ainda estão por se fazer.

Pela quantidade de Igrejas evangélicas atualmente presentes no município e região, cada vez mais as paróquias da Igreja católica ficam mais próximas – territorialmente – das Igrejas ou templos evangélicos; ou vice-versa.

Pelo que constatamos em São José dos Campos-SP, as Igrejas Cristãs Históricas estão instaladas em regiões centrais ou em bairros com população heterogênea, no que diz respeito à classe social; com algumas exceções, as Igrejas pentecostais e, principalmente as neopentecostais, estão dentro dos bairros mais carentes de infraestrutura.

Apesar de estarem próximas umas das outras, a aproximação entre essas Igrejas e a católica é mais difícil, mas não impossível. Como já foi dito anteriormente, Igrejas cristãs históricas têm uma caminhada ecumênica mais visível, facilitando o contato, a aproximação e o respeito; já nas demais – pentecostais e neopentecostais – percebemos um entrave maior para que participem de alguma atividade ecumênica, pois não querem quaisquer envolvimento e/ou atividades com a Igreja Católica.

De acordo com o sociólogo Ricardo Mariano, “O crescimento pentecostal parece ter feito a diplomacia ecumênica perder terreno. Até porque, como é que se pode enfrentar em pé de igualdade e na ‘base da conversa’ um adversário radicalmente antiecumênico, indisposto ao diálogo e, em geral, sectário?”.¹⁹

Essa foi uma das primeiras dificuldades detectadas no município pesquisado; e está longe de ser uma exceção se comparada com outras regiões do Brasil.

¹⁹ Ricardo MARIANO, *Neopentecostais*, p. 13.

1.2 O desafio do proselitismo

As opiniões dos padres e pastores sobre as dificuldades encontradas pelo MEM são variadas. Perpassam desde aspectos históricos até subjetivos, mas que, mesmo assim, continuam no caminho do ecumenismo. Dentre essas dificuldades, foi dito pelo Pastor Tércio Paulo de Almeida que:

A maior barreira a ser transposta é a cultura, e a da dominação institucional das estruturas eclesíásticas. Sempre existe o ‘risco’ da tentação proselitista, ou de se atravessar as fronteiras da querência de impor sua visão de mundo religioso. Vale ressaltar que o ‘ecumenismo se dá entre pessoas, e não entre estruturas’.

Quanto mais rígida for a instituição, mais difícil será o engajamento no Movimento Ecumênico, pois pressupõe-se uma abertura reflexiva do que vem a ser Cristianismo e não Cristandade, e que as denominações são frutos de períodos históricos dentro de uma cultura. Por exemplo: ser cristão em Roma é ser Católico Romano, ser cristão na Rússia, é ser Católico Ortodoxo, ser cristão na Escócia, é ser Presbiteriano, ser cristão na Suécia, é ser Luterano...(...) ²⁰

Pesquisar sobre relações intereclesiais é tornar explícito que, apesar dos avanços do diálogo ecumênico no Brasil e mundo, sempre haverá comprovações de que o proselitismo, ou atitudes proselitistas, ainda estão presentes em diversas tentativas de aproximação de uns com os outros.

Na tentativa de esclarecer melhor sobre a crítica do movimento ecumênico ao proselitismo, decidimos defini-lo, bem como caracterizar as atitudes proselitistas, pois as Igrejas tendem a identificá-lo e a avaliá-lo de maneira diferente.

Proselitismo é:

Conseguir adeptos para serem convertidos a uma outra religião, crença ou doutrina. (...) Para os cristãos, o proselitismo significa um modo de agir não conforme ao espírito evangélico, enquanto se usam meios desonestos para atrair os homens à sua comunidade. Os meios, métodos e mentalidade próprios do proselitismo contradizem os princípios de uma ética de evangelização, pois não respeitam a dignidade da pessoa humana, os direitos e o valor eclesial dos outros grupos ou denominações cristãs, nem a peculiaridade do ato de fé, como resposta do homem à Palavra de Deus, em Jesus Cristo, na liberdade, verdade e caridade. (...) ²¹

²⁰ Questionário 1, Anexo 3, p. 132.

²¹ H. SCHLESINGER; H. PORTO, *Dicionário enciclopédico das religiões*, p. 2124.

O Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos aborda como preocupação, tanto de uma parte quanto de outra, as formas e atitudes proselitistas presentes na vida das Igrejas. Decidimos utilizar as mesmas prerrogativas para as Igrejas históricas, visto que, também essas, enfrentam os mesmos desafios.

(...) o proselitismo é uma atividade imoral que pode assumir inúmeras formas. Eis algumas: a) qualquer forma intelectualmente desonesta para promover a própria comunidade de fé, acentuando, por exemplo, as diferenças entre a apresentação ideal da própria comunidade e as fraquezas de outra comunidade cristã; b) qualquer preguiça intelectual e ignorância culpada que negligenciem o saber facilmente acessível sobre a tradição do outro; c) qualquer uso de força, pressão, coerção, escárnio ou intimidação, seja qual for a sua natureza: pessoal, psicológica, física, moral, social, econômica, religiosa ou política; d) qualquer forma de lisonja ou manipulação, e principalmente a exageração das promessas bíblicas, pois tais deformações não respeitam a dignidade das pessoas e sua liberdade de escolha; e) qualquer abuso da mídia que não respeite a fé alheia e qualquer manipulação do público; f) qualquer julgamento ou ato que leve à suspeita infundada da sinceridade do outro; g) qualquer concorrência na evangelização dirigida contra outros grupos cristãos (cf. Rm 15,20).²²

As pessoas que possuem atitudes proselitistas, independente da Igreja a que pertençam, provavelmente terão receio de participar de alguma atividade ecumênica; pois, para essas, o ecumenismo nada mais é que estratégia de ganhar adeptos para a Igreja que promove e incentiva o ecumenismo.

O proselitismo tem motivado reservas ao movimento ecumênico, por ser considerado uma oportunidade de atrair fiéis para outra Igreja. Realmente, porém, o verdadeiro ecumenismo deve levar a uma fidelidade sempre maior a Cristo, na respectiva comunidade, uma finalidade que significará contínuo aprofundamento na verdade de Cristo e em sua vivência concreta. Este aprofundamento levará as várias Igrejas e Comunidades Eclesiais a se encontrarem e se unirem mais estreitamente ao redor de Cristo, centro último de unidade, através de um diálogo humilde e fraterno, o que criará as condições necessárias para concretizar, visivelmente, esta unidade.²³

Este tipo de pensamento – proselitista - ainda faz parte de muitas Igrejas cristãs. Por falta de um conhecimento mais sério, determinado e responsável sobre a real

²² CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diálogo católico-pentecostal: evangelização, proselitismo e testemunho em comum*, pp. 54-55. Este documento é, na realidade, um relatório “sobre a quarta fase (1990-1997) do Diálogo internacional entre a Igreja católica romana e as Igrejas pentecostais tradicionais, bem como outros responsáveis pentecostais”. *Ibid.*

²³ H. SCHLESINGER; H. PORTO, *Dicionário enciclopédico das religiões*, p. 2124.

finalidade do ecumenismo, muitos cristãos permanecem receosos e afastados de inúmeras atividades ecumênicas.

1.3 Aspectos subjetivos

Algumas dificuldades apresentadas pelo Pastor Sebastião Bertolino, da Igreja Assembléia de Deus, são as seguintes:

‘O medo de perder ‘a fé’; o temor de serem castigados por Deus, por estarem em comunhão com ‘idólatras’; (...) menosprezo pela celebração de outros grupos religiosos; o temor pela perda do poder eclesiástico; pouca profundidade nas convicções (...).

Para o Padre Geraldo Alves da Silva, o “preconceito”, o “desconhecimento do assunto” e o “medo de se envolver”, foram apontados como entraves ao diálogo ecumênico.

Podemos perceber que as dificuldades encontradas, pelo pastor evangélico e pelo padre acima mencionados, estão relacionadas a vários aspectos interessantes. Primeiro, aborda questões subjetivas, como o medo de perder a fé e a pouca profundidade nas convicções; questões essas que nos parecem estar relacionadas à história de vida de cada um, e não especificamente ao contexto sócio-cultural, apesar da relação entre ambos.

“Subjetivo”²⁴ é próprio do que existe na mente, que pertence ao sujeito pensante e a seu íntimo (em contraste com as experiências externas, gerais, universais); é individual, pessoal, particular de cada um. São, portanto, ligadas à individualidade da pessoa. Ora, se não se está certo de suas convicções, logo, na aproximação com o diferente há o medo, o temor pela perda de sua própria fé; há o temor de se sair de sua Igreja e ir para outra; vemos essa questão apreensiva tanto por parte de católicos quanto de evangélicos.

Para Júlio de Santa Ana, não é exigido por parte do Evangelho que, mediante a aceitação de Jesus Cristo, as pessoas devam deixar suas tradições. Sobre identidade e diversidade o autor diz que “é próprio da vontade de Deus que cada povo mantenha sua

²⁴ Dicionário Houaiss. <http://v.houaiss.uol.com.br/zoom.php?verbete=subjetivo&stipe=k>.

identidade, sua idiossincrasia, seu temperamento peculiar. (...) Justamente, em virtude dessa diversidade”, com o objetivo de busca da unidade, “são chamados a se encontrar, a se entender, a superar seus preconceitos, a comunicar-se entre si apesar de suas respectivas singularidades. Nesse contexto o chamado de Deus é à reconciliação (...), ao diálogo fraterno, à superação de distâncias, mas não à uniformidade.”²⁵

Mas, na prática, muitas Igrejas ainda preferem se manter à distância de outras. De qualquer forma, gostaríamos de expor neste momento, uma fala do Pastor Sebastião Bertolino, acima mencionada, em que ele descreve uma outra dificuldade enfrentada, principalmente por outros líderes de Igrejas pentecostais e neopentecostais: “o temor de serem castigados por Deus, por estarem em comunhão com ‘idólatras’.”

Particularmente, tive a oportunidade de participar de uma das reuniões do grupo ecumênico do Vale do Paraíba, em 2001²⁶. O objetivo desse encontro era discutir sobre “imagens”, ou dito de outra forma, “Maria” (Mãe de Jesus) ou Nossa Senhora (para os católicos). A apreensão por parte de todos era grande, pois, pela primeira vez se discutiria um assunto considerado “perigoso”, “tabu”, por parte dos evangélicos. A Igreja católica, na pessoa do Bispo Diocesano, escolheu um seminarista para falar em nome dela. E o resultado do encontro, através da posição dos evangélicos e católicos foi o seguinte:

a) Posição dos evangélicos:

Apesar de não ser um assunto proibido, é uma questão pouco discutida no meio evangélico.

Deve-se amadurecer sobre o aspecto da devoção a Maria por parte dos católicos, para que não seja ofuscada a imagem do Senhor Jesus, bem como dar esclarecimento sobre esta questão para que posteriormente os evangélicos tenham uma opinião mais concreta sobre o assunto.²⁷

²⁵ Julio H. de SANTA ANA, *Ecumenismo e libertação*, p. 60.

²⁶ Este encontro ocorreu no Seminário de Filosofia “Santa Teresinha”, em São José dos Campos-SP, no dia 15 de setembro de 2001. As Igrejas e organismos que estavam presentes eram: Igrejas pentecostais: Assembléia de Deus (Pindamonhangaba), Igreja Batista da Convenção (São José dos Campos); Igreja neopentecostal Israel de Hoje; Igrejas cristãs históricas (Metodista e Católica Romana); demais presentes: Religiosas, Comissões do Diálogo Ecumênico-católicas, Seminaristas católicos, padres, Renovação Carismática Católica, Diáconos católicos e um representante do CONER-Conselho Nacional de Ensino Religioso-Regional.

²⁷ Maria Inês de Lima MORTL, Diálogo e discernimento. In: DIOCESE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, *Comissão do diálogo ecumênico e inter-religioso*, Pasta 1.

b) Posição dos católicos: “Há necessidade de uma maior observância dos atos e atitudes dos santos(as) de Deus. Deve-se caminhar mais para a questão espiritual do que para a imagem em si.

c) Ações propostas:

Católicos: A arte pode servir de acesso a Deus. Precisa-se, ainda, corrigir as superstições em torno das imagens. Assim, líderes católicos podem e devem trabalhar nesta conscientização, instruindo melhor os fiéis.

Evangélicos: Instruir melhor seus fiéis no que diz respeito a outros tipos de idolatria, como: cantores evangélicos, artistas, televisão, etc.

A conclusão dos participantes desse encontro foi a de que “Maria não significa nenhum atentado à obra de Cristo, sendo antes garantia da humanidade de Jesus.”²⁸ Foram reconhecidos os problemas existentes sobre doutrina, mas numa perspectiva de diálogo, pois:

a figura de Maria, longe de prejudicar a mediação única de Jesus Cristo, está sendo considerada cada vez mais um modelo de identificação para os cristãos, visto ter sido ela a mais leal dos fiéis e o estímulo de todos os que se põem à escuta da palavra de Deus.²⁹

A coragem de se abordar temas antes considerados indiscutíveis, faz do MEM um movimento que busca a superação de barreiras. Conforme já mencionamos no primeiro capítulo, quem já é verdadeiramente ecumênico, consegue discutir assuntos como esse, entre pessoas de visões completamente diferentes umas das outras. Esse tipo de diálogo também ajuda na eliminação de preconceitos; mas, é importante lembrar, que isso só foi possível porque houve “intenção de diálogo”.

A questão subjetiva está, aqui, no posicionamento individual de pastores e padres que se propuseram a uma mudança de mentalidade. Infelizmente, falta, ainda, muito o que fazer pelo MEM, pois é nítido que o problema das divisões não está em Deus, no Transcendente, mas na “imagem” que cada Igreja – e seu líder – faz e tem de Deus; e também dos outros.

²⁸ Maria Inês de Lima MORTL, Diálogo e discernimento. In: DIOCESE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, *Comissão do diálogo ecumênico e inter-religioso*, Pasta 1.

²⁹ *Ibid.*

1.3.1 Posição individual de pastores e padres

Um outro tipo de dificuldade encontrada se refere à posição individual dos pastores evangélicos. Do triênio pesquisado – 1999 a 2001 – a pressão exercida por parte dos superiores de alguns pastores se intensificou; vários foram transferidos da cidade, outros simplesmente desistiram do movimento, e outros mudaram de denominação. Das Igrejas evangélicas que permaneceram, somente os pastores continuaram participando, e de forma isolada de sua comunidade; a justificativa para suas permanências se deu no sentido de que já haviam possuído uma nova visão de realidade.

O ensinamento oficial da Igreja Católica Romana é exposto através de documentos, encíclicas, decretos etc. ao corpo de católicos do mundo, ou seja, são questões doutrinárias e teológicas que respondem a uma hierarquia; diferentemente das Igrejas evangélicas. As Igrejas históricas possuem uma estrutura organizacional que orienta seus pastores na tomada de decisões. Para as Igrejas pentecostais, a descentralização é ainda maior, favorecendo determinadas autonomias por parte de seus dirigentes. Daí determinados pastores concordarem em participar de atividades ecumênicas e outros não. Já para os padres, de acordo com o ensinamento de sua Igreja, não há justificativa por decidir ou não pelo diálogo com cristãos de outras denominações.

Com relação aos padres a questão do ecumenismo ainda não foi incorporada em seu dia-a-dia, mesmo com o incentivo da diocese, da CNBB e do próprio Vaticano. Muitos não vêem o diálogo ecumênico com importância, ficam indiferentes, além de – alguns – não proporcionarem liberdade para a comissão responsável, na Igreja católica, pelo Diálogo Ecumênico – visitar outras Igrejas sem a presença do mesmo.

Na opinião do Padre Sebastião César Barbosa, então Assessor Diocesano da Comissão para o Diálogo Ecumênico da Igreja Católica, uma das dificuldades encontradas relaciona-se à um pequeno número de Igrejas cristãs participantes do MEM, principalmente de Igrejas Pentecostais e Neopentecostais; dos que participam, muitos vêm em nome próprio, mas sua comunidade, ou não é convidada ou não tem interesse em participar.

Ainda uma outra dificuldade é que o Movimento Ecumênico permanece restrito a um reduzido círculo de Igrejas: a Igreja Católica Romana, a partir do Concílio Vaticano II e de modo especial depois do apelo do Papa, inclusive da Encíclica *Ut Unum Sint* (Que Todos Sejam Um) em que ele é muito claro nas diretrizes que dá à Igreja católica no mundo inteiro sobre a questão ecumênica, mas ainda permanece um círculo restrito: é a Igreja católica e algumas Igrejas evangélicas históricas, com alguma iniciativa pessoal por parte dos pentecostais ou neopentecostais como já foi visto no trabalho da Maria Inêz [pesquisadora].

Então, o que a gente pode dizer que dificulta o trabalho ecumênico é que há pouca, ou quase nenhuma, repercussão entre as outras Igrejas, sobretudo pentecostais e neopentecostais.

Uma outra dificuldade, é com relação à participação dos pastores, muitos deles têm a sua participação ecumênica, mas em nome próprio e por convicções pessoais, mas o seu rebanho não está incluído. Nós sentimos muito isso durante todo esse período de preparação para a primeira Campanha da Fraternidade Ecumênica, do ano 2000, com as inúmeras celebrações ecumênicas inclusive nas escolas, formaturas ou em outras situações que nos apresentavam a própria sociedade e, muitas vezes, eram os católicos reunidos com alguns sacerdotes, inclusive o Bispo que nos apoiou muito, na época D. Nelson Westrupp, e alguns pastores que vinham, tinham acesso à palavra mas participavam em nome próprio e por convicções pessoais, mas seu rebanho não estava ali presente.³⁰

1.4 Peso da identidade institucional

A “forte valorização da Instituição” é tida também como barreira ao diálogo, conseqüentemente isso faz com que haja “menosprezo pela celebração de outros grupos religiosos”.

Muitos padres e pastores ainda centralizam assuntos teológicos – como a questão da salvação – em e na “sua” Igreja. Então, o problema é eclesiológico, ou melhor, a dificuldade aqui é sentida devido ao eclesiocentrismo ainda existente. As igrejas:

apresentam-se muitas vezes como instituições infalíveis. Não só defendem suas posições com convicção (o que é lógico e compreensível), como também tendem a apresentá-las como se fossem inapeláveis. Procurando proclamar a mensagem de Jesus Cristo e defender ‘a verdade de Deus’, chegam a transformar suas afirmações em elementos intocáveis, outorgando-lhes assim um caráter quase fetichista, fazendo deles um tabu.³¹

Percebemos nesse sentido a valorização da instituição sobrepondo-se à do ser humano.

³⁰ Cf. Sebastião Cesar BARBOSA, Entrevista 1, Anexo 7, p. 157.

³¹ Julio H. de SANTA ANA, *Ecumenismo e libertação*, p. 73.

Já para o Padre Antonio Silva França, da Paróquia São José Operário, as dificuldades relacionam-se, principalmente, à questão proselitista. Ele explica que “No relacionamento do dia-a-dia não há dificuldades, além de um ou outro caso isolado de proselitismo ou de provocações. Nunca conseguimos realizar atos ecumênicos com as igrejas [evangélicas] existentes no território da paróquia porque os pastores não aceitam.”

Fica explícito nesse comentário que o problema enfrentado aqui é de Igreja para Igreja, institucional e eclesiológico, portanto. Percebe-se que fora do âmbito institucional, no convívio diário e informal, poucos são os casos de “proselitismo” e “provocações”.

Lembramos que no movimento ecumênico há necessidade da quebra incessante de barreiras impostas pelas próprias Igrejas para se conseguir um nível de diálogo – e somente diálogo! – que proporcione o respeito pelo diferente.

Novamente aqui, percebemos a valorização da instituição e a desvalorização do ser humano.

1.5 Questões teológicas e doutrinárias

Outras dificuldades apresentadas estão relacionadas à intolerância, à rotulação do “outro” e ao pensamento de que ecumenismo é uma estratégia da Igreja católica. Sobre essas dificuldades, o diácono da Igreja Metodista, Leandro Mascarenhas expõe que:

A principal dificuldade ainda reside no aspecto da intolerância e falta de prática de convivência em unidade com o diverso. Sendo que muitas vezes o que é diferente é considerado como sendo do maligno. No que tange ao relacionamento com católicos, sempre há uma suspeita de que toda essa movimentação é uma estratégia para evitar a perda de adeptos e conseqüentemente levar boa parte dos protestantes de volta para o aprisco de Roma.³²

Uma das conseqüências desse tipo de atitude por parte de muitas Igrejas é, além do proselitismo, abordar o outro como sendo do maligno, indigno e errado. São aspectos

³² Cf. Leandro Mascarenhas de ANDRADE, Questionário 12, Anexo 3, p. 148.

teológicos e doutrinários aprofundando o fosso que separa os cristãos; através das palavras, vão se cristalizando as posições das Igrejas, criando a cada dia “obstáculos rígidos, realidades inflexíveis, que (...) [exacerbam] as contradições e, conseqüentemente, o espírito polêmico.”³³

Existe também uma imagem de que o empenho ecumênico da Igreja católica romana é uma estratégia para levar boa parte dos protestantes de volta ao aprisco de Roma. Este tipo de pensamento está presente em várias Igrejas evangélicas, históricas ou não; e não deixa de ter um certo sentido, pois, apesar de todo empenho da Igreja católica em afirmar sua posição ecumênica, vários documentos³⁴ apareceram para dar luz e confirmação a essas suspeitas.

Sobre a “unidade”, de acordo com o Projeto da Igreja católica, Júlio de Santa Ana diz o seguinte:

Para o caso da Igreja Católica Romana, recordemos a imagem da roda de bicicleta: o centro, verdadeiro agente de unidade, é ocupado pela cátedra de Pedro. A unidade da Igreja é construída a partir da comunhão com o sucessor do primado do colégio apostólico. Ou seja, este projeto católico tem seu centro e seu agente protagônico na pessoa do Papa.³⁵

Sobre a questão da salvação³⁶, por exemplo, o documento *Unitatis Redintegratio* expõe o seguinte:

(...) mesmo as Igrejas e Comunidades separadas, embora creiamos que tenham deficiências, de forma alguma estão destituídas de significação e importância no mistério da salvação. O Espírito Santo não recusa empregá-las como meios de salvação, embora a virtude desses derive da própria plenitude de graça e verdade confiada à Igreja católica. Contudo, os irmãos de nós separados, tanto os indivíduos como suas Comunidades e Igrejas, não gozam daquela unidade que Jesus Cristo quis prodigalizar a todos aqueles que regenerou e conviveu num só corpo e em novidade de vida e que as Sagradas Escrituras e a venerável Tradição da Igreja professam. Somente através da Igreja católica de Cristo, auxílio geral de salvação, pode ser atingida toda a plenitude dos meios de salvação.³⁷

³³ Este foi o pensamento dos pietistas do século XVII e início do século XVIII. Júlio H. de SANTA ANA, *Ecumenismo e libertação*, p. 75.

³⁴ Por exemplo: *Nostra Aetate, Dominus Iesus, Unitatis Redintegratio*.

³⁵ Julio H. de SANTA ANA, *Ecumenismo e libertação*, p. 111.

³⁶ Sobre este assunto há um livro que aborda o processo histórico, que vai desde o axioma “Fora da Igreja não há salvação” até a abertura dialogal que respeita as diferentes religiões. É o livro de Jacques DUPUIS, *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*, 1999.

³⁷ Decreto *Unitatis Redintegratio*, n. 3. In: *Compêndio Vaticano II*, p. 313-314.

Numa análise sociológica, Yuki Shiose comenta ainda sobre a ação ecumênica do Papa:

Fiel nesse aspecto ao Concílio Vaticano II, a ação ecumênica do Papa é sempre filtrada por sua convicção inabalável no primado, para não dizer na supremacia, da Igreja, em relação a esses ‘outros’ mundos religiosos e culturais. Como afirma o cardeal Ratzinger, só podemos encontrar a felicidade com os outros, mas esses ‘outros’ devem reconhecer que a verdade suprema reside no seio da Igreja.³⁸

A maneira como João Paulo II observa “esses outros homens que ainda não sabem que podem e devem tornar-se homens verdadeiros, católicos”³⁹ é aquela em que “já que esses outros são, por vezes, tomados em versões imperfeitas de crenças, o ‘Eu’ católico, identificado ao próprio Papa, deve incansavelmente ajudá-los a evoluir. Essa ajuda é atualmente chamada diálogo e abertura, e concretiza-se em encontros e orações em comum.”⁴⁰ SHIOSE ainda acrescenta que “O Papa é um homem que acredita na sua instituição. Abre de par em par as portas da Igreja e convida todo o mundo a compartilhar sua verdade ou, pelo menos, aceitar discutir a respeito, dialogar.”⁴¹

Conforme Jean-Paul Willaime, “João Paulo II reconhece, aliás, que seu próprio ministério constitui um obstáculo para o ecumenismo”.⁴² Na Encíclica *Ut Unum Sint*, João Paulo II admite que o seu primado atrapalha os avanços ecumênicos. Por isso mesmo ele afirma estar aberto a esse tipo de discussão.

Numa análise sociológica sobre a ‘ambivalência ecumênica de João Paulo II’, também geradora de dificuldades para os grupos ecumênicos, Jean-Paul Willaime diz que apesar de todos os avanços da Igreja Católica Romana a despeito de diálogos ecumênicos, “prevalece a impressão de que o pontificado de João Paulo II ficará marcado por uma crise de ecumenismo. (...) crise no sentido em que a recentralização efetuada por João Paulo II no próprio seio do catolicismo tem conseqüências negativas em matéria ecumênica.”⁴³

³⁸ Yuki SHIOSE, *Eu e o Outro na nova evangelização*. In: R. LUNEAU; P. MICHEL (org.), *Nem todos os caminhos levam a Roma*, p. 152.

³⁹ Yuki SHIOSE, *Eu e o Outro na nova evangelização*. In: R. LUNEAU; P. MICHEL (org.), *Nem todos os caminhos levam a Roma*, p. 152.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 168.

⁴¹ *Ibid.*

⁴² Jean-Paul WILLAIME, *A ambivalência ecumênica de João Paulo II*. In: R. LUNEAU; P. MICHEL (org.), *Nem todos os caminhos levam a Roma*, p. 175.

⁴³ *Ibid.*, p. 171.

Conforme esse autor, a crise do ecumenismo está ligada também a fatores como: a própria evolução do sentimento religioso que tende a eufemizar as divergências doutrinárias herdadas do passado e embaralhar a percepção das diferenças confessionais; institucionalização e desenvolvimento de diálogos e colaborações interconfessionais que banalizam o ecumenismo e o transformam em gestão diplomática e fraterna das diferenças (tanto mais que as sociedades pluralistas valorizam a pluralidade religiosa); retorno das preocupações identitárias e tendência à reconfessionalizações, não só no catolicismo, mas também na ortodoxia e no protestantismo, efeitos do desenvolvimento de diálogos inter-religiosos (...) e dos encontros inter-religiosos (...) que tendem a relativizar as diferenças intra-cristãs.”⁴⁴

Por outro lado, Willaime admite que determinadas ações práticas, localmente, na base, conseguem resistir a essas recentralizações confessionais.

(...) o ecumenismo cristão e o próprio desenvolvimento dos diálogos inter-religiosos estão, aliás, de tal modo ligados às evoluções sócio-culturais globais das sociedades secularizadas e pluralistas que não correm qualquer risco de serem totalmente colocados em questão por políticas de restauração confessional.⁴⁵

Willaime chama de “ecumenícidas” diversas “práticas e acontecimentos (...) que podem esfriar seriamente os ardores ecumênicos de uns e de outros.” Ele dá o exemplo de certas “tomadas de posição” do Vaticano que repercutem na base, “em particular, sobre as novas gerações de padres e pastores que, por vezes, mostram tendência a serem menos ecumênicos do que seus colegas mais velhos.”⁴⁶ Um exemplo dessa repercussão negativa no MEM foi o documento *Dominus Iesus*, que arrefeceu, tanto os ânimos quanto as atividades dos envolvidos.

Faz sentido, portanto, que determinadas Igrejas cristãs, cômicas dessa situação se sintam amedrontadas e receosas de aderirem ao movimento ecumênico, pois, para elas, estariam se submetendo à Igreja católica.

É-nos colocado também a existência de dois catolicismos: o ecumênico e o romano, que apresenta, no primeiro caso, abertura ao diálogo e, no segundo, uma centralização da Igreja católica. De acordo com Willaime, os diálogos ecumênicos:

⁴⁴ Jean-Paul WILLAIME, A ambivalência ecumênica de João Paulo II. In: R. LUNEAU; P. MICHEL (org.), *Nem todos os caminhos levam a Roma*, pp. 171-172.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 172.

⁴⁶ *Ibid.*

nos quais a Igreja católica está comprometida não estão tendo qualquer influência na lógica da cúria romana, como se houvesse dois catolicismos: um *catolicismo ecumênico* comprometido com as outras Igrejas cristãs, em um profundo trabalho teológico e eclesiológico de releitura da tradição cristã e de redefinição do papel da Igreja na sociedade contemporânea, e um *catolicismo romano* que continua a desenvolver uma orientação catolocêntrica na linha do Concílio de Trento e do Vaticano I, como se não existisse o ecumenismo.⁴⁷

Willaime diz ainda que há uma ambivalência ecumênica no pontificado de João Paulo II, pois o Papa “associa, por um lado, um discurso ecumênico e, por outro, uma prática de centralização romana e de recentralização católica. Eis o que permite falar de ambivalência ecumênica.”⁴⁸

Sobre essa ambivalência apresentada pelo sociólogo, resta aos católicos saber trabalhar esta tensão entre o centralismo e o diálogo.

O futuro do ecumenismo dependerá também da maneira como o catolicismo viver essa tensão cada vez mais viva entre a restauração papal do aparelho católico-romano e o catolicismo eclesial vivido, em toda a espécie de lugar, pelos padres e fiéis abertos a certas evoluções, inclusive em direção das outras Igrejas cristãs.⁴⁹

As dificuldades encontradas pelo Pastor Naity, da Igreja Presbiteriana do Brasil estão relacionadas aos mitos gerados pela história da não possibilidade de diálogo; ao radicalismo de determinadas pessoas em suas posições doutrinárias e teológicas.

Júlio de SANTA ANA nos apresenta uma justificativa para esse tipo de dificuldade apresentada pelo pastor acima citado:

o desenvolvimento dogmático e a pesquisa teológica foram orientados durante certo período por necessidades próprias das separações dominantes nas igrejas. Um e outras procuravam consolidar suas posições desenvolvendo as melhores argumentações possíveis. Tudo isso favoreceu o surgimento de um espírito anti-ecumênico. Cada corpo eclesiástico procurou alimentar o pensamento de seus fiéis através do púlpito, da cátedra universitária, dos livros, dos jornais, da escola, etc., para ajudá-los a se manterem firmes em sua confissão de origem e, se fosse possível, a propagá-la entre os contrários.⁵⁰

⁴⁷ Jean-Paul WILLAIME, A ambivalência ecumênica de João Paulo II. In: R. LUNEAU; P. MICHEL (org.), *Nem todos os caminhos levam a Roma*, pp. 176-177.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 177.

⁴⁹ Jean-Paul WILLAIME, A ambivalência ecumênica de João Paulo II. In: R. LUNEAU; P. MICHEL (org.), *Nem todos os caminhos levam a Roma*, p. 198.

⁵⁰ Julio H. de SANTA ANA, *Ecumenismo e libertação*, p. 123.

É importante ressaltar que, após longo período de divisões, confrontos e proselitismos, fica difícil tentar uma mudança de mentalidade para a aproximação com o diferente de forma rápida. Os “ranços” do passado ainda vão caminhar juntos com o avanço do diálogo ecumênico. Mas a transformação para o diálogo efetivo pode e deve ficar mais sólida; o MEM já está trilhando este caminho.

2. Questões internas da Igreja Católica

Dificuldades encontradas pela Comissão Diocesana para o Diálogo Ecumênico⁵¹:

Número reduzido de pessoas na equipe [do diálogo ecumênico] em algumas paróquias (pelo acúmulo de atividades desenvolvidas em outras pastorais, [que não a do diálogo ecumênico]).

Alguns párocos não colocam a dimensão do diálogo como prioridade.

Alguns membros da equipe não têm liberdade de visitar outras Igrejas [cristãs] sem a presença do padre.

Falta de conscientização de outras pastorais.

Quando se une outra pastoral com a equipe do diálogo, priorizam-se outros assuntos e não o ecumenismo.⁵²

Essas dificuldades apresentadas pela Comissão Diocesana do Diálogo Ecumênico expõem considerações importantes. Primeiro, tanto o número reduzido de católicos que se propõem a trabalhar a dimensão ecumênica – que por sinal não são incentivados na maioria das paróquias⁵³ – quanto à falta de conscientização das demais pastorais, deixa claro que, parte do laicato e do clero, não sabe, ou não quer saber, que o ecumenismo é intrínseco à Igreja. Os documentos da Igreja católica orientam que não há justificativa em se priorizar ou não as atividades ecumênicas, pois a Igreja sendo missionária, evangelizadora e socialmente engajada é, portanto, ecumênica.

⁵¹ De acordo com informações dessa Comissão da Diocese católica, os coordenadores paroquiais responsáveis pelo diálogo ecumênico dessa Igreja, em São José dos Campos-SP, fazem uma avaliação anual. Esta avaliação tem o objetivo de detectar as principais dificuldades sentidas durante o ano, para que, através de formação e elaboração de metas, se consiga avançar no diálogo com cristãos de outras denominações.

⁵² DIOCESE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. *Comissão do Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso*, Pasta 1.

⁵³ O trabalho de campo por nós realizado corroborou com essa conclusão.

A solicitude para instaurar a união se impõe a toda a Igreja, tanto aos fiéis como aos pastores e afeta a cada um em particular, de acordo com sua capacidade, quer na vida cristã cotidiana, quer nas investigações teológicas e históricas.⁵⁴

Há ainda, a falta de liberdade enfrentada pelos leigos católicos para visitar outras Igrejas cristãs. Fora a exclusão do leigo por parte do clero – que não vem ao caso discutirmos aqui – há nítidas barreiras de se promover o diálogo com outros cristãos. Se há boa formação interna, se o ecumenismo é visto como comunhão apesar da diversidade, se há entendimento de que o “outro” pode enriquecer-me e ajudar a firmar minha própria identidade religiosa – e não perdê-la portanto – então não se justifica o receio dos padres em deixar “sua” equipe do diálogo ecumênico manter contato com outra denominação cristã. Estaremos abordando melhor sobre esse assunto no item 3, sobre falta de formação ecumênica.

2.1 *Dominus Iesus*

Uma das grandes dificuldades encontradas pelo movimento ecumênico, especificamente no 2000, foi em decorrência da Declaração *Dominus Iesus* da Congregação para a Doutrina da Fé. Pelo abalo sofrido por esse documento, o movimento ecumênico da cidade se viu retraído. Mesmo tendo acesso aos documentos e notas da CNBB reafirmando o compromisso ecumênico da Igreja católica, foi de forma muito apreensiva e desanimadora o estudo sobre as “respostas” à referida declaração por parte das Igrejas evangélicas.

Quando a informação sobre essa Declaração chegou à Comissão Diocesana – Igreja católica –, o Assessor Diocesano da Comissão do Diálogo Ecumênico Padre Sebastião Cesar Barbosa preparou um documento explicativo sobre a questão, com o objetivo de tentar amenizar os ânimos e questionamentos dos envolvidos no MEM.

Numa conclusão sobre a Declaração *Dominus Iesus*, Padre Sebastião Cesar Barbosa diz o seguinte:

⁵⁴ Decreto *Unitatis Redintegratio*, (5). In: *Compêndio Vaticano II*, p. 317.

[A Declaração] não ensina nada de novo, mas reafirma e reassume a doutrina católica, definida ou ensinada em precedentes documentos do Magistério da Igreja. A presente Declaração, por sua própria natureza, é um serviço à Fé.

A Declaração se insurge contra a idéia, hoje tão disseminada, que todas as religiões são caminhos igualmente válidos de salvação. Insurge-se também contra a 'ideologia' do diálogo que substitui a missão ad gentes.⁵⁵

Apesar de os pastores e padres, que participam do MEM, não terem elaborado um documento próprio sobre suas posições com relação a esse documento, utilizaram os pronunciamentos de suas respectivas Igrejas e organismos ecumênicos, em nível nacional, como esclarecimento das referidas posições. Apresentamos aqui os pronunciamentos da Igreja Metodista, do CONIC e da CNBB.

A Igreja Metodista, tanto no Brasil como em outras partes do mundo, está entre as pioneiras do movimento ecumênico moderno, tendo participado ativamente das principais iniciativas ecumênicas do Século XX e da fundação de várias organizações ecumênicas, entre elas o Conselho Mundial de Igrejas e o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs no Brasil.

Por isso, é com tristeza e indignação que tomamos conhecimento das declarações feitas ontem pelo cardeal Ratzinger, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé na qual ele restabelece a posição arrogante e sectária prevalente na igreja de Roma antes do Vaticano II de desqualificação das igrejas de tradição Anglicana e Protestante como não igrejas.

(...) Nosso compromisso ecumênico como metodistas nos leva, por um lado a repudiar de forma veemente as posições anunciadas por Roma e, por outro a reafirmar nosso compromisso ecumênico em continuar nossas relações de diálogo, cooperação e solidariedade com aqueles setores da Igreja Católica Romana genuinamente comprometidos com o movimento ecumênico, principalmente nos esforços comuns em prol da justiça social em nosso país. Entretanto, os novos pronunciamentos vindos de Roma nos impelem a iniciar um processo de revisão das nossas relações oficiais com a Igreja Católica Romana (...).⁵⁶

Reação da Diretoria do CONIC frente à Declaração Dominus Iesus:

(...) 'Dominus Iesus atinge diretamente o ecumenismo ao tratar do assunto da unicidade e unidade da Igreja (...). Todos os cristãos professam que a Igreja de Jesus Cristo é uma e única. É por essa razão que o movimento ecumênico busca superar as históricas divisões no Corpo de Cristo. Mas a afirmação que a Igreja de Jesus Cristo 'continua a existir plenamente só na Igreja Católica' (Romana) fere profundamente a autoconsciência eclesial

⁵⁵ Anexo 10, p. 177.

⁵⁶ Declaração do Colégio Episcopal da Igreja Metodista sobre recentes documentos publicados pelo Vaticano. In: Jornal Expositor Cristão, outubro de 2000, p. 23.

das demais tradições cristãs. Causa estranheza que, após tantos anos de testemunho comum e de reflexão teológica ecumênica, surja um documento que ignora todo esse processo. Não se concebe, que no limiar de um novo milênio, prenhe de ameaças à vida e à dignidade humana, sejam provocadas novas disputas entre as igrejas, disputas essas que enfraquecem a sua presença profética no mundo.(...)⁵⁷

Pronunciamento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB:

A Presidência e a Comissão Episcopal de Pastoral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em comunhão com o Papa João Paulo II que, no dia 18 de setembro de 2000, reiterou "*ser irrevogável o empenho da Igreja Católica para com o diálogo ecumênico*", por motivo da recente Declaração *Dominus Iesus* da Congregação para a Doutrina da Fé, deseja reafirmar o seu compromisso ecumênico.

Manifesta a todos os cristãos a estima da Igreja Católica que os reconhece justificados pela fé e incorporados a Cristo e os abraça com fraterna reverência e amor como "*irmãos no Senhor*". Considera também que "*suas igrejas de forma alguma são destituídas de significação e importância no mistério da salvação*" (Cf. UR). Acredita que o movimento ecumênico, surgido entre os irmãos e irmãs de outras igrejas para restaurar a unidade de todos os cristãos, é uma obra do Espírito Santo.

Reafirma também os compromissos assumidos com as igrejas parceiras nos organismos ecumênicos CONIC e CESE, para cuja constituição contribuiu como membro fundador. De acordo com os estatutos solenemente assinados, garante a todos os irmãos e irmãs que continuará a sentar-se à mesa do diálogo "*de igual para igual*", na busca comum da verdade e no serviço à humanidade.

Continua examinando, com espírito sincero e atento, o que, no interior da própria Família católica no Brasil, deve ser renovado e realizado, para que sua vida dê um testemunho mais fiel e luminoso da doutrina e dos ensinamentos recebidos de Cristo por meio dos Apóstolos.

Exorta o clero e os fiéis católicos a fazerem do ecumenismo uma prioridade e a promoverem tudo o que for necessário a fim de que o testemunho da comunidade católica possa ser compreendido em toda a sua pureza e coerência, superando as incompreensões herdadas do passado e estabelecendo com os irmãos e irmãs evangélicos laços cada vez mais fortes de recíproca confiança e amizade.⁵⁸

⁵⁷ CONIC. Pronunciamento da Diretoria do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil frente à Declaração *Dominus Iesus* – sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja em 11 de setembro de 2000.

⁵⁸ Nota da CNBB sobre o compromisso ecumênico da Igreja Católica. Pronunciamento feito em 18 de setembro de 2000. Conforme site www.cnbb.org.br.

3. Falta de formação ecumênica

Resolvemos abordar este assunto por último, por entendermos que várias dificuldades enfrentadas pelo MEM, ou por pessoas que receiam fazer parte dele, estão relacionadas à falta de uma séria formação ecumênica, que englobe a todos – clérigos e leigos.

Do lado dos católicos, as dificuldades encontradas também perpassam a falta de formação ecumênica, tanto por parte das comissões paroquiais, responsáveis pelo diálogo ecumênico, quanto pelos padres e leigos em geral. Há dificuldades de aproximação, de liberdade de atuação e de medo da perda de identidade, ou seja, em muitas ocasiões não se sabe como agir. Padre Wagner Rodolfo da Silva, da Paróquia São Benedito, expôs o seguinte:

Falta de abertura para o diálogo dos pastores de quase todas as denominações religiosas [das adjacências] da Paróquia. Falta de compreensão dos católicos sobre o tipo de relacionamento que devemos ter. Os não bem esclarecidos pensam que ecumenismo é participar da Igreja evangélica e os fiéis evangélicos participarem da Igreja Católica, como se as duas fossem a mesma coisa.⁵⁹

Dificuldades apontadas pelo Padre José Vieira Pinto, da Paróquia de Sant’Ana: “As dificuldades são que convidamos e eles [evangélicos] não participam [de celebrações ecumênicas], comunicamos [por correspondências] e elas [Igrejas cristãs de outras denominações] não retribuem”.

Para a coordenadora da Comissão do Diálogo Ecumênico da Paróquia São Judas Tadeu, as dificuldades encontradas foram:

Desinteresse por parte dos Pastores.
 Não retribuem cartões de Natal ou de Páscoa que mandamos para eles e suas igrejas.
 Não aceitaram os convites que lhes foram feitos por ocasião da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.
 Não permitem que suas comunidades, ‘seus membros’, visitem a igreja católica.⁶⁰

⁵⁹ Questionário 4, Anexo 3, p. 136.

⁶⁰ Questionário 5, Anexo 3, p. 138.

Para Padre Moacir Silva (atual Bispo Diocesano), da Paróquia São Dimas, a dificuldade consiste na não “Participação de fiéis de outras denominações em celebrações ecumênicas.”

As celebrações ecumênicas são consequência do diálogo existente. E não é isso que percebemos nas citações das paróquias acima mencionadas. Os convites para celebrações ecumênicas, por exemplo, são feitos antes de se manter um vínculo mínimo de amizade entre as partes. Talvez aí se encontre a dificuldade de não obterem resposta positiva.

Numa seqüência lógica, primeiramente, deve haver o contato, a aproximação, o respeito, a amizade etc.; a confiança precisa ser conquistada, e isso leva um certo tempo. A partir daí, em comum acordo, aceitaríamos celebrar juntos a mesma fé que professam. Portanto, esses convites para celebrações ecumênicas – ou outros – deveriam acontecer após uma caminhada de abertura, disponibilidade, “coração desarmado” e acolhedor, enfim, despojamento interno constante dos dois lados: evangélicos e católicos. Processo no qual a formação ecumênica ajuda, e muito.

O Assessor Diocesano do Diálogo Ecumênico, da Igreja católica, Padre Sebastião Cesar Barbosa foi categórico quando perguntado por mim na entrevista, sobre o que dificulta o trabalho do MEM. Ele diz claramente o que falta:

Formação teológica dos padres no que se refere ao ecumenismo. Agora, eu gostaria de deixar claro que, de alguma maneira, isso foi corrigido, mas é um processo lento, na atual formação dos seminaristas-teólogos. Por quê? A Santa Sé, Roma, exigiu, se não me engano 1998-1999 em diante, que no curso de Teologia houvesse a disciplina “Ecumenismo”. E aqui para nós que nos formamos no Vale do Paraíba, no “Conventinho” da Congregação Sagrado Coração de Jesus, sabemos, agora, que os nossos seminaristas-teólogos já têm essa disciplina. Porque foi uma exigência, uma obrigação da Santa Sé. Mas os padres ordenados de 1998 para trás, inclusive eu, todos nós temos essa lacuna na formação; inclusive porque o ecumenismo não era assim levado tão a sério e de obrigatoriedade no currículo teológico de um sacerdote. Mas também poderia dizer: falta formação teológica dos pastores. E sobretudo dos pastores que não pertencem às Igrejas históricas. Então, a questão está justamente na formação da liderança; se é católico: os sacerdotes; se é evangélico: os pastores. Ainda falando em questão de formação – agora olhando para as nossas lideranças –, os leigos mais ativos na pastoral, com relação aos católicos, e os líderes das diversas Igrejas evangélicas: falta para os nossos leigos católicos e evangélicos formação ecumênica. E poderia dizer ainda das dificuldades: existe uma dificuldade em se manter um justo equilíbrio entre

identidade de fé/confissão religiosa e diálogo. Existe muito medo, muito preconceito, de ambas as partes.⁶¹

Quando perguntado sobre se havia participação dos fiéis católicos nas atividades ecumênicas, sua resposta foi a seguinte:

Com relação à Igreja católica, nós tivemos uma abertura muito grande por parte de muitos líderes católicos, gente de formação; mas, ainda, a gente percebe, “no grosso”, na maioria, o mesmo problema da formação; ou então aquela dificuldade, um justo equilíbrio entre identidade de fé e diálogo.⁶²

Se não há o mínimo de reciprocidade nas tentativas de aproximação, também é detectada aqui a falta de outros tipos de tentativa, como análise da realidade local para que, juntos, evangélicos e católicos, consigam uma forma de entendimento mais plausível e concreto; o trabalho social em conjunto pode ser um bom exemplo. O que o mundo moderno traz de negativo atinge a todos, indistintamente, independente da Igreja a que pertencem. E a aproximação e acordo para um trabalho em conjunto podem fazer o diálogo e o respeito acontecerem a partir da prática do evangelho.

Também percebemos – novamente – a falta de esclarecimento mais profundo sobre o que seja ecumenismo, bem como seu objetivo.

Uma outra dificuldade que temos é o uso do termo “ecumenismo” feito de maneira arbitrária. Por exemplo, chamando de “ecumênico” – adjetivo – ou mesmo de “ecumenismo” – substantivo – aquilo que se refere ao diálogo inter-religioso. Inclusive da parte dos evangélicos, há uma dificuldade muito grande de se lidar com a religião afro-brasileira ou o espiritismo e outras. E por exemplo o uso que o espiritismo faz do termo “ecumenismo”, mas não da maneira que nós compreendemos ecumenismo, feito entre batizados, entre pessoas que seguem Jesus Cristo e estão batizados em nome da Trindade e são membros de alguma Igreja cristã. Haja vista aqui no Brasil, por exemplo, “aquele” Paiva Neto, da Legião da Boa Vontade, que tem o seu grupo com o título de igreja ecumênica; isso causa muita confusão, trás inclusive algumas reticências e medo por parte dos evangélicos.⁶³

Notamos que os vários comentários, tanto de padres quanto de pastores evangélicos, vêm carregados com os sentimentos de “medo” e de “perda”, ou seja, têm

⁶¹ Padre Sebastião Cesar BARBOSA, Entrevista 1, Anexo 7, p. 157.

⁶² *Ibid.*

⁶³ *Ibid.*

medo da perda da fé, medo da aproximação com o outro, medo da perda do nome da instituição, medo do maligno, medo de estratégias da Igreja católica, medo de perder os fiéis, medo de se envolver etc. É o medo se sobrepondo à aproximação e ao diálogo. Isso tudo demonstra a falta de conhecimento sobre o real objetivo do ecumenismo.

Para a Paróquia São Sebastião, “A principal dificuldade é quanto à formação doutrinal que cada denominação tem. Aí esbarramos em alguns entraves que atrapalham a unidade.”

Mais uma vez a questão doutrinária é colocada como obstáculo ao diálogo, criando dificuldades pelas partes envolvidas no MEM. Eles colocam a formação doutrinal como “entreve”, “empecilho” que atrapalham a unidade.

Esse tipo de dificuldade é também enfrentada e sentida por pastores evangélicos, ao não permitirem a ida de seus fiéis em celebrações ecumênicas com a Igreja católica.

As próprias Igrejas cristãs acreditam que deva acontecer formação ecumênica de qualidade, que seja constante e que, também, envolva a todos: tanto os clérigos quanto os fiéis. “As igrejas cristãs vão se dando conta de que, à sua clara opção em favor da unidade querida por Jesus, deve seguir-se um constante e paciente esforço de formação de seus pastores e fiéis nos caminhos da ação e da reflexão ecumênicas.”⁶⁴

Para o Pastor Dr. Walter Altmann, o movimento ecumênico tem o objetivo de “dar expressão visível à unidade de Cristo com o Pai, de modo que também seus seguidores sejam ‘um’, a fim de que ‘o mundo creia’ (...).” Mas, para que esse propósito de unidade seja possível, deve vir “acompanhado de um processo de formação ecumênica, capaz de solidificar as convicções e os comportamentos ecumênicos, dar-lhes embasamento teológico, abrindo avenidas de cooperação concreta entre cristãos de distintas igrejas.”⁶⁵

⁶⁴ COMISSÃO CONJUNTA DE TRABALHO ENTRE IGREJA CATÓLICA ROMANA E O CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS, *Formação ecumênica: reflexões e sugestões ecumênicas*, p. 5. De acordo com Dom Ivo Lorscheiter, esta publicação foi assumida “conjuntamente pelo Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI), pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), pela Linha 5 da CNBB-Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso e pelo Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEP)”. Ivo LORSCHTEITER, *Formação ecumênica: reflexões e sugestões ecumênicas*, p. 6.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 10. O Pastor Dr. Walter Altmann, é o Presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI).

A formação é importante, porém, lembramos que ela é *parte* do processo de luta para superar as divisões dos cristãos. É também um processo de educação, ou dizendo de outra forma, é um processo de aprendizagem.

Mesmo a existência de diversas obras, subsídios, orientações; locais para realização como: institutos, escolas, seminários; bem como profissionais: teólogos, ecumenistas, estudiosos etc. que objetivam uma formação ecumênica de qualidade em cada localidade, se não houver interesse se de aplicar o conhecimento recebido entre os fiéis, então todo o trabalho se torna nulo, ou, quando muito, fica restrito a quem, desde o início, já incorporou o ecumenismo como sendo próprio das Igrejas cristãs.

Como bem sabemos, a educação deve vir acrescida de transformação, mudança de mentalidade e aplicação dentro do contexto a qual se vive. Então, em nosso entender, somente a formação não basta para que as pessoas envolvidas no MEM – ou não – adquiram teoria e prática ecumênicas. Essa questão é de real importância, principalmente aos clérigos, pois são os que mais têm condições e oportunidades de proporcionar mudança de mentalidade em seus fiéis.

De acordo com o Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre ecumenismo, da Igreja católica, os meios de formação para todos os fiéis são: a) escuta e estudo da Palavra de Deus; b) a pregação; c) a catequese; d) a liturgia; e) a vida espiritual e f) outras iniciativas, como a colaboração em iniciativas caritativas e sociais.

Os meios propícios para a formação estão relacionados aos ambientes como: a família; a paróquia; a escola; os grupos, as associações e os movimentos eclesiais. Para os ministros ordenados como Bispos, Padres e Diáconos, bem como para os catequistas, os professores e os fiéis leigos, deve haver formação doutrinal e experiência ecumênica. Devido à evolução do movimento ecumênico, orienta-se para que a formação doutrinal e prática não se limite ao período de formação, mas que seja contínua e atualizada.

Terminamos este capítulo, apontando algumas breves conclusões. A primeira delas é que fica evidenciado que a falta de conhecimento do contexto em que se trabalha o ecumenismo, bem como a falta de conhecimento mútuo, acarretam atitudes proselitistas.

A segunda relaciona-se ao fato de que o problema de proselitismo, quando ocorre, a discussão sobre a “verdade” e demais posicionamentos das Igrejas, não está em Deus, mas na imagem que cada Igreja tem e faz de Deus. Os caminhos percorridos

ao encontro de Deus é que são diferentes, porém a fé é a mesma. A terceira é que não há consenso sobre a compreensão de Igreja em si.

Numa análise em que se propõe a formação ecumênica como mola propulsora para sanar as dificuldades e avançar no processo de diálogo, descobrimos que a mesma deva ser imprescindível, desde que acompanhada e pautada sobre o que “todos”, em comum acordo podem assumir de compromisso no processo.

Pelo que foi abordado no primeiro capítulo sobre os avanços do MEM e também por suas dificuldades, mencionadas neste capítulo, podemos propor a existência de três modelos de diálogo⁶⁶. Discutiremos esses modelos no capítulo seguinte, tentando expor respostas para as dificuldades abordadas aqui.

⁶⁶ Lembrando que por se tratar de diálogo, obviamente já há uma certa aproximação, respeito e acordo entre as partes, mesmo entre os poucos que participam dele.

CAPÍTULO III

MODELOS DE DIÁLOGO ECUMÊNICO

*Se teu coração é como o meu,
então vem e me dê a mão.*
John Wesley

Após o término da análise dos questionários e entrevistas realizados, entre os envolvidos no Movimento Ecumênico do Município, sobre as dificuldades enfrentadas por eles, e das leituras e pesquisas sobre o assunto, percebemos a existência de três modelos de Diálogo Ecumênico.

O objetivo deste capítulo será, justamente, expor esses modelos encontrados, incluindo a opinião dos entrevistados numa forma de clarear a maneira como cada um deles compreende o diálogo, presente de uma forma ou de outra em cada modelo que será analisado.

O primeiro modelo chamaremos de **“ecumenismo teológico-doutrinal”**, o segundo de **“ecumenismo institucional celebrativo”** e o terceiro de **“ecumenismo prático”**.

É importante lembrar que, na abordagem dos dois primeiros modelos – especificamente – trabalharemos a relação intereclesial, ou seja, o diálogo oficial entre uma instituição e outra. Dizemos “oficial” porque não estamos levando em consideração aqui as relações de amizade, cordialidade, vizinhança etc., que ocorre naturalmente, desde sempre, no dia-a-dia das pessoas – e já abordadas no capítulo II. Aliás, de uma relação de amizade cotidiana para uma relação em que a pessoa vai carregada pelo peso do denominacionalismo, há uma distância extraordinária.

Um outro aspecto que merece atenção e importância está relacionado à questão da mudança interior. Subentende-se que, para cada um dos modelos de diálogo apresentados, já se tenha estabelecido anteriormente a confiança mútua – fator de extrema importância – e o não menos importante respeito recíproco entre as partes. Pela pesquisa realizada, sentimos que esses dados fazem parte da posição de todas as Igrejas.

De qualquer forma, pelo movimento ecumênico por si só ser um movimento dinâmico, percebemos uma evolução em seus trabalhos até a chegada do ano 2001.

1. Ecumenismo teológico-doutrinal

Desde o início dos trabalhos e atividades ecumênicas – no município de São José dos Campos e região do Vale do Paraíba – uma das primeiras atitudes tomadas pelos envolvidos foi o contato inicial – e oficial! – entre uma Igreja e outra. Por iniciativa da Igreja católica, principalmente, ou das Igrejas evangélicas históricas, iniciou-se uma fase de conhecimento mútuo em que preconceitos foram quebrados, houve abertura para o “outro” e, também, sua valorização.

Foram questionados sobre os pontos positivos observados na participação de atividades ecumênicas, dois integrantes do MEM, que participam das reuniões do Vale do Paraíba. Primeiro, a opinião de um padre, colocando as relações intereclesiais como positivas, pois favorecem o encontro com o diferente, o difícil reconhecimento do valor do “outro” após a quebra de preconceitos, bem como cada uma das partes encara a sua própria fé, mesmo sendo uma mesma fé em Jesus Cristo.

Em primeiro lugar, a aproximação entre pessoas, o reconhecimento do valor do outro, pessoas que eu digo, aqui, das diferentes Igrejas cristãs. Dentro disso, a quebra de preconceitos antigos e alguns até novos, mas que dificultavam o diálogo entre católicos e evangélicos, no caso das diferentes Igrejas evangélicas, da parte nossa e da parte deles, sobretudo diante daquilo que hoje vivemos que é a questão do mercado religioso, a disputa pelos fiéis, ou até mesmo comércio do sagrado. Então, diferenciar de maneira objetiva, aquelas Igrejas ou pessoas que, com consciência reta, vivem dando o melhor de si, vivem a sua fé, daqueles charlatães dos tempos modernos, sobretudo daqueles que inclusive contavam com o apoio da mídia.

Um segundo aspecto: a acolhida do diferente. O diferente sempre é algo que nos amedronta, que nos faz rever conceitos, o diferente de alguma maneira nos desinstala, e não é fácil, é preciso estar disposto a sair do seu contexto mental e se abrir para o outro. Esse é um aspecto positivo porque isso nos torna mais humanos, nos faz crescer como pessoas. E, além da acolhida do diferente, a percepção do valor do outro, ou, da maneira que o outro encara a fé; no caso aqui, falando de ecumenismo, da maneira como o outro encara a pessoa de Jesus Cristo, ou a maneira como as outras Igrejas celebram a fé em Jesus Cristo, ou também apresentam uma postura ética a partir do Evangelho. E eu diria ainda, um último aspecto positivo, acaba sendo, até mesmo nesse contato com o outro, com o diferente, na percepção do valor do outro, o fortalecimento da própria identidade de fé.¹

¹ Padre Sebastião César Barbosa é o Coordenador Diocesano da Comissão do Diálogo Ecumênico no triênio pesquisado: 1999 a 2001. Cf. Entrevista 1, Anexo, 7, p. 157. Grifo meu.

Segundo, a opinião de um pastor, pertencente a uma Igreja pentecostal. Para ele, além da perda do medo do outro, há o aspecto do testemunho cristão, “ser exemplo” para os demais é uma atitude conseguida mediante o envolvimento com os demais cristãos de denominações diferentes, porque Jesus assim o quer. Também expõe sobre uma mudança de mentalidade difícil ainda de ser conseguida por muitos cristãos: a percepção de que Deus está também presente em outras Igrejas.

Na minha observação, os pontos positivos são: a perda do medo do outro, (...) Um outro ponto positivo, na minha observação, é que aumenta a questão da santidade. Eu não preciso “ser santo” apenas para a minha comunidade; na medida em que eu avanço no contato ecumênico eu também tenho que buscar a santidade e ser também exemplo, ser também luz para o meu irmão de outras denominações. Eu acredito que aí há um grande temor das pessoas porque aumenta a nossa responsabilidade.

Um outro ponto positivo é que nós voltamos a nos envolver com a mesa, que sumiu das comunidades, tiraram a mesa e as pessoas já não dialogam mais. Nossos encontros, nossas celebrações, a mesa tem ocupado um lugar importante, que é o espaço de diálogo, de observações, considerações e grande progresso entre as pessoas.

Um outro ponto positivo é o respeito que nasce para com as tradições, as pessoas começam a respeitar o outro nas suas tradições, ao invés de criticar, (...) as pessoas começam então a ver, a perceber que a presença de Deus não está ligada única e exclusivamente à sua Igreja, à sua comunidade, Deus está aberto contemplando a todos e a todas as pessoas. (...)

Uma outra questão também que eu acho importante, é o exemplo para os filhos, para as filhas, para a comunidade mais jovem. Nós, os adultos, os líderes e as líderes de comunidade passam a dar o exemplo prático, efetivo de que realmente devemos amar uns aos outros como a nós mesmos, e de que Jesus Cristo nos quer unidos. Colocando isso para os jovens, para as crianças, cresce o amor por Jesus e o respeito à sua Palavra, (...) ²

Após o conhecimento, a quebra de barreiras, a quebra de preconceitos, a aproximação, a convivência e respeito mútuos, segue-se para um envolvimento maior: a discussão de temas, muitas vezes considerados “tabus” anteriormente, para a continuidade dos trabalhos, dos projetos, enfim, do futuro do próprio movimento iniciado.

Nas discussões doutrinárias são abordados temas considerados – alguns – como obstáculos para o avanço da unidade dos cristãos, bem como outros assuntos em que se destacam aspectos comuns às partes envolvidas, favorecendo o estudo de acordos nacionais e internacionais para que sejam analisados e aplicados localmente.

² Pastor Sebastião Bertolino FILHO, Entrevista 4, Anexo 7, p. 165. Grifo meu.

Alguns exemplos de temas doutrinários discutidos são: conceitos de “Igreja”, soteriologia, ministérios, Maria (mãe de Jesus), intercomunhão, acordos bilaterais e multilaterais, desafios atuais do movimento ecumênico, obstáculos à unidade etc.

Aspectos teológicos também são levados em consideração, como por exemplo: relações intereclesiais, teologia ecumênica, o próprio diálogo entre as Igrejas cristãs etc.

Este modelo de ecumenismo, empenha especialmente especialistas, estudiosos, líderes das Igrejas cristãs e teólogos, numa busca de “formulações da fé que possam ser recebidas como verdadeira e compreensíveis pelo povo de Deus e que levam as Igrejas a um consenso [ou não] sobre as verdades dos mistérios que elas professam, celebram e anunciam.”³

Conforme constatamos em nossa pesquisa, os trabalhos do MEM, especificamente em São José dos Campos, iniciaram-se já com o objetivo de se celebrar juntos. Mas, constatamos também que no Vale do Paraíba a existência de reuniões ecumênicas entre os líderes cristãos – acontecidas quatro vezes ao ano – demonstra que os assuntos abordados também se referem a questões teológicas-doutrinárias.

Discutir essas questões, em conjunto, é uma maneira positiva de se conhecer melhor e objetivar ações relacionadas a um melhor envolvimento por parte dos fiéis de cada Igreja. Essas reuniões, em que estão presentes os líderes das Igrejas cristãs, favorecem também uma formação mais profunda dos próprios participantes como para os futuros líderes.

O fato de haver discussão sobre resultados de encontros ecumênicos, bilaterais ou multilaterais, sobre criação de órgãos ecumênicos regionais, por exemplo, proporciona intercâmbios, ajuda no aprofundamento de assuntos ligados às próprias tradições presentes. Enfim, colabora na formação da própria liderança, mas devem ajudar na concretização da unidade de todos os cristãos e em cada localidade, onde as Igrejas desenvolvem a sua missão.

Júlio de Santa Ana deixa essa questão bem clara, quando afirma:

Na realidade, a prova de fogo do movimento ecumênico sempre se concretiza a nível local. O ecumenismo de ‘alto nível’, que consiste em

³ Apostila da Paróquia de Sant’Ana, *Introdução ao ecumenismo*, 2003. Arquivo da pesquisadora.

reuniões internacionais e interconfessionais, não tem muito valor se seus trabalhos não ajudarem a concretizar a unidade de todos os cristãos em cada lugar onde as igrejas estão desenvolvendo sua missão.⁴

Apesar do lado positivo dessas reuniões, falta uma maior participação de outros líderes cristãos. Essas reuniões possuem uma média de doze pessoas; comparando com o tamanho da região e da cidade de São José dos Campos, é nítida a falta de um envolvimento maior, pois muitos ainda não aderiram ao movimento ecumênico.

Outra observação relacionada a essas reuniões, é a questão da participação dos leigos; os que participam são – no máximo – coordenadores da Comissão do Diálogo Ecumênico. Assim, observamos que somente os líderes se reúnem; então, podemos arriscar chamá-lo de ecumenismo de cúpula.

Sabe-se que as questões doutrinárias, por exemplo, foram as responsáveis pela divisão da Igreja desde seu primeiro cisma. Portanto, tentar um diálogo a partir dos aspectos que as dividem, no nosso entender, é tentar dialogar pelo lado mais difícil, árduo e infrutífero, pois não se tem o objetivo de discutir *sobre* o que se pode fazer na prática. É um diálogo que não vai além. É conhecimento mútuo e só, pelo menos no período de análise proposto neste trabalho (1999-2001).

Para Juan Bosch Navarro, o ecumenismo doutrinal está no “núcleo” do movimento ecumênico, e mais, destaca como “obsoleta” a velha fórmula de que a “ação une, a doutrina separa.”

Numerosas questões doutrinárias, que permanecem controversas entre as Igrejas, suscitam ainda uma infinidade de colóquios, encontros e diálogos em diferentes níveis que permitem falar com propriedade do *ecumenismo doutrinal*. Dele dependem, para a maioria das hierarquias, os verdadeiros passos rumo à unidade cristã em sua plenitude. É inegável que existem outras dimensões ecumênicas não estritamente doutrinárias que, se não forem resolvidas, podem impedir uma eventual união cristã. Mas é completamente inquestionável que o diálogo doutrinal está hoje no núcleo do movimento ecumênico. Torna-se por isso obsoleta a velha fórmula de alguns pioneiros: ‘A ação une, a doutrina separa.’⁵

⁴ Júlio H. de SANTA ANA, *Ecumenismo e libertação*, p. 250.

⁵ Juan Bosch NAVARRO, *Para compreender o ecumenismo*, p. 19.

Em São José dos Campos, citamos como exemplo, o estudo – e posterior celebração – da Doutrina da Justificação por Graça e Fé⁶. Apresentado – sem dúvida – como mais uma conquista do Diálogo Ecumênico, este acordo bilateral entre católicos e luteranos foi bastante discutido pelo MEM, favorecendo uma maior solidez no relacionamento entre as duas igrejas.

De acordo com o Pastor Ernane Ropke, que também pertence ao MEM, a partir da assinatura dessa Declaração Conjunta:

(...) luteranos e católicos passam a professar que a salvação decorre da graça de Deus e não das boas obras. Que só se chega à salvação pela fé. Embora as boas obras não levem à salvação, elas são consequência natural da fé, isto é, o verdadeiro cristão faz boas obras não para se salvar, mas como um testemunho de fé pelo amor recebido.⁷

E continua, concluindo que o compromisso entre as partes necessita ser mais responsável, e que, a partir desta Declaração, há mais motivos para a realização de obras em conjunto.

Agora estamos livres de um jugo para um compromisso ainda mais responsável diante da Palavra de Deus. Reconciliados, agraciados e unidos pelo Cristo, temos agora ainda mais motivos para realizar boas obras em conjunto. Que a graça e a fé, que emanam do Espírito de Deus, nos levem a juntos encontrarmos caminhos que destruam os sinais de morte e teologias que exploram o sofrimento e a fragilidade da fé de muitas pessoas.⁸

Mas, nem só de aspectos positivos iniciou-se a caminhada ecumênica em São José dos Campos e região. Conforme já mencionamos no Cap. II, a saída de determinados pastores evangélicos do MEM foi sentida por todos os envolvidos. Citamos o caso do Pastor Ismael, expondo sua justificativa sobre o porquê não mais pertencer ao MEM: questões doutrinárias.

⁶ A Doutrina da Justificação por Graça e Fé foi uma declaração conjunta entre católicos e luteranos sobre a questão da salvação. Foi assinada na cidade alemã de Augsburg, em 31 de outubro de 1999.

⁷ Ernane ROPKE, 31 de outubro: mais uma conquista do diálogo ecumênico. In: *Jornal Expressão*, out/1999. O Jornal Expressão é um jornal católico, da Diocese de São José dos Campos-SP. Cf. Anexo 5, p. 154.

⁸ *Ibid.*

O motivo principal, para encurtar a conversa e aproveitar tempo, é que eu percebi que a Igreja católica apostólica romana, ainda que tenha se manifestado favorável ao ecumenismo e lute por isto, ela não abre mão das suas doutrinas básicas; e as doutrinas católicas tomam como base a tradição. A tradição católica tem o mesmo peso que a revelação e as tradições não têm base bíblica. Então, essa é uma questão fundamental porque eu deixei de participar. Há muitas outras questões como pressão de pessoas, que são absolutamente contrárias. Mas a gente que tem uma certa maturidade já – eu tenho 72 anos – tenho formação universitária, vários cursos universitários, pós-graduação, especialização etc.; a gente tem uma cabeça, não penso com a cabeça dos outros, penso com a minha cabeça; então, a razão fundamental é esta e foi até com dor no coração que deixei de aceitar convites. Já preguei em quase todas as Igrejas católicas [paróquias] de São José dos Campos e tive, na nossa casa, padres partilhando da mesa conosco: Padre Sebastião [César Barbosa], Padre Alcides [] e se tornaram amigos nossos, e tenho várias outras amizades com padres, pessoas excelentes com as quais eu tive comunhão.⁹

Este modelo de ecumenismo – teológico/doutrinal –, portanto, apresenta um diálogo limitado, de difícil avanço, mas no município pesquisado, a própria existência deste – apesar de raro – é tida como um avanço, uma conquista do MEM.

2. Ecumenismo institucional celebrativo

Este modelo de ecumenismo (diálogo) também se inicia, primeiramente, com as questões teológicas-doutrinárias. Porém, seu objetivo último é a celebração ecumênica, ou seja, o relacionamento intereclesial já existente culmina na Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos (SOPUC) – ocorrida anualmente – e também em outras ações litúrgicas em conjunto ocorridas durante o ano, como em formaturas escolares, atos públicos etc.

As celebrações litúrgicas são apresentadas como consequência do diálogo, e isso não deixa de ter o seu aspecto positivo, pois se avançou muito para a conquista desse tipo de diálogo.

A Semana de Oração é compromisso das comunidades cristãs. Aqueles que se identificam profundamente com Cristo devem assumir também a sua

⁹ Ismael de OLIVEIRA, Entrevista 5, Anexo 7, p. 168. Este pastor pertencia à Igreja Evangélica Comunidade Cristã, no período por nós pesquisado (1999-2001). Posteriormente, ele mudou de denominação cristã. Atualmente, 2004, pertence à Igreja Batista do Povo.

oração. Através do maior ou menor participação dos fiéis mede-se o compromisso das igrejas particulares com a unidade da Igreja de Jesus Cristo.

A Semana de Oração é um tempo privilegiado para despertar nos cristãos a consciência da urgência da unidade (...) Todos os que se reconhecem cristãos devem ser fiéis ao imperativo ecumênico.¹⁰

Faz-se importante expor neste momento, que as orientações gerais sobre a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos “vêm sendo fruto do trabalho conjunto da Comissão de Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas e do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos (Vaticano).”¹¹ No Brasil, o CONIC retrabalha o texto recebido com colaborações de diversas Igrejas cristãs.

A cada ano, se trabalha um tema diferente e os roteiros são adaptados de acordo com a realidade de cada comunidade cristã que queira realizar a SOPUC. A organização desta Semana segue os seguintes passos: a) O primeiro passo é o estudo do texto, para resolver o que vai ser feito, planejar eventuais adaptações e tomar as providências práticas para a boa realização da Semana. b) Tendo lido o texto, prepara-se o material, faz-se adaptações, pessoas são convidadas, faz-se divulgação. c) O texto e as ações previstas para a celebração devem ser apresentados com antecedência às lideranças eclesiais convidadas. É preciso verificar se todos se sentem à vontade com o que está planejado ou se há detalhes que devem ser alterados para atender à sensibilidade de alguma Igreja. As tarefas e funções devem ser distribuídas de forma harmoniosa para que todos se sintam valorizados. d) Os cantos escolhidos devem levar em consideração o texto das celebrações. e) deve haver rodízio de Igrejas e troca de púlpitos; é um modo simpático de acolher a Igreja convidada. f) O objetivo das próprias celebrações da Semana exige que sejam identificadas as Igrejas e entidades presentes. g) É prevista a possibilidade de uma coleta (em dinheiro) em benefício das atividades ecumênicas do CONIC. É um gesto simbólico, educativo, para ajudar cada pessoa a perceber que o trabalho ecumênico precisa da colaboração de todos, em vários sentidos.¹²

¹⁰ Padre Gabriele CIPRIANI, *Orando pela unidade dos cristãos*. Conjuntura Social e Documentação Eclesial. Encarte do Boletim da CNBB, (n. 468), de 22 de abril de 1999. Cf. Anexo 8, p. 174.

¹¹ Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC). *Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos*. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Subsídio para a semana de 27 de maio a 3 de junho de 2001, p. 5.

¹² *Ibid.*, pp. 7-8. Texto adaptado pela pesquisadora.

Notamos que as orientações mencionadas proporcionam uma participação “democrática” das Igrejas cristãs nesta Semana, favorecendo um exemplo prático de respeito recíproco entre as partes, principalmente por se tratar do aspecto espiritual.

Quando falam de testemunho comum, muitos acreditam que ele seja decorrência da oração que se realiza em conjunto. “A oração em conjunto parece indispensável para um testemunho comum. Como podemos testemunhar juntos se não oramos juntos? Orar em conjunto já é um testemunho comum.”¹³ Porém, não presenciamos isso na prática.

No processo evolutivo do MEM, percebemos alguns aspectos interessantes. Nas reuniões: presença somente dos líderes das Igrejas e de alguns líderes leigos da comissão do diálogo ecumênico da Igreja católica e também evangélicos.

No lançamento da Cartilha Ecumênica: as mesmas presenças acima, com o diferencial de ter aumentado a participação dos líderes leigos da Comissão do Diálogo Ecumênico – as paróquias estavam se estruturando melhor nesse aspecto.

Na abertura e desenvolvimento da Campanha da Fraternidade: participação dos líderes das Igrejas, dos líderes leigos e dos fiéis em geral, principalmente da Igreja católica. Nessa CF, percebeu-se que não houve uma maior participação dos fiéis pela insuficiência de uma grande formação ecumênica anterior, pelo menos num período maior para que se conseguisse a mudança de mentalidade das pessoas no que se refere ao encontro com o diferente.

De acordo com o desenvolvimento da pesquisa, podemos afirmar que o tipo de diálogo vivido nesse período foi “institucional”. Numa seqüência natural, os acontecimentos seguiam a seguinte ordem: conhecimento mútuo (intereclesial), confiança conquistada, reuniões, encontros, e, por fim, celebrações ecumênicas. Assim, no decorrer da investigação, evidenciou-se que a ecumenicidade das ações neste modelo de ecumenismo é fundamentada em termos eclesiológicos.

Numa demonstração de que o ecumenismo não se limita às discussões doutrinárias, há uma orientação em que se propõe outros tipos de relação recíproca, em que a oração é colocada como a principal do processo.

¹³ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diálogo católico-pentecostal: evangelização, proselitismo e testemunho comum*, (128), p. 74.

(...) a iniciativa ecumênica não se limita aos contatos oficiais e aos diálogos doutrinários. Tornou-se uma forma exigente de relação recíproca, de modos diferentes de vida na igreja. Estas novas relações se exprimem em: a) oração: é o primeiro ato ecumênico. É preciso passar do *orar por* para o *orar com*; b) leituras da bíblia e celebrações em comum; c) no testemunho comum; d) no serviço conjunto em relação às várias necessidades do mundo, especialmente em favor da justiça e da paz e da promoção humana.¹⁴

Há uma carta encíclica de João Paulo II, *Ut Unum Sint*, sobre o empenho ecumênico da Igreja católica, que confirma a importância de se colocar a oração em comum como premissa para o diálogo.

No caminho ecumênico para a unidade, a primazia pertence, sem dúvida, à *oração comum*, à união orante daqueles que se congregam à volta do próprio Cristo. Se os cristãos, apesar das suas divisões, souberem unir-se cada vez mais em oração comum ao redor de Cristo, crescerá a sua consciência de como é reduzido o que os divide em comparação com aquilo que os une. Se se encontrarem sempre mais assiduamente diante de Cristo na oração, os cristãos poderão ganhar coragem para enfrentar toda a dolorosa realidade humana das divisões, e reencontrar-se-ão juntos naquela comunidade da Igreja, que Cristo forma incessantemente no Espírito Santo, apesar de todas as debilidades e limitações humanas.¹⁵

Nos questionários e entrevistas aplicados entre os integrantes do MEM, percebemos que as celebrações ecumênicas são realmente tidas como “molas propulsoras” do processo de diálogo. Quando questionados sobre em qual atividade ecumênica se sente que há unidade na diversidade, a resposta de um integrante da Igreja Metodista foi a seguinte:

A Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos tem se mostrado realmente um evento na cidade no qual os cristãos têm demonstrado a busca da unidade, a busca da tolerância, a busca de querer cultivar, celebrar a vida e cultivar a Deus de uma maneira única, em unidade, espírito, buscando avançar para águas mais profundas no que tange o diálogo.¹⁶

Uma outra questão interessante é apresentada por um pastor evangélico. Ele coloca como positivo o envolvimento das partes em celebrações ecumênicas, porém,

¹⁴ Apostila da Paróquia de Sant’Ana. *Introdução ao ecumenismo*, 2003. Arquivo da pesquisadora.

¹⁵ Carta Encíclica *UT UNUM SINT*, (n. 22), p. 30.

¹⁶ Leandro Mascarenhas de ANDRADE, Entrevista 2, Anexo 7, p. 161.

antes de se sentir seguro sobre as intenções dos católicos em celebrar juntos, achava que poderia haver algo mais, uma certa intenção escusa por trás do processo celebrativo: como por exemplo, converter os evangélicos para a Igreja católica. Este pastor fez esta exposição da seguinte forma: “Uma partilha mais fraterna de amizade; um crescimento do respeito entre líderes e liderados e uma percepção de que do lado católico, não havia intenção em nada mais que celebrar.”¹⁷ Ou seja, a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos também favorece um conhecimento maior e recíproco das partes envolvidas.

Para a Comissão do Diálogo Ecumênico da Paróquia São Sebastião, em São José dos Campos, os pontos positivos que o Movimento Ecumênico proporciona são: (...) visita que os pastores fizeram à Paróquia para conhecer o trabalho realizado. Outro foi a Abertura da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, que vigora até hoje.”¹⁸

Para o Padre Eduardo Fraga e Silva, quando perguntado sobre a participação dos fiéis católicos nas atividades ecumênicas, sua resposta perpassa a variedade de intenções dos fiéis católicos, por exemplo, quando da participação nesta Semana.

Os [fiéis] católicos até vão. Por exemplo, nas celebrações da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. Nós temos um grande número de católicos que vão por curiosidade, para saber como é que é; ou até vão para poder depois criticar; outros vão com reta intenção porque entendem o porquê de estarem ali. Então, até há uma participação, mas ainda não é uma grande participação, não é um grande envolvimento. Se a gente pegar, por exemplo, a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos [de 2004], aqui na nossa Região Pastoral 3, somos em quatro paróquias, então cada noite foi feita em uma delas; nós tivemos um bom número de participantes em todas as Igrejas, em todas as paróquias. Mas ainda não é satisfatório. E também tem a parte evangélica: muitas vezes o pastor vai, mas a comunidade dele não. Então isso também é um outro ponto, quer dizer, há uma resistência também do outro lado.¹⁹

É importante ressaltar que as celebrações ecumênicas são, até hoje, o “fim último” do processo, ou seja, são celebradas a conquista do respeito pelo diferente, a mesma fé e a unidade solicitada pela Bíblia. Mas o processo se encerra aqui, na celebração; pelo menos no MEM.

Temos que admitir que esse processo é, por si só, um grande avanço; principalmente se compararmos a períodos anteriores no Brasil, em que não se cogitava

¹⁷ Sebastião BERTOLINO FILHO, Questionário 11, Anexo 3, p. 146.

¹⁸ Cf. Questionário 8, Anexo 3, p. 143.

¹⁹ Eduardo Fraga e SILVA, Entrevista 6, Anexo 7, p. 171.

nem uma pequena aproximação para realização de algo em comum; ainda assim, este modelo de diálogo ecumênico ainda é limitado.

A liturgia em comum é positiva, porque pessoas da mesma fé de denominações diferentes se reúnem para celebrar a liturgia. O limite consiste em que falta um objeto concreto em torno do qual se celebra. A celebração litúrgica não pode ser um fim em si mesma. A celebração é sempre celebração de uma outra coisa, que pode ser a mesma fé, ou a caminhada em torno de um objetivo comum nascido da mesma fé.

Na opinião de uma integrante do MEM, apesar de positivo o período da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, pelo envolvimento que essa semana proporciona, ainda assim, as atividades ficam focadas somente neste período de oração em comum.

(...) nós temos muitas atividades, mas, de repente, fica só limitado àquele período de tempo no ano, por exemplo, a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. Então há aquela movimentação e, de repente, a coisa esfria. Então, aqui em Jacareí, eu tento manter um contato, tenho contato com as outras Igrejas. Até sou convidada para algum evento ou alguma coisa que acontece nessas Igrejas, nas outras Igrejas e não na minha; mas, aqui, eu acho que a dificuldade é essa: de só ter momentos fortes e de repente esfria. Então não é um pessoal persistente o ano todo.²⁰

Analisando as respostas dos entrevistados, percebemos alguns pontos importantes. O processo todo que culmina com a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos é, em si, positivo, pois, para isso, se conseguiu uma relação intereclesial respeitosa; isso é fato. As dificuldades encontradas nesse processo referem-se à falta de um maior envolvimento por parte das Igrejas cristãs – membros do CONIC ou não – prejudicando o avanço do MEM. Esperar um ano para a realização e demonstração visíveis à comunidade de leigos – e para seu engajamento – é pouco; as atividades deveriam ser constantes. É sentido que está faltando algo mais palpável para se conseguir um compromisso permanente entre as partes. Os próprios envolvidos já sentem falta de “algo mais”, algo além desta Semana.

Excluindo as grandes atividades dos anos 1999 (1º Encontro Ecumênico, lançamento da Cartilha Diversidade e Comunhão e Declaração Conjunta Católica-

²⁰ Ana Lúcia Pereira Junho GAMA, Entrevista 3, Anexo 7, p. 163.

Luterana) e 2000 (Campanha da Fraternidade e Via-Sacra Ecumênicas), as demais atividades do MEM foram focadas, principalmente e oficialmente, na Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

Percebemos que se dialoga e se celebra *com* cristãos de diversas denominações. Esse é o aspecto positivo, porém, limitado. Por outro lado, há um modelo de Diálogo Ecumênico que aborda o diálogo entre as Igrejas cristãs *sobre* um terceiro aspecto, chamado de ecumenismo prático, pois foca em um objetivo comum concreto, na sociedade, que vai além da unidade na oração. Acreditamos ser este o aspecto “faltante” para um salto de qualidade do MEM, que, conseqüentemente, conseguiria um maior envolvimento por parte de clérigos e leigos das Igrejas cristãs.

Terminamos a apresentação do modelo de Ecumenismo Institucional Celebrativo, citando Padre Gabriele Cipriani, então Assessor de ecumenismo e diálogo inter-religioso da CNBB em 2000, como forma de introduzir o terceiro e último modelos apresentados por nós: o ecumenismo prático.

A partir da CF [Campanha da Fraternidade] 2000, a Semana de Oração não deveria mais ser dedicada somente à oração em comum entre cristãos de diferentes denominações. Deveria, sim, ser marcada também por revisões de projetos e de colaboração. Deveria ser um tempo de encontro das comunidades locais, para que, nos moldes da CF Ecumênica, realizem juntas projetos de cooperação na promoção humana, no resgate das pessoas cuja dignidade é violada.²¹

3. Ecumenismo prático

Há o modelo de diálogo em que se prioriza – teoricamente – os aspectos teológico, doutrinário e a ação em conjunto. Esta ação em conjunto vem da mentalidade de que, juntos, pode-se contribuir socialmente, ou seja, as Igrejas, depois de se conhecerem, se aproximarem e dialogarem partem para um trabalho social em comum, seja na própria comunidade, no bairro ou em entidades assistenciais. Neste modelo há o diálogo *sobre* alguma coisa, conversam e se entendem *com vistas à* ação conjunta.

²¹ Padre Gabriele CIPRIANI, *Semana de oração*. Conjuntura Social e Documentação Eclesial. Encarte do Boletim da CNBB, (525), de 25 de maio de 2000. Cf. Anexo 8, p. 174.

Das experiências concretas no município sobre trabalho em comum com pessoas de diversas Igrejas, há o exemplo dos Vicentinos e da Pastoral da Criança – ambos da Igreja católica. Em contato com os coordenadores desses movimentos percebe-se que são ações ecumênicas “indiretas”, independente da vontade “oficial” das Igrejas; ocorre de forma natural, espontânea, no sentido de evangélicos – os leigos especificamente – abraçarem e acreditarem na mesma causa. Não é, portanto, institucional. Oficial e institucionalmente de acordo, este tipo de diálogo não ocorre em São José dos Campos-SP. Este modelo de diálogo apresentado, para o ecumenismo e para a sociedade em geral, seria mais frutífero, credível e testemunhal.

Sendo um modelo em que a premissa é a ação social-religiosa em conjunto, no objetivo de se atingir primeiramente uma terceira pessoa, os aspectos teológicos e doutrinários seriam abordados de forma secundária. Quando o ponto de partida é a “ação em conjunto” as diferenças e divergências entre as Igrejas tornam-se secundárias, pois o objetivo em comum é mais importante que as diferenças. É justamente nesse sentido que o diálogo consegue um salto de qualidade. Existem dois elementos comuns nas obras sociais: a) a preocupação pelo bem-estar da população no seu aspecto social e b) as obras sociais não são vistas como independentes da evangelização, só têm sentido na ação pastoral.

Este modelo de diálogo apresenta outros aspectos positivos, como a importância, valorização e presença dos leigos; há envolvimento de toda a comunidade, pois os problemas sociais são comuns a todas elas. É também positivo no sentido de ultrapassar as instâncias eclesiais e religiosas, dando abertura para ir além no testemunho evangélico.

No livro “Ecumenismo e libertação”, Júlio de Santa Ana aborda, dentre outros assuntos, quatro projetos de unidade entre os cristãos: a) o projeto da Igreja Católica Romana; b) o projeto da Federação Luterana Mundial; c) o projeto do Conselho Mundial de Igrejas e d) o projeto Ecumênico Popular.

Dos quatro projetos acima, interessa-nos aqui o projeto ecumênico popular, pois trata da luta solidária e conjunta contra qualquer tipo de exclusão. Esta decisão se baseia no fato de este projeto vir de encontro com o tema discutido nesta parte do trabalho, ou seja, a primazia do trabalho em conjunto com o objetivo de se focar numa terceira pessoa.

Não se trata de um diálogo somente *entre* as Igrejas, mas um diálogo *das* Igrejas em função de um terceiro aspecto: o outro, o diferente de “nós dois” que, enfrentando dificuldades, necessita do trabalho e do apoio das Igrejas que estão juntas para isto.

Para Júlio de Santa Ana, este projeto difere dos demais pois emerge do povo, “não aparece articulado através de livros e documentos (...) mas a partir da ação, da militância e da celebração cotidiana da fé dos cristãos em situações de luta.”²²

Este projeto Ecumênico Popular cria forma a partir da prática das pessoas de diferentes igrejas, que juntas, visam uma nova realidade social, sendo um sinal do próprio Reino de Deus.

Mesmo emergindo do povo, ou seja, de fiéis ou não, este projeto não é desligado das Igrejas; mesmo porque as Igrejas são formadas pelo próprio povo de Deus, cada Igreja é povo de Deus.

(...) o que aqui se chama de projeto ecumênico popular se refere principalmente às lutas, às angústias, às dores, aos sofrimentos e às esperanças dos povos. Evidentemente não se coloca fora da vida das igrejas. Mas as entende como expressão comunitária dos que têm consciência de formar – pela fé – o povo de Deus.

Nesse sentido, a Igreja está em relação com o Reino, é penhor dele, embora esteja em função dele. Aqui reflete-se a relação existente entre o projeto ecumênico popular e a pessoa de Jesus, com suas obras e seus ensinamentos.²³

Antes de prosseguirmos, é importante citar Gerhard Tiel, outro autor que aborda um ecumenismo de “luta” pela dignidade, pela libertação dos que sofrem em decorrência de uma sociedade opressora. Sua obra nos apresenta um ecumenismo de base.

Ecumenismo de base significa a prática comunitária de pessoas que estão comprometidas com uma libertação estrutural e que, no decorrer dessa ação comum e com base nela, fazem a experiência de uma unidade que, também em questões de fé, transcende as igrejas e independe de dogmas.²⁴

²² Júlio H. de SANTA ANA, *Ecumenismo e libertação*, p. 116.

²³ *Ibid.*

²⁴ Gerhard TIEL, *Ecumenismo na perspectiva do Reino de Deus*, p. 213.

O ecumenismo de base é caracterizado por “um relacionamento dialético de prática e fé. Neste contexto, porém, deve-se acentuar especialmente a primazia da *ortopraxis* sobre toda *ortodoxia*.” E continua:

Trata-se, portanto, de uma prática ecumênica comum no decurso da qual e com base na qual pessoas das mais diversas lealdades confessionais e vínculos religiosos fazem, muitas vezes de modo surpreendente para elas próprias, a experiência de uma unidade que, também e justamente em questões de fé, transcende as igrejas e independe de dogmas.²⁵

Os termos “ecumenismo popular” e “ecumenismo de base” encontram ressonância um no outro porque ambos trabalham a questão importância do trabalho em conjunto, da prática do Evangelho com vistas ao Reino de Deus.

Esta “base”, para Gerhard Tiel, “não pode ser entendida nos termos da pirâmide social – portanto, meramente os pobres e oprimidos. (...) Por conseguinte, o ‘ecumenismo de base’ não é exclusivamente um ‘ecumenismo dos oprimidos’, pois tal compreensão não faria justiça à dimensão universal do ecumenismo.”²⁶

A definição de “base” para este autor é a seguinte:

(...) ‘base’ são todas as pessoas comprometidas com a causa dos pobres com vistas a uma libertação em sentido integral e estrutural. (...) Por conseguinte, o *ecumenismo* de base pode ser entendido como ‘ecumenismo integral’: a prática de libertação, a fé e a Igreja são vistas num nexo orgânico.²⁷

O que este modelo de ecumenismo traz de diferente do modelo institucional celebrativo é que as celebrações ecumênicas não são um fim em si mesmas. Este ecumenismo possui uma ligação entre o trabalho em conjunto e as celebrações. Quando se concretiza o trabalho em conjunto e, principalmente, o resgate da dignidade da pessoa, conseqüentemente se celebra esta, que pode ser considerada uma vitória antecipada.

Priorizando essas ações conjuntas que possuem um mesmo objetivo, a pertença confessional acaba desempenhando um papel secundário; além da questão positiva de se conseguir a presença de pessoas cujas igrejas até então têm “tido pouco contato com o

²⁵ Gerhard TIEL, *Ecumenismo na perspectiva do Reino de Deus*, p. 213.

²⁶ *Ibid.*

²⁷ *Ibid.*

movimento ecumênico.”²⁸ Como é o caso das igrejas pentecostais ou outras igrejas fundamentalistas.

É importante ressaltar que os grupos, em que as ações práticas são ecumênicas, quando apoiados pelas igrejas, ou até mesmo mantidos por elas, possuem um relacionamento melhor dos que não o são. Mas os conflitos naturalmente existem, pois há possibilidade de um repensar as “ações sociais” até então inexistentes de forma ecumênica.

Como este modelo de ecumenismo transcende às Igrejas cristãs, pode haver, porventura, estremecimentos entre hierarquia e laicato, mas não estão relacionadas às posições doutrinárias e teológicas. De qualquer modo, os líderes religiosos que apóiam este trabalho demonstram sua ligação entre fé e prática, ou dito de outra forma, demonstram a primazia da *ortopraxis* sobre a ortodoxia.

É importante também frisar que, sendo um ecumenismo que transcende às igrejas, naturalmente não poderá haver exclusão das demais religiões; dentro do contexto brasileiro, lembramos principalmente das religiões negra e indígena. De acordo com Gerhard Tiel, “o ecumenismo de base se transforma em ‘macroecumenismo’.”²⁹

É nítido, pois, que a luta pela dignidade da pessoa humana, ou seja, pelo bem do próximo, pela justiça social enfim, são fatores que motivam as pessoas a se unirem e também se tornarem mais próximas de Deus. Uma vez unidos – apesar das diferentes confissões religiosas – a prática se justifica na soma de forças pelo bem da pessoa humana. Se o evangelho está sendo colocado em prática em virtude dessas ações, então a unidade é para o Reino. Se o mais importante é a prática do evangelho, então as divergências doutrinárias e teológicas se tornam menos importantes, tornam-se secundárias portanto. Conseqüentemente, estar-se-á priorizando a *ortopraxis*.

O que não é aceitável no Novo Testamento é o comportamento que não está de acordo com o espírito do Evangelho. (...)

O que dever ser corrigido, fundamentalmente, é a prática. A respeito da doutrina, ela segue como por acréscimo.³⁰

²⁸ Gerhard TIEL, *Ecumenismo na perspectiva do Reino de Deus*, p. 214.

²⁹ *Ibid.*, p. 219. O que este autor chama de ‘macroecumenismo’, no MEM é mencionado como inter-religioso, ou seja, entre diferentes religiões.

³⁰ Júlio H. de SANTA ANA, *Ecumenismo e libertação*, p. 74.

No Brasil há muitos exemplos da unidade que surge a partir da base popular em busca da defesa do Reino. Júlio de Santa Ana cita, por exemplo, o trabalho da Comissão Pastoral da Terra, em que colaboram católicos e luteranos. Há também cooperação nos programas do Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Foram e são lutas comuns em muitas localidades do país.

Júlio de Santa Ana também explica que este projeto ultrapassa as igrejas cristãs, atingindo também outras religiões, positivamente.

Outra evidência da força que tem este projeto, que está sendo formulado a partir da prática de unidade que o povo experimenta a partir de suas lutas e esperanças, surge da grande aproximação que houve entre cristãos de diferentes igrejas com os que não confessam a Jesus Cristo (judeus, livre-pensadores, maçons, marxistas, etc.) nos movimentos de defesa e promoção dos direitos humanos.³¹

Há uma orientação do CONIC³² em que é abordada uma seqüência para a vida ecumênica dos cristãos e também das Igrejas. De acordo com esse organismo há quatro terrenos básicos para o diálogo. 1) Diálogo de vida; 2) Diálogo de ação; 3) Diálogo de oração e 4) Diálogo de doutrina.

O primeiro aspecto, diálogo de vida, conforme mencionamos anteriormente, se refere ao relacionamento diário entre diferentes: no trabalho, na vizinhança, entre os parentes e amigos. O segundo aspecto – nosso interesse aqui – refere-se aos trabalhos realizados em conjunto, como: socorro aos necessitados, aos doentes, nas Campanhas da Fraternidade etc. Se se consegue concretizar esse tipo de trabalho conjunto, é porque as partes envolvidas – e citamos aqui principalmente as Igrejas cristãs – não estão buscando nada além de priorizar, de focar na dignidade de cada pessoa humana necessitada de auxílio, independente da igreja a que pertença. A unidade aqui é visível e o Evangelho é vivido na prática.

O terceiro aspecto, relacionado à oração em comum, se relaciona ao testemunho de unidade e de solidariedade entre as Igrejas, no objetivo de, publicamente, celebrar os avanços – ou dificuldades – dos laços de amizade e confiança conquistados no decorrer

³¹ Júlio H. de SANTA ANA, *Ecumenismo e libertação*, p. 120.

³² Apostila da Paróquia de Sant'Ana. *Introdução ao ecumenismo*, 2003. Arquivo da pesquisadora.

do tempo. Uma das mais importantes demonstrações de oração em comum é a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

Por fim, o quarto aspecto, relacionado ao diálogo de doutrina, apresenta-se como resultado da conquista dos três aspectos anteriores, ou seja, é um diálogo viável somente entre os que já se conhecem e conhecem bem a doutrina de sua Igreja. A importância dada aqui é a formação adequada entre os sujeitos dialógicos.

Citamos novamente a carta encíclica de João Paulo II – *Ut Unum Sint* – para mostrar o seu posicionamento com relação ao trabalho conjunto, denominado, neste documento, de colaboração prática ou cooperação ecumênica.

(...) a cooperação ecumênica é uma verdadeira escola de ecumenismo, um dinâmico caminho em direção à unidade. A unidade da ação conduz à plena unidade de fé (...).

Aos olhos do mundo, a cooperação entre os cristãos assume as dimensões de um testemunho cristão comum, tornando-se instrumento de evangelização proveitoso a uns e a outros.³³

Esta posição do Vaticano é positiva, porém, lembramos que esta “cooperação” ecumênica não se apresenta como prioridade para o início das relações entre as Igrejas cristãs.

Na maioria das atividades realizadas pelo MEM, verificamos que as orientações acima ainda não fazem parte de um planejamento conjunto das Igrejas envolvidas, pelo menos na ordem apresentada, em que se dá prioridade às ações em conjunto. O que podemos afirmar é que algumas ações em conjunto acontecem de forma bem indireta, ou seja, ocorrem principalmente na base de algumas ações sociais da Igreja católica em que, naturalmente, os evangélicos foram se inserindo.

Para exemplificar esse tipo de atividade, citamos a Pastoral da Criança³⁴, que é um organismo da CNBB. Mesmo tendo sido criada na Igreja católica, tornou-se uma pastoral ecumênica, pela participação de membros de outras denominações cristãs, bem como por membros de outras religiões.

³³ Carta Encíclica *UT UNUM SINT*, (40), pp. 46-47.

³⁴ Mauro MONTAGNOLI, *A Pastoral da Criança e o laicato*. Jornal da Pastoral da Criança, Ano XVIII, n. 92, jun/2004, p. 2.

Essa pastoral tem o objetivo de desenvolver trabalhos ligados à inclusão, à dignidade da pessoa humana, cidadania etc. Pela repercussão do trabalho desenvolvido por esta pastoral no município, algumas pessoas cristãs não-católicas, bem como de outras religiões, vão se inserindo neste projeto em que o objetivo principal é a pessoa humana, independente de suas convicções religiosas.

Na Pastoral da Criança podemos constatar que a missão de evangelização está profundamente envolvida no serviço da pessoa e da sociedade. O trabalho da Pastoral, embora seja de iniciativa da Igreja católica, é aberto a todos os credos. Vive-se um claro ecumenismo. Além de atender as crianças através do soro caseiro e da multi-mistura, a Pastoral atende a quem seus voluntários reconhecem como necessitado: crianças menores de seis anos, gestantes, idosos maiores de 60 anos e suas famílias.³⁵

Sobre a questão da prática do Evangelho, Dom Mauro Montagnoli diz que “Com grande satisfação podemos ver que o Evangelho só penetra nos corações se o seu anúncio for acompanhado de gestos concretos de solidariedade, de promoção humana, de defesa da vida e da dignidade da pessoa”. E complementa: “Isso a Pastoral da Criança faz muito bem e daí o sucesso das suas ações e iniciativas.”³⁶

Em entrevista com José de Anchieta Ribeiro Santos, coordenador diocesano desta Pastoral, na Diocese de São José dos Campos, pudemos perceber que a ecumenicidade das ações desenvolvidas está fundamentada em termos sociais inclusivos, pois admitem que a atitude cristã da pastoral procura envolver a todos, não somente ao segmento católico. Neste sentido, os diferentes estão juntos num mesmo objetivo: resgatar a dignidade das pessoas; mas a pessoa como um todo, em seus aspectos físico, espiritual, emocional e psicológico.

Para este coordenador, a Pastoral da Criança tem o seguinte objetivo:

O objetivo da Pastoral da Criança é valorizar a pessoa humana, incluindo-a dentro de um contexto em que ela seja agente da própria transformação. Essa é a função desta pastoral. Ela não é simplesmente pesar a criança ou fazer multi-mistura; é mostrar os direitos de cidadania, de política que o cidadão tem. Porque hoje, os recursos da saúde são muitos, e todos eles – inclusive em São José dos Campos – são bastantes. Só que as pessoas desconhecem seus direitos e não os procuram. Então, a Pastoral da Criança

³⁵ Mauro MONTAGNOLI, *A Pastoral da Criança e o laicato*. *Jornal da Pastoral da Criança*, Ano XVIII, n. 92, jun/2004, p. 2.

³⁶ *Ibid.*

orienta sobre nutrição, aleitamento materno, vigilância nutricional, segurança alimentar, política de como participar de conselhos da saúde, da educação etc. Esses são os cursos que a Pastoral tem para a formação da sua liderança e também para poder orientar as pessoas, para que a própria pastoral possa acompanhar. Sua função principal, portanto, é resgatar a dignidade da pessoa humana.³⁷

Em São José dos Campos, a Pastoral da Criança atua desde 1988. Sendo um organismo da ação social da CNBB, é também ecumênica, fazendo parcerias inclusive com pessoas de outras religiões. A motivação para o trabalho de pessoas de outras denominações e outras religiões se dá no sentido do trabalho desta pastoral estar centrado na comunidade.

O objetivo da Pastoral da Criança é começar a acompanhar a mãe em dificuldade com o filho, valorizá-la para que, depois, ela sinta vontade de ajudar outras pessoas. É assim que a Pastoral dá como encerrado o processo de inclusão social. (...) A pessoa resgata a sua cidadania e ajuda outras pessoas a fazerem o mesmo.³⁸

Percebemos então, que, se esta pastoral atua com pessoas independente de seu credo, uma vez inclusa, essa pessoa ajudará outras pessoas, também independente de sua confissão religiosa. Portanto, o círculo se fecha; e a ecumenicidade das atividades se efetiva.

Não se pode negar, então, que a Igreja católica permita o engajamento de leigos evangélicos neste tipo de pastoral; e isso é um aspecto não só positivo como necessário. No modelo de ecumenismo institucional as iniciativas partem, principalmente, do clero – conforme mencionamos anteriormente – enquanto que aqui, no modelo de ecumenismo prático – a participação dos leigos é nitidamente abrangente, com iniciativas, dinamismo e valorização de suas ações.

Na entrevista com o coordenador da Pastoral da Criança, quando questionado por mim sobre os pontos positivos obtidos por este trabalho ecumênico, deparei-me com a confirmação do modelo de diálogo abordado por nós neste capítulo.

³⁷ Entrevista concedida para a autora no dia 18 de outubro de 2004.

³⁸ *Ibid.*

A Pastoral da Criança tem uma mística que é alicerçada em cima de três pontos: caridade cristã, formação contínua e celebração. A caridade cristã é você sentir a dor do outro, é se comprometer com o outro; a formação é essencial, pois sem informação e capacitação não há como ajudar o outro; e a celebração está relacionada aos resultados obtidos por cada pessoa, por exemplo: todas as vezes em que a gente tira uma criança da desnutrição, ou quando uma gestante quer abortar mas não aborta, então a gente celebra, temos muito o que celebrar. A Pastoral da Criança se baseia nesses três pontos.³⁹

Das entrevistas realizadas por mim, expomos aqui a opinião de um padre da Igreja católica sobre uma experiência vivida por ele relacionada à Pastoral da Criança. Percebemos novamente que são poucas as ações conjuntas no município, porém, mesmo não sendo um trabalho “oficial” entre as Igrejas, pequenas experiências exemplificam a vontade de se trabalhar juntos por uma causa. Quando questionado sobre se havia algum trabalho social realizado em comum, sua resposta foi a seguinte:

Oficialmente, assim, de uma maneira geral, nós não temos grandes progressos nesse sentido. Temos, sim, união para abaixo-assinados, união com relação a um determinado posicionamento, cito por exemplo a questão do aborto; então quando tem uma manifestação nesse sentido a gente percebe uma unidade. Mas, a unidade se vê melhor em pequenas experiências, vou citar uma que aconteceu comigo: o próprio pastor Paulo, que é da Igreja Israel de Hoje, uma Igreja neopentecostal, mandou um grupo de pessoas da comunidade dele em minha paróquia para aprenderem o trabalho da Pastoral da Criança, para que ele pudesse implantar [na sua Igreja]. Eu não sei se ele implantou, se de fato a coisa aconteceu lá. Mas para que ele pudesse implantar a Pastoral da Criança na comunidade dele, um núcleo; a Pastoral da Criança é uma pastoral ecumênica, não há de ser necessariamente católica. Então, ele queria colocar lá aquela questão da farinha vitaminada, da distribuição, a pesagem, a coisa toda. Eu acho que esse é um trabalho bonito, em que os católicos partilharam com os evangélicos esta questão do menor, especificamente da criança de zero a seis anos, da mãe gestante. Tomara Deus que ele tenha conseguido implantar lá, mas acho que só a unidade, o fato deles terem vindo aprender já é um progresso grande. E essa experiência a gente tem também em outros níveis, em outras paróquias, em outras localidades do município, esporadicamente, experiência nesse sentido. Seriam experiências não oficializadas, mas que acontecem e que a gente ouve aqui, ouve lá, como se fosse uma “pipoca” que vai estourando cada uma em um cantinho, numa realidade, numa determinada situação. São necessidades em comum.⁴⁰

³⁹ Entrevista concedida para a autora no dia 18 de outubro de 2004.

⁴⁰ Padre Eduardo Fraga e SILVA, Entrevista 6, Anexo 7, p. 171.

Outros exemplos dessa prática também encontramos nos demais grupos ligados à área de serviço da Igreja católica, chamados por esta igreja de “pastorais sociais”.

Também as Igrejas históricas, do município de São José dos Campos e região, abordam essa esfera de trabalho; cada uma com seu “carisma”. Daí a importância de um tipo de trabalho em conjunto em que a sociedade seria (é) sua maior beneficiária. Além, obviamente, do aspecto espiritual e missionário de cada uma delas, tendo em vista o objetivo comum: o Reino de Deus.

A tabela abaixo mostra os trabalhos sociais realizados em cada Igreja histórica do município e em algumas localidades da região do Vale do Paraíba.

Tabela 4: Trabalhos sociais das Igrejas históricas⁴¹

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
❖ Crianças
Igreja Metodista
❖ Educação
❖ Crianças
Igreja Presbiteriana do Brasil
❖ Mulheres gestantes
❖ Cursos de Artesanato
❖ Assistencial (cestas básicas)
Igreja Presbiteriana Unida*
❖ Movimentos políticos (Sindicatos, MST)
❖ Prostituição
Igreja Católica Apostólica Romana
❖ Pastoral Carcerária
❖ Pastoral da Criança
❖ Pastoral do Menor
❖ Pastoral da Saúde
❖ Pastoral da Sobriedade
❖ Campanha da Fraternidade
❖ Comissão Sócio-Política
❖ Cáritas Diocesana
❖ Sociedade São Vicente de Paulo (vicentinos)

⁴¹ Tabela elaborada por Maria Inêz de Lima Mortl, baseada nas informações fornecidas pelos entrevistados. Tdos os trabalhos das Igrejas mencionadas acima têm o objetivo de abranger os aspectos psicológico, físico, mental e espiritual de cada pessoa atendida, não se limitando ao aspecto assistencialista. O importante é resgatar a dignidade da pessoa, como um todo. Com relação à Igreja Presbiteriana Unida, pelo fato do pastor representar sua Igreja, que está localizada em São Paulo, suas ações sociais foram realizadas em conjunto com a Igreja Luterana do município pesquisado.

De posse das ações sociais e políticas realizadas pelas Igrejas Cristãs Históricas do Município, podemos sentir o quanto poderia ser feito em conjunto. Muitos segmentos atendidos são os mesmos, mas trabalha-se de forma isolada, como por exemplo no caso das crianças. Verificamos também que já houve iniciativa de alguns líderes nesse sentido – ação conjunta –, porém, ou o trabalho foi impedido – pela liderança principalmente – ou não se sabe como iniciá-lo, ou falta conhecimento e apoio do próprio MEM. Mas todos concordam que há necessidade – e possibilidade – de se trabalhar as ações sociais em conjunto.

Muitas vezes, como já mencionamos no Cap. II, a palavra “ecumenismo” pode ser um impedimento para certas atividades em conjunto. Nesse sentido, citamos um trabalho realizado na Ásia, em que o termo ‘ecumenismo’ e ‘diálogo’ foram substituídos por “cooperação inter-religiosa”. Estamos falando da Conferência Cristã da Ásia, uma organização ecumênica regional que representa quinze Conselhos Nacionais de Igrejas e mais de cem Igrejas em Aotearoa-Nova Zelândia, Austrália, Bangladesh, Burma, Camboja, Timor Leste, Hong Kong, Índia, Indonésia, Laos, Japão, Coréia do Sul, Malásia, Paquistão, Filipinas, Siri Lanka, Taiwan e Tailândia.

De acordo com essa Conferência, os líderes religiosos têm consciência de que discussões doutrinárias conduzem somente ao conflito, aumentam a inimizade entre as partes, bem como criam oposição. Assim, acreditam que se possa interagir pacificamente, respeitando as escolhas de cada um, sem criticar outras crenças baseadas em nosso próprio ponto de vista subjetivo.

De acordo com essa organização deve-se “cooperar para criar uma harmoniosa, pacífica, feliz e calorosa comunidade na qual viver.” E prosseguem, dizendo que eles, de diversas crenças religiosas, compartilham uma maneira comum de pensar. Acreditam que suas ações não se limitam a espalhar a fé. Segundo seus líderes,

(...) o que é mais importante é manter a segurança da humanidade e a paz das mentes dos povos e elevar a qualidade do caráter da sociedade e da pessoa. Um ambiente habitável para todos requer que todos trabalhem coletivamente para esta melhoria. (...)

[A atitude das Igrejas deve ser] de cooperação para abandonar a violência, deixar de lado antigos rancores e não insistir em velhas questões. [Pode] significar juntar forças para eliminar as causas da fome, doenças, desastres naturais, e conflitos étnicos, para proteger o meio-ambiente e recursos deste planeta para gerações futuras, e para proteger o espírito humano de ser poluído por animosidade, ganância, inveja, raiva, orgulho, insegurança,

medo, preocupação, arrogância, sentimentos de inferioridade e exclusão. Se cada religião pode começar influenciando e incentivando seus próprios fiéis desta maneira, então as principais religiões de cada país no mundo podem também influenciar seus próprios cidadãos, assim como os políticos e homens de negócios. Se cada um puder compartilhar deste tipo de entendimento, será um primeiro grande passo para a cooperação religiosa.⁴²

Outros espaços de colaboração ecumênica são também exemplificados na carta encíclica *Ut Unum Sint*, de João Paulo II.

A vida social e cultural oferece amplos espaços de colaboração ecumênica. com uma frequência sempre maior, os cristãos aparecem juntos a defender a dignidade humana, a promover o bem da paz, a aplicação social do Evangelho, a tornar presente o espírito cristão nas ciências e nas artes. Eles encontram-se cada vez mais unidos, quando se trata de ir ao encontro das carências e misérias do nosso tempo: a fome, as calamidades, a injustiça social.⁴³

Da mesma forma que este documento admite a existência de iniciativas e ações conjuntas entre os cristãos de diversas denominações, é percebida na prática, a falta de uma estrutura de organização local para que se efetive realmente esse tipo de trabalho.

Gostaríamos de expor neste momento a opinião de três integrantes do movimento ecumênico, depois de questionados por mim sobre o que poderia ser feito para melhorar o Movimento Ecumênico do Município.

De acordo com o pastor da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, da região do Vale do Paraíba, as ações sociais são um caminho, apesar da resistência de vários líderes religiosos. Sua opinião é a seguinte:

Eu acredito que nós devemos começar pela mesa. A mesa chama, une. Eu acho que café, pequenos papos, lanche etc., e também uma colocação clara do que nós queremos; para não ficarmos ali somente entre sorrisos amarelos e batidas cordiais nas costas. Devemos deixar claro que: *Olha irmão, não estou interessado na sua clientela*, isso deve ficar claro, *estou interessado no caminho*. E escolhermos um assunto, um motivo, uma motivação para as cidades, verificar qual é o problema que nos afeta, nos unir em torno desse problema; ter uma motivação especial. Porque ficam muitas vezes ali conversando, falam de vários assuntos mas ninguém assume muita coisa.

⁴² Sheng-Sheng-yen. Christian Conference of Ásia: justice, International Affairs & Development and Service. *Inter-religious cooperation, 2001*. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.cca.org.hk/clusters/jid/programs.htm>. Tradução da pesquisadora.

⁴³ Carta Encíclica *UT UNUM SINT*, (74), p. 85.

As ações sociais, acho que é um caminho. As ações sociais, juntos, tentarem minimizar o drama do idoso, o drama da criança, o drama do aidético, das crianças que trabalham em condições complicadas, que ferem o Estatuto [da Criança e do Adolescente], dos adolescentes que também não são respeitados. São idéias que vêm pela minha mente, busco trabalhar dessa forma. Eu acho que facilitaria se as Igrejas que são ligadas ao movimento ecumênico escolhessem um motivo para estarem trabalhando e pautando seus encontros. É claro que no Vale do Paraíba nós temos tido vários encontros com temas específicos, mas eu percebo que ainda há uma resistência quando se fala em trabalharmos juntos: metodistas, assembleianos, batistas, enfim, em prol de um assunto, de uma causa, uma causa concreta mesmo. Então acredito que se isso fosse feito facilitaria, em muito, a compreensão, perderíamos o medo, o temor do outro ao percebermos (parece tão óbvio) que a dor é de todos quando se fala. Mas quando vai para a prática, parece que um sente mais dor do que o outro e o outro fica no seu canto ouvindo: *Ah! Se ele tivesse o Jesus que eu tenho ele não sofreria assim. Tá vendo gente!* E isso vai afastando as pessoas. Então a ação social, o trabalho prático, na minha visão, melhoraria muito isso.⁴⁴

Da parte da Igreja católica uma leiga da Comissão do Diálogo Ecumênico respondeu à minha pergunta colocando importância nas ações sociais conjuntas. De acordo com esta leiga:

Eu acho que o trabalho social em comum, justamente, é o que está faltando. Por que a oração em comum eu acho que, durante o ano, mesmo na Semana de Oração, que crie a partir dali algum trabalho social a partir da oração, um trabalho em conjunto, porque eu acho que tem condições. E agora, com a Campanha [da Fraternidade Ecumênica] de 2005 “Solidariedade e Paz”, aqui pelo menos no município, a gente está pensando em abrir, por exemplo, a Pastoral da Criança, que já é um trabalho ecumênico mas que não é conhecido como ecumênico, parece que é só da Igreja católica, mas não é, entendeu? A Igreja católica leva a Pastoral da Criança em diversas Igrejas, mas, às vezes, as outras Igrejas não trazem as crianças por acontecer no recinto católico, num local católico. Então, aqui em Jacareí, a gente está pensando em colocar na obra social, apesar de ser Obra Social Nossa Senhora do Carmo (deveria ser outro nome até) para poder estar trazendo as crianças de outras Igrejas que a gente sabe que precisa de um acompanhamento, mas, que às vezes bloqueia. Então tem outras pastorais sociais de nossa Igreja e quem sabe da Igreja deles. Na Igreja do Evangelho Quadrangular tem o Desafio Jovem, sabe, que é muito bom! O nosso Cáritas, quem sabe, não pode abrir às outras Igrejas. (...) Aí eu acredito que trabalhando no lado social a gente conhece melhor o outro. Trabalhar junto. (...)⁴⁵

O diácono da Igreja Metodista, aborda a questão da utilização da mídia por pastores e padres em que, juntos, numa mesma linguagem, poderiam falar e defender a

⁴⁴ Sebastião BERTOLINO FILHO, Entrevista 4, Anexo 7, p. 165.

⁴⁵ Ana Lúcia Pereira Junho GAMA, Entrevista 3, Anexo 7, p. 163.

importância de estarem unidos no âmbito social, apesar de ser um grande desafio. Sua opinião, nesse sentido, foi a seguinte:

Olha, realmente é um desafio. O que poderia ser feito pra melhorar? Eu acho que talvez da própria mídia, das rádios, da televisão, do jornal, mensagens conjuntas, ou seja, pastores e padres falando da paz de uma maneira conjunta, com um discurso único contra a violência, um discurso único em favor de uma ação, de uma mobilização social, um discurso único pró-solidariedade, um discurso único em favor dos que estão excluídos, um discurso único que seja aparecer na televisão padres e pastores falando da importância de estarmos unidos no âmbito social. Eu acho que já seria assim um fator importantíssimo para alavancar esse movimento tão importante que é o movimento ecumênico do Município. Então, algumas medidas já têm sido tomadas nesse sentido. Recentemente eu participei de um programa de rádio com o Padre Eduardo Fraga, que é o coordenador do diálogo ecumênico aqui da diocese católica e também é o representante do MOFIC no Vale do Paraíba, é o coordenador juntamente comigo e nós pudemos falar sobre a Campanha da Fraternidade, que será ecumênica no ano de 2005, falamos também da importância do diálogo, falamos da importância de respeitar as diferenças, buscar a unidade, ou seja, causou um impacto muito positivo; pessoas manifestaram-se após essa entrevista na rádio, positivamente falando da importância de um padre e um diácono protestante estarem falando do amor, da tolerância, da unidade, da solidariedade, da ação social, da mobilização em prol dos excluídos, ou seja, eu acho que é assim que nós vamos conseguir melhorar o movimento ecumênico, através da ação social.

E aqui eu gostaria de “negritar”, “sublinhar” e aumentar a fonte, por que a mobilização social que é o caminho para alavancar esse ministério da unidade cristã. Porque, eu gostaria até de consolidar um pouquinho mais, no próprio livro de Atos nós encontramos uma igreja que recebe o dom do Espírito Santo, uma epifania, uma manifestação do auto-se-dar, os discípulos encontram o poder de Deus, experimentam o poder de Deus e em seguida eles não ficam parados, estagnados, eles vão para a ação, tanto missionária quanto a ação social, dividem aquilo que eles tem, vendem aquilo que eles têm, partilham; partilha é uma palavra importantíssima quando nós falamos de ecumenismo. Então nós podemos assim já dimensionar ecumenismo como sendo uma via na qual o Deus da História, talvez esteja nos mobilizando, nos levando para uma justiça social, para uma equidade, para a busca do Reino de Deus, a historificação do Reino de Deus na terra.⁴⁶

Interessante percebermos nas respostas que, apesar de saberem da dificuldade deste tipo de trabalho entre as Igrejas cristãs, os entrevistados falaram com convicção da importância do trabalho em conjunto, da necessidade de se unirem num mesmo objetivo, de não ficarem somente na instância da oração comum – apesar de sua inegável importância – e, também, que este tipo de ecumenismo proporciona uma ação

⁴⁶ Leandro Mascarenhas de ANDRADE, Entrevista 2, Anexo 7, p. 161.

conjunta em que, priorizando-se a pessoa humana no seu respectivo credo, também o fazem pela busca do Reino de Deus.

4. O diálogo em Paulo Freire

Após apresentação dos três modelos de ecumenismo, resolvemos abordar o diálogo na visão de Paulo Freire. Isto se justifica no fato de que, para o autor, o ser humano é apresentado como ser da práxis. Nesse sentido, é visível a aproximação de seu pensamento com o terceiro modelo de ecumenismo que apresentamos: o prático, aquele em que há unidade na diversidade em torno – e por causa – de um mesmo objetivo, ou seja, é um diálogo que transcende a relação eu-tu e passa a envolver uma terceira pessoa, ou um terceiro aspecto.

Da mesma forma, Paulo Freire aborda a relação dialógica como sendo uma relação que ultrapassa também a relação eu-tu, pois, o *eu* e o *tu*, quando juntos, dialogam *sobre*. Assim, Paulo Freire faz uma bela abordagem do diálogo como práxis.

No diálogo – fenômeno humano – a palavra, mais do que um meio para que o diálogo aconteça, constitui-se de duas dimensões: a ação e a reflexão. Ambas são solidárias entre si e não devem se distanciar, do contrário, a práxis é negada e o diálogo impossibilitado. Assim, não há palavra verdadeira que não práxis, logo, a palavra verdadeira objetiva uma transformação, a do mundo. “(...) pois que não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação.”⁴⁷

Quando tentamos um adentramento no diálogo como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: *a palavra*. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos.

Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões: ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressent, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo.⁴⁸

⁴⁷ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 78.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 77.

A justificativa dada à importância do diálogo está no fato de que “A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar o mundo*, é modificá-lo.” Paulo Freire diz que “os homens se fazem (...) na palavra, no trabalho, na ação-reflexão (...) [e que] a palavra (...) é trabalho, (...) é práxis, é transformar o mundo (...)”.⁴⁹

A palavra verdadeira somente tem sentido quando há consciência de ser um direito de todos os homens. Por isso mesmo, os homens se encontram – dialogam – para a transformação do mundo; dessa forma, a relação eu-tu é ultrapassada, abrangendo uma terceira pessoa – o mundo a ser transformado, e mais, os homens “ganham significação enquanto homens.”⁵⁰

Por que é [o diálogo] encontro de homens que *pronunciam* o mundo, não deve ser doação do *pronunciar* de uns a outros. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens.”⁵¹

Paulo Freire também afirma sobre o diálogo como caminho, sendo uma exigência existencial dos homens, um ato de criação, não podendo ser um “manhoso instrumento” de conquista de um sujeito pelo outro, mas uma conquista do mundo pelos sujeitos dialógicos.⁵²

Para que haja diálogo, o autor aponta sérias atitudes a serem transformadas dentro de cada ser humano. A primeira delas é a de que, para dialogar, deve haver profundo amor ao mundo e aos homens.

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. (...) Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico.
(...) Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.⁵³

⁴⁹ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 78.

⁵⁰ *Ibid.*

⁵¹ *Ibid.*, p. 79.

⁵² *Ibid.*, Grifo meu.

⁵³ *Ibid.*, p. 80.

Uma segunda atitude apresentada pelo autor é a humildade; sem ela não há diálogo. E acrescenta que a “pronúncia do mundo” não pode ser um ato arrogante.

O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade.

(...) Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?

Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros ‘isto’, em quem não reconheço *outros eu?*

Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são ‘essa gente’, ou são ‘nativos inferiores?’.

Como posso dialogar, se parto de que a *pronúncia* do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar?

Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela?⁵⁴

Não ser humilde é ser auto-suficiente, e a auto-suficiência é incompatível com o diálogo, segundo Paulo Freire.

Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais.⁵⁵

A terceira atitude apresentada pelo autor é a fé nos homens, um dado “a priori” do diálogo. Deve-se acreditar nos homens antes mesmo do encontro com eles, com criticidade e com o conhecimento do poder dos homens para fazer, para refazer, para criar e para transformar. “Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens. (...) Sem esta fé nos homens o diálogo é uma farsa.”⁵⁶

Uma outra atitude apresentada é a confiança, instaurada com o diálogo. Nesta circunstância, convém salientar a importância da coerência entre falar e agir, pois do contrário acarretaria contradições nas intenções e nas relações entre os sujeitos dialógicos; aliás, não seria diálogo.

⁵⁴ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, pp. 80-81.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 81.

⁵⁶ *Ibid.*

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a *confiança* de um pólo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos.

(...) Se a fé nos homens é um dado *a priori* do diálogo, a confiança se instaura com ele. A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na *pronúncia* do mundo. (...) A confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções. Não pode existir, se a palavra, descaracterizada, não coincide com os atos.⁵⁷

Há diálogo quando há esperança. Esta é a quarta atitude apresentada. Há esperança quando há busca, uma busca em conjunto, em relações justas, sem agressividade entre as partes. Assim, o autor expõe não uma esperança em que se cruza os braços e somente se espera, mas uma esperança ativa, dinâmica, com ação. Se há desesperança, não há diálogo.

A esperança está na própria essência da imperfeição dos homens, levando-os a uma eterna busca. Uma tal busca (...) não se faz no isolamento, mas na comunicação entre os homens – o que é impraticável numa situação de agressão. (...) Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero.⁵⁸

A quinta atitude apresentada é a solidariedade, reconhecida nos sujeitos dialógicos que possuem um pensar verdadeiro, crítico e também no tipo de pensar que reconhece a própria solidariedade entre eles.

Paulo Freire também atenta para o pensar ingênuo das pessoas. O pensar ingênuo, diz ele, vê o “‘tempo histórico como um peso, como uma estratificação das aquisições e experiências do passado’, de que resulta dever ser o presente algo normalizado e bem-comportado.” E continua: “Para o pensar ingênuo, o importante é a acomodação a este hoje normalizado. (...) a meta é agarrar-se a este espaço garantido, ajustando-se a ele e, negando a temporalidade, negar-se a si mesmo.”⁵⁹

Concluindo sobre o pensamento deste autor, fica-nos presente que os homens são seres da práxis.

⁵⁷ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, pp. 81-82.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 82.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 83.

[Os homens] são seres do quefazer (...). os homens (...), como seres do quefazer ‘emergem’ [do mundo] e, objetivando-o, podem conhecê-lo e transformá-lo com seu trabalho. (...) se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação. Não pode reduzir-se (...) ao tratarmos a palavra, nem ao verbalismo, nem ao ativismo.⁶⁰

A teoria da ação dialógica e suas características são: a co-laboração, a união, a organização e a síntese cultural, ou seja, as pessoas dialogam para a transformação do mundo em “co-laboração”. O próprio diálogo funda a colaboração.

O *eu* dialógico (...) sabe que é exatamente o *tu* que o constitui. Sabe também que, constituído por um *tu* – um não-eu –, esse *tu* que o constitui se constitui, por sua vez, como *eu*, ao ter seu *eu* um *tu*. Desta forma, o *eu* e o *tu* passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois *tu* que se fazem dois *eu*.

Não há, portanto, na teoria dialógica da ação, um sujeito que domina pela conquista e um objeto dominado. Em lugar disto, há sujeitos que se encontram para a pronúncia do mundo, para a sua transformação.⁶¹

Humildade, somada à capacidade de amar possibilita a comunhão; esta comunhão – indubitavelmente dialógica – se faz colaboração. “O problema central que se tem (...) em qualquer das categorias da ação dialógica, é que nenhuma delas se dá fora da práxis.”⁶²

Concluimos este capítulo abordando os três modelos de ecumenismo apresentados. O primeiro, Ecumenismo Teológico-Doutrinário, existiu por pouco tempo no MEM, caracterizando-se em reuniões esporádicas na região pesquisada. Com relação ao segundo modelo, Ecumenismo Institucional, podemos afirmar que é melhor que o primeiro, porém, a oração tida como fim último não é vinculada a um problema comum. O terceiro e último modelo apresentado, Ecumenismo Popular, favorece maior participação dos leigos, incentiva um repensar das Igrejas cristãs para ações sociais, proporciona um diálogo maior entre laicato e hierarquia, e, principalmente, une forças

⁶⁰ Paulo FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 121.

⁶¹ *Ibid.*, pp. 165-166.

⁶² *Ibid.*, p. 171.

para o trabalho de resgate à dignidade da pessoa humana, independente de suas crenças religiosas.

Através desse modelo de ecumenismo, há possibilidade efetiva de, pelo testemunho das ações conjuntas, se dizer concretamente: “*para que o mundo creia*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa desenvolveu a hipótese de que a ausência de um ideal em comum entre as Igrejas do MEM impede o avanço do diálogo ecumênico.

O fato de priorizar a ação social em conjunto, que caracterizaria a autenticidade dos cristãos e a prática do Evangelho, não exclui – e isso é importante – os outros dois modelos de ecumenismo apresentados: o Institucional Celebrativo e o Teológico/Doutrinal.

O que propomos é um novo modelo que não se fixa em uma única proposta, seja da ação social, da celebração ou do diálogo teológico/doutrinal. As três propostas são vivenciadas como um todo, conciliáveis, não podendo ocorrer separação entre elas, mesmo que tenhamos traçada uma determinada linha de trabalho, iniciada pela ação social, que já nos traz todo um processo de unidade na diversidade, que reverbera nas celebrações e nos diálogos teológicos/doutriniais. A Igreja, em si, não pode existir sem essas três linhas de trabalho.

Podemos dizer com isso, que é-nos apresentado um processo evolutivo em espiral, pois todos os três modelos estão imbuídos de todos. Se a estagnação vem de processos fechados, estanques e sem unidade, nesse processo evolutivo em espiral há renovação; logo, há evolução. Assim, não falamos mais em limite de um modelo de diálogo ou outro, pois há possibilidade de renovação iniciada pelo terceiro modelo, mas sem desprezar os demais, possibilitando o fortalecimento e a expansão do movimento ecumênico como um todo.

É preciso ter presente que toda vivência deve vir *em ação*, pois, da ação se parte para a experiência que, como consequência, nos mostra a vivência. Acreditamos que assim se possa movimentar na direção da cidadania e da dignidade da pessoa humana, tanto dos envolvidos no MEM, quanto das pessoas que esperam um diálogo efetivo entre as Igrejas cristãs para que possam, além de serem acolhidos inclusivamente, realmente crer.

Contextualizar, planejar, rever conceitos, e agir para se atingir uma meta, são ações que, em conjunto, provam que, antes de qualquer denominação religiosa, o ser humano está em primeiro lugar.

No desenvolvimento do primeiro capítulo, afirmamos que as pessoas que vivenciam o ecumenismo não saem imunes do processo, e isso é verdadeiro e muito positivo, porque, do contrário, o MEM não teria sobrevivido, nem muito menos evoluído, apesar de todas as dificuldades que enfrentaram no período pesquisado – e ainda enfrentam.

Clérigos ou leigos, passam a conhecer o diferente, a dialogar, a eliminar preconceitos e a assumir compromissos, numa mudança de mentalidade que favorece as relações interpessoais e intereclesiais.

A estratégia da vida consiste em relacionar-se com o diferente de maneira não somente apropriada, mas também de maneira respeitosa. O respeito da diferença é essencial à solidariedade que tem em conta os princípios básicos da vida marcados pela infinita diversidade dos comportamentos dos seres vivos.

(...) Mas o maravilhoso na aceitação do diferente é que o diferente é ‘apropriado’ de uma forma tal que ele continua sendo diferente ‘dentro’ de mim. Não é, portanto, simples apropriação ou assimilação, porque acontece a autotransformação do ser solidário pelo que lhe é diferente, e este passou a fazer parte, com sua diferença, da nova identidade do ser solidário. O ser humano, que se torna solidário, se transforma enquanto aprende a ‘incorporar’ em si o diferente.¹

Isso foi percebido no grupo pesquisado mediante a descoberta de que, apesar de inúmeras tentativas tanto de superiores de determinadas Igrejas, quanto de documentos elaborados que vão contra ou dificultam o andamento e progresso do ecumenismo no município, este grupo permanece coeso. As atividades ecumênicas – quantitativamente – têm seus altos e baixos, e os motivos são os mais variados; porém o engajamento é o mesmo.

Nesse sentido é que afirmamos que o Movimento Ecumênico em São José dos Campos teve uma evolução no sentido de fortalecimento das convicções do grupo pesquisado.

¹ ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária*, pp. 257-258.

Na pesquisa de campo, pensei que a coleta e a análise de material para tentar construir, mesmo que pequeno, o histórico das Igrejas Cristãs do Município, fosse o mais difícil de desenvolver. Mas, foi o segundo capítulo, na abordagem das dificuldades, o que mais tomou tempo e atenção redobrada, por se tratar do capítulo onde as respostas dos entrevistados foram mais bem analisadas.

O trabalho de campo foi muito realizador, apesar das dificuldades em obter as informações necessárias, pois no município não havia um local onde eu pudesse pesquisar o histórico das Igrejas. Assim, resolvi estruturar parte do histórico neste trabalho. Sem o trabalho de campo, percebemos que o universo dinâmico e complexo do movimento ecumênico do município poderia não ser seriamente trabalhado e refletido.

Não posso afirmar que descrevi e analisei todas as dificuldades e avanços do MEM; ainda existe um grande caminho a ser percorrido. Tanto o município quanto a Região mencionados neste trabalho, são campos férteis para estudos e pesquisas futuras sobre religião.

Os grupos que pretendem trabalhar o ecumenismo popular não devem se esquecer de ser críticos em relação a si mesmos. O ecumenismo eclesiástico não deve se restringir exclusivamente à dogmática e o ecumenismo prático não se esgota na ação social. “Ambas as formas de expressão do ecumenismo se caracterizam por uma relação dialética de teoria e prática, de dogmática e engajamento (...)”².

O que se prioriza na apresentação dos três modelos de ecumenismo é a *ortopraxis* sobre a *ortodoxia*.

(...) muitos grupos ou organizações de base fazem a experiência de que no transcurso do trabalho prático, que para eles está em primeiro plano, a dimensão da fé adquire uma importância muitas vezes surpreendente, p. ex. nas romarias da terra, nas celebrações ecumênicas (...).³

É importante ressaltar que a formação ecumênica deve ser constante e permeadora do processo como um todo, ser de qualidade, envolver a todos e não somente a liderança das Igrejas. Por se tratar de educação, a importância da formação deve estar sempre nos projetos e atividades ecumênicos.

² TIEL, Gerhard. *Ecumenismo na perspectiva do Reino de Deus*, p. 220.

³ *Ibid.*

Esta pesquisa, realizada sob uma visão científica, portanto, pode favorecer a compreensão de que o verdadeiro ecumenismo se inicia pela ação concreta, ou, dito de outra forma, pela prática do Evangelho. Este processo pode levar o próprio movimento ecumênico a atingir o seu objetivo: a unidade na diversidade “para que o mundo creia”. Logo, leva à expansão do MEM para a região da qual faz parte, podendo seu resultado ser projetado nos ambientes nos quais se propõe essa unidade na diversidade.

A justificativa do título deste trabalho prende-se ao fato de que, somente através do diálogo entre *eu* e *tu*, *em função de algo* (ele), será possível uma ação conjunta eficaz na transformação da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentos:

COMISSÃO CONJUNTA DE TRABALHO ENTRE IGREJA CATÓLICA ROMANA E O CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Formação ecumênica: reflexões e sugestões ecumênicas*. São Paulo: Paulus, 1997.

CONSELHO LATINO-AMERICANO DE IGREJAS. *Missão, unidade e identidade da Igreja: processo regional de reflexão para a quarta assembléia geral do CLAI*. s.l., 2000.

CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS. *Batismo, eucaristia, ministério*. 3. ed. Brasília: CONIC; Rio de Janeiro: KOINONIA; São Paulo: ASTE, 2001.

_____. *Semana de oração pela unidade dos cristãos*, 2001.

_____. *Dignidade humana e paz: novo milênio sem exclusões*. Campanha da Fraternidade 2000 Ecumênica (Manual). São Paulo: Salesianas, 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *O que é ecumenismo? Uma ajuda para trabalhar a exigência do diálogo*. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil: 2003-2006*. Itaiaci-Indaiatuba/São Paulo: Paulinas, 2003. Doc. 71.

_____. *Missão e ministérios dos leigos e leigas cristãos*. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. *Projeto Rumo ao Novo Milênio*. São Paulo: Paulus, 1996.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Declaração Dominus Iesus*. São Paulo: Paulinas, 2000.

CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Unidade preciosa: koinonia e justiça, paz e integridade da criação*. Rio Grande do Sul: Conic, 1993.

COMISSÃO DE ECUMENISMO E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Oikoumene: documentação básica para o ecumenismo*, 1996.

CONIC e CLAI. *Diversidade e comunhão: um convite ao ecumenismo*. São Paulo: Sinodal/Paulinas, 1998.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

_____. *Diálogo católico-pentecostal: evangelização, proselitismo e testemunho comum*. São Paulo: Paulinas, 1999.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 29. ed. Petrópolis-RJ, 2000.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Diálogo e anúncio*. São Paulo: Paulinas, 1994.

DECLARAÇÃO CONJUNTA CATÓLICA ROMANA-EVANGÉLICA LUTERANA. *Doutrina da justificação por graça e fé*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

DIOCESE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. *Calendário pastoral diocesano*, 2001.

_____. *Projeto diocesano de evangelização*, 1997.

_____. *Diálogo e discernimento*, 2001.

IGREJA METODISTA. *Carta pastoral do colégio episcopal sobre ecumenismo*. São Paulo: Cedro, 1999.

IGREJA METODISTA. (3ª região eclesiástica). *Conversando sobre ecumenismo*. São Paulo: Assahi, 2003.

JOÃO PAULO II. *Ut Unum Sint*. São Paulo: Paulinas, 1995.

COMUNIDADE ECLESIAL DE BASE. *Vida e esperança nas massas*. 9º encontro intereclesial, s/d.

IGREJA METODISTA. *A Igreja e a questão ecumênica*, Documento 15: Relatório do CE ao 16º Concílio Geral, 1997.

Livros:

ABUMANSUR, E. S. *A tribo ecumênica: um estudo do ecumenismo no Brasil nos anos 60 e 70*. Dissertação de mestrado em ciências sociais da PUC/SP. Mimeografado, 1991.

A intolerância: Foro Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997 / Academia Universal das Culturas; publicação sob a direção de Françoise Barret-Ducrocq; tradução Eloá Jacobina – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

ASSMANN, H.; SUNG, J. M. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

BEA, A. *A união dos cristãos*. trad. Otto Engel, Lúcia Thereza Lessa, Petrópolis-RJ: Vozes, 1964.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

BONATTI, Mário. *A vida tem a cor que você pinta!* São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *Jesus nos quer unidos: ministério da unidade dos cristãos no novo milênio*. São Paulo: Loyola, 2000.

BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. São Paulo: Ática, 1994.

BOUDON, R. ; BOURRICAUD, F. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Ática, 1993.

BRITO, J. C.; GORGULHO, G. S. (org.). *Religião ano 2000*. São Paulo: PUC-SP/Loyola, 1998.

BRUSTOLONI, Júlio J. *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida: a Imagem, o Santuário e as Romarias*. 10. ed. Aparecida-SP: Santuário, 1998.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Sobre educação*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003, v. 1 e 2: (diálogos).

_____. *Pedagogia do oprimido*. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

CHAMORRO, G. *A espiritualidade Guarani: uma teologia ameríndia da palavra*. São Leopoldo-RS: Sinodal, 1998.

CONGAR, Yves. *Vocabulário ecumênico*. Barcelona, Herder, 1972.

CRUZ, E. R. *A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza*. São Paulo: UNESP, 2004.

DELUMEAU, Jean. *De religiões e de homens*. São Paulo: Loyola, 2000.

DUPUIS, Jacques. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.

ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.

HORTAL, Jesus. *E haverá um só rebanho: história, doutrina e prática católica do ecumenismo*. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. (trad. e org.). *O código de direito canônico e o ecumenismo: implicações ecumênicas da atual legislação canônica*. São Paulo: Loyola, 1990.

HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações: e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

JACOB, César Romero (et al.). *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Loyola, 2003.

KRÜGER, H. *O conselho mundial das Igrejas: história do movimento ecumênico*. trad. Annemarie Hohn, São Paulo: Sinodal, 1986.

KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993.

_____. *Teologia a caminho: fundamentação para o diálogo ecumênico*. São Paulo: Paulinas, 1999.

LUNEAU, R.; MICHEL, P. (org.). *Nem todos os caminhos levam a Roma*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MATEUS, O.P. *Teologia no Brasil: teoria e prática*. ASTE, 1985

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo-SP: UMESP, 1997.

_____. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1995.

_____. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MESA EXECUTIVA E ADMINISTRATIVA REGIONAL DO VALE DO PARAÍBA. *A história que precisava ser contada: a Igreja Cristã Evangélica no Vale do Paraíba*. Belo Horizonte-MG: Betânia, 2003.

MOOY, S. *Problemas ecumênicos na Igreja e nas Igrejas*. São Paulo: Herder, 1963.

NAVARRO, Juan Bosch. *Dicionário de ecumenismo*. Aparecida-SP: Editora Santuário, 2002.

_____. *Para compreender o ecumenismo*. São Paulo: Loyola, 1995.

ORO, I. P. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.

PELLÁ, Ângelo. *Renovar-se no espírito da unidade: perspectivas práticas do ecumenismo no terceiro milênio*. São Paulo: Ave-Maria, 1999.

PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. *São José em dados: informações sobre a cidade de São José dos Campos*. Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente, 2001.

REGATO, Robson. *São José dos Campos: o comércio e o desenvolvimento*, 1994.

REILY, Duncan. *A história documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1993.

RIBEIRO, Sandra Ferreira. *Ecumenismo: simples tolerância ou um estilo de vida?*. São Paulo: Cidade Nova, 2002. (Col. Pensar Mundo Unido)

SANCHES, Wagner Lopes (org.). *Cristianismo na América Latina e no Caribe: trajetórias, diagnósticos, prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2003.

SANT'ANA, Júlio H. *Ecumenismo e libertação: reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus*. São Paulo: Vozes, 1991.

SCHLESINGER, H.; PORTO, H. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995, v. 1 e 2.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SOUZA, B. M.; MARTINO, L. M. S. *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e os novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004.

STEIN, S. J. *Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba*. São Paulo: Brasiliense, 1961.

SUESS, Paulo. *As culturas em diálogo*. Agenda latinoamericana-mundial, 2002.

TEIXEIRA, F. *Teologia das religiões: uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas, 1995.

_____. *Diálogo inter-religioso como afirmação da vida*. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. *Diálogo de pássaros*. São Paulo: Paulus, 1993.

VERCRUYSSE, J. *Introdução à teologia ecumênica*. São Paulo: Loyola, 1998.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Centauro, 2001.

WOLFF, Elias. *Caminhos do ecumenismo no Brasil: história, teologia, pastoral*. São Paulo: Paulus, 2002. (Col. comunidade e missão)

TIEL, Gerhard. *Ecumenismo na perspectiva do reino de Deus: uma análise do movimento ecumênico de base*. São Leopoldo: Sinodal: Centro de Estudos Bíblicos-CEBI, 1998.

Revista:

Revista ULTIMATO. *Protestantismo brasileiro*. Set/Out 2002.

Jornais:

BONATTI, M. A presença cristã no Vale do Paraíba. *Folha de São Paulo*, 05 ago. 2000, Vale em redescobrimto. Seção Vale, c.3.

MONTAGNOLI, Mauro. A Pastoral da Criança e o laicato. *Jornal da Pastoral da Criança*, Ano XVIII, n. 92, jun/2004, p. 2.

TOLEDO, F. S. Religiosidade popular católica. *Folha de São Paulo*, 05 ago. 2000, Vale em redescobrimto. Seção Vale, c. 3.

Internet:

CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL. <http://www.conic.org.br>. Acesso em 14 de fevereiro de 2004.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Nota da CNBB sobre o compromisso ecumênico da Igreja Católica*. <http://www.cnbb.org.br>. Acesso em 22 de novembro de 2003.

DICIONÁRIO HOUAISS. <http://v.houaiss.uol.com.br/zoom>. Acesso em 19 de novembro de 2004.

CHRISTIAN CONFERENCE OF ASIA: Justice, International Affairs & Development and Service. Sheng-Sheng-yen. *Inter-religious cooperation*, 2001. <http://www.cca.org.hk/clusters/jid/programs.htm>. Acesso em 15 de novembro de 2004.

ANEXO 2

MUNICÍPIOS² DO VALE DO PARAÍBA

1 - Aparecida	21 - Natividade da Serra
2 - Arapeí	22 - Paraibuna
3 - Areias	23 - Pindamonhangaba
4 - Bananal	24 - Piquete
5 - Caçapava	25 - Potim
6 - Cachoeira Paulista	26 - Queluz
7 - Campos do Jordão	27 - Redenção da Serra
8 - Canas	28 - Roseira
9 - Caraguatatuba	29 - Santa Branca
10 - Cruzeiro	30 - Santo Antônio do Pinhal
11 - Cunha	31 - São Bento do Sapucaí
12 - Guaratinguetá	32 - São José do Barreiro
13 - Igaratá	33 - São José dos Campos
14 - Ilhabela	34 - São Luís do Paraitinga
15 - Jacareí	35 - São Sebastião
16 - Jambeiro	36 - Silveiras
17 - Lagoinha	37 - Taubaté
18 - Lavrinhas	38 - Tremembé
19 - Lorena	39 - Ubatuba
20 - Monteiro Lobato	

² Tabela elaborada por Maria Inêz de Lima Mortl, baseada nos dados fornecidos pelo IBGE, Censo demográfico 2000, unidade territorial 3513. <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/território>. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) cita 39 municípios pertencentes ao Vale do Paraíba.

ANEXO 3

QUESTIONÁRIOS³

Para as Igrejas evangélicas:

Nome da Igreja.

Data de fundação – ou atuação – da Igreja no município de São José dos Campos.

Nome do Pastor(a) responsável – no triênio 1999 a 2001.

Primeira atividade ecumênica realizada no município por esta Igreja.

Esta Igreja faz parte do movimento ecumênico do município? A partir de que data?

Atividades ecumênicas realizadas no período de 1999 a 2001 por esta Igreja.

Pontos positivos obtidos por esta Igreja ao participar do movimento ecumênico.

Que tipo de dificuldades são encontradas no relacionamento com cristãos de outras denominações?

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do ecumenismo?

Trabalhos sociais que esta Igreja realiza.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Igreja? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

Para a Igreja Católica Romana – Paróquias:

Nome da Paróquia.

Data de fundação da Paróquia na Diocese.

Nome do Pároco responsável – no triênio 1999 a 2001.

Primeira atividade ecumênica realizada no município por esta Paróquia.

Esta Paróquia faz parte do movimento ecumênico do município? A partir de que data?

Atividades ecumênicas realizadas no período de 1999 a 2001 por esta Paróquia.

Pontos positivos obtidos pela Paróquia ao participar do movimento ecumênico.

Que tipo de dificuldades são encontradas no relacionamento com cristãos de outras denominações?

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do ecumenismo?

Trabalhos sociais que esta Paróquia realiza.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Paróquia? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

³ Todos os questionários possuem transcrição literal. A data que consta em cada um dos questionários é a do recebimento de cada um deles preenchido.

QUESTIONÁRIO 1

Reverendo Tércio Paulo de Almeida

29/08/2003

Nome da Igreja.

Igreja Presbiteriana Unida do Brasil.

Data de fundação – ou atuação – da Igreja no município de São José dos Campos.

A denominação estabeleceu-se em 10 de setembro de 1978, enquanto FENIP (Federação das Igrejas Presbiterianas), e tornou-se IPU em 1983.

Não existe igreja local no município de São José dos Campos, tão somente residem no município o Revº Tércio Paulo de Almeida, sua esposa Ester Leite Lisboa de Almeida, e filhas: Raquel L. de Almeida e Rebeca Leite de Almeida. O Revº Tércio está filiado ao Presbitério de Jundiá, e sua esposa e filhas estão como eclesianas da Igreja Presbiteriana Betânia, na Capital de São Paulo.

Nome do Pastor(a) responsável – no triênio 1999 a 2001.

A IPU Nacional adota o sistema bienal de seu Conselho Coordenador Nacional, neste ano, foi eleito como Moderador da denominação o Revº Gérson Urban (Pastor da IPU de Atibaia-SP, pertencente ao Presbitério de Jundiá).

Primeira atividade ecumênica realizada no município por esta Igreja.

A primeira celebração ecumênica foi no “Advento de 1998”, a convite do Padre Alcides (então Pároco), na Igreja Apostólica Romana [Paróquia] Sagrada Família, onde participaram a Igreja Metodista (Revº Reinaldo) e Igreja Evangélica de Confissão Luterana, com o Pastor Ernani Ropke.

Esta Igreja faz parte do movimento ecumênico do município? A partir de que data?

A IPU se faz partícipe desde o estabelecimento da Comissão do Diálogo Ecumênico do Vale do Paraíba, no ano de 1999.

Atividades ecumênicas realizadas no período de 1999 a 2001 por esta Igreja.

Em 1999 – Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos na IECLB [Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil] e na Paróquia Sagrada Família; e o lançamento da “Cartilha Ecumênica” na UNIVAP [Universidade do Vale do Paraíba].

Em 2000 – Nas Celebrações da CF-2000 [Campanha da Fraternidade], em várias Paróquias Católicas Romanas, e Igrejas Evangélicas do Vale do Paraíba (Metodista de Jacaréi/SJC e Evangélica de Confissão Luterana).

Vale ressaltar, que a convite da Comissão do Diálogo Ecumênico a CF-2000, foi iniciada com a presença do Secretário do CONIC, Pastor Ervino Schmidt, que celebrou abertura na Paróquia de Santana em São José dos Campos, e que o Revº Tércio celebrou nas Paróquias da Igreja Católica de Santa Branca, Jacaréi até Guaratinguetá (mais ou menos 30 igrejas locais...).

2001 – Celebrações Ecumênicas da Formatura de Direito da UNIVAP, realizada no clube Luso-Brasileiro. Celebração de Advento e de Ação de Graça pelo assentamento e conquista do título da Fazenda Santa Rita, pelo MST [Movimento Sem-Terra], hoje denominada Fazenda Nova Esperança.

Pontos positivos obtidos por esta Igreja ao participar do movimento ecumênico.

Descobrir a Unidade na Pluralidade de ser Igreja no Mundo!!!

Que tipo de dificuldades são encontradas no relacionamento com cristãos de outras denominações?

A maior barreira a ser transposta é a cultura, e a da dominação institucional das estruturas eclesiais. Sempre existe o ‘risco’ da tentação proselitista, ou de se atravessar as fronteiras da querência de impor sua visão de mundo religioso. Vale ressaltar que o ‘ecumenismo se dá entre pessoas, e não entre estruturas’.

Quanto mais rígida for a instituição, mais difícil será o engajamento no Movimento Ecumênico, pois pressupõe-se uma abertura reflexiva do que vem a ser Cristianismo e não Cristandade, e que as denominações são frutos de períodos históricos dentro de uma cultura. Por exemplo: ser cristão em Roma é ser Católico Romano, ser cristão na Rússia, é ser Católico Ortodoxo, ser cristão na Escócia, é ser Presbiteriano, ser cristão na Suécia, é ser Luterano... e por aí vai!!!

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do ecumenismo?

Sim, há!!! A CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviço).

Trabalhos sociais que esta Igreja realiza.

No município de São Paulo, existe na Igreja Presbiteriana Jardim das Oliveiras, o trabalho social que atende há 20 anos crianças e adolescentes na idade de 6 a 14 anos de idade, num Centro de Juventude, com 70 vagas, onde se desenvolve atividades pedagógicas e de recreação, bem como fornecimento de café matinal, almoço (2 períodos) e café da tarde; chama-se AÇÃO SOCIAL JARDIM DAS OLIVEIRAS.

Em Vitória, no Espírito Santo, existe o Hospital Evangélico, onde há um trabalho de capelania pela Rev^a Maria Luiza Ruckert, que tem sido referência para área de capelania hospitalar.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Igreja? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

Já foi mencionado em questão anterior, que o Movimento Ecumênico é entre pessoas, embora existam documentos assinados por várias tradições cristãs, e órgãos ecumênicos (CONIC, CLAI, Koinonia, CESEP, ISER, CESEP...).

Eu, Rev^o Tércio poderia dizer que em várias Celebrações Ecumênicas, tive o apoio e a presença de fiéis comigo, ao meu lado, ou participando das mesmas, sejam oficiais da igreja, ou simplesmente eclesianos ou eclesianas; mas tenho que dizer que não na sua totalidade, pois parte de eclesianos e eclesianas não entenderam o que vem a ser ecumênico, e se entenderam, não concordaram, como somos uma Igreja Presbiteriana, e entendemos que a democracia deve ser uma cultura e direito, deixamos em aberto o envolvimento, não é uma questão fechada/dogmática, de ter de ser ecumênico porque está nos “Princípios de Fé e Ordem da IPUB”.

Creio ser esta realidade também dado de realidade nas demais tradições cristãs vinculadas aos órgãos ecumênicos...!?!

Acrescentaria, que um traço forte da IPU está em ser uma denominação que nasceu da dor, do expurgo, e em 1978 já esboçava ser um “lugar” para todos os segmentos: jovens, mulheres, negros, índios (homossexuais tem sido um tema debatido e refletido...), e ecumênica, isto vale por ser a 1ª igreja Presbiteriana no Brasil a ordenar mulheres ao Pastorado, e ter claro um posicionamento social e político.

QUESTIONÁRIO 2

Padre José Cândido Pereira

03/09/2003

Nome da Paróquia.

Paróquia Coração Eucarístico de Jesus.

Data de fundação da Paróquia na Diocese.

16/12/1990.

Nome do Pároco responsável – no triênio 1999 a 2001.

José Cândido Pereira.

Primeira atividade ecumênica realizada no município por esta Paróquia.

Desconheço.

Esta Paróquia faz parte do movimento ecumênico do município? A partir de que data?

Estamos formando (criando) a Comissão do Diálogo Ecumênico.

Atividades ecumênicas realizadas no período de 1999 a 2001 por esta Paróquia.

1999 – formaturas nas escolas; encontros ecumênicos com crianças.

2000 – formaturas nas escolas; encontros ecumênicos com crianças.

2001 – formaturas nas escolas; luta em defesa da vida.

Pontos positivos obtidos pela Paróquia ao participar do movimento ecumênico.

Há pontos positivos sim. Tentativa de nos aproximar uns dos outros. Amizade com pastores, porém, celebrações ecumênicas ainda não [participamos].

Que tipo de dificuldades são encontradas no relacionamento com cristãos de outras denominações?

O próprio diálogo inexistente.

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do ecumenismo?

O que realizamos com Pastor Cláudio (Luta em Defesa da Vida).

Trabalhos sociais que esta Paróquia realiza.

Vicentinos; Obra Social (informática); Pastoral da Criança; Pastoral da Saúde.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Paróquia? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

Sim. Mas com relação aos evangélicos, só os dirigentes participam.

QUESTIONÁRIO 3

Padre Moacir Silva

04/09/2003

Nome da Paróquia.

Paróquia São Dimas.

Data de fundação da Paróquia na Diocese.

Criada em janeiro de 1951 e instalada no dia 02 de fevereiro de 1951.

Com a criação da Diocese em 1981, ela passou a ser a igreja Catedral da nova Diocese.

Nome do Pároco responsável – no triênio 1999 a 2001.

Padre Moacir Silva.

Primeira atividade ecumênica realizada no município por esta Paróquia.

Para o município a paróquia não realizou atividade ecumênica.

Esta Paróquia faz parte do movimento ecumênico do município? A partir de que data?

Não.

Atividades ecumênicas realizadas no período de 1999 a 2001 por esta Paróquia.

1999 – Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos; formação no CPP [Conselho Pastoral Paroquial] sobre o Diálogo Ecumênico.

2000 – Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

2001 – Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

Pontos positivos obtidos pela Paróquia ao participar do movimento ecumênico.

Troca de cartões entre a paróquia e pastores de outras comunidades eclesiais.

Que tipo de dificuldades são encontradas no relacionamento com cristãos de outras denominações?

Participação de fiéis de outras denominações em celebrações ecumênicas.

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do ecumenismo?

Organizado, não.

Trabalhos sociais que esta Paróquia realiza.

Atividades da Obra Social São Dimas.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Paróquia? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

É pequena ainda a presença, mas não se reduz aos dirigentes. Está crescendo de um ano para outro.

QUESTIONÁRIO 4

Pe. Wagner Rodolfo da Silva

06/09/2003

Nome da Paróquia.

São Benedito.

Data de fundação da Paróquia na Diocese.

1964.

Nome do Pároco responsável – no triênio 1999 a 2001.

1999: Pe. Marcos Aurélio dos Santos

2000: Pe. José Dimas Pereira

2001: Pe. Wagner Rodolfo da Silva

Primeira atividade ecumênica realizada no município por esta Paróquia.

1999: Passeata em defesa da vida, saindo da frente da igreja de São Benedito, no Alto da Ponte, indo até à Praça Afonso Pena, onde foi realizado o ato ecumênico, em defesa da vida.

Esta Paróquia faz parte do movimento ecumênico do município? A partir de que data?

Sim. A partir de 1999.

Atividades ecumênicas realizadas no período de 1999 a 2001 por esta Paróquia.

1999: Passeata em defesa da vida.

2000: Celebração ecumênica, na igreja de São Benedito, com a presença dos padres, diáconos e um pastor.

2001: A Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, somente para os católicos.

Pontos positivos obtidos pela Paróquia ao participar do movimento ecumênico.

A conscientização sobre a necessidade da busca da unidade não somente entre os cristãos católicos, mas entre católicos e cristãos de outras denominações religiosas. Busca primeiramente de uma conscientização interna na Igreja Católica – em nossa Paróquia –, a fim de que todos sintamos a necessidade da aproximação entre todos os cristãos.

Houve, então, embora muito pequena, uma preocupação com o ecumenismo. Digamos que houve um despertar para o ecumenismo, embora estejamos muito longe de atingirmos o objetivo desejado. Muito das intenções ficou nas idéias, nos estudos e discussões acerca do entendimento, do diálogo entre os cristãos. Já demos alguns passos, embora tímidos, mas estamos caminhando. Esperamos atingir algumas outras metas nos próximos anos, com a ajuda de Deus.

A Pastoral Familiar desenvolveu um grande trabalho de divulgação nas escolas do bairro, fazendo convite e esclarecimento sobre as atividades, principalmente sobre a Passeata em defesa da vida. A Pastoral da Educação tem ido às escolas para falar sobre diálogo e ecumenismo, pedindo e incentivando a participação.

Que tipo de dificuldades são encontradas no relacionamento com cristãos de outras denominações?

Falta de abertura para o diálogo dos pastores de quase todas as denominações religiosas [das adjacências] da Paróquia. Falta de compreensão dos católicos sobre o tipo de relacionamento que devemos ter. Os não bem esclarecidos pensam que ecumenismo é participar da Igreja evangélica e os fiéis evangélicos participarem da Igreja Católica, como se as duas fossem a mesma coisa.

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do ecumenismo?

Não. Cada Igreja faz a sua parte isoladamente.

Trabalhos sociais que esta Paróquia realiza.

Assistência aos pobres, realizada muito bem pelos Vicentinos – Sociedade São Vicente de Paulo; Assistência aos enfermos, através da Pastoral da Saúde; Trabalhos realizados pela Pastoral da Criança, Pastoral da Sobriedade, Pastoral da Educação (nas escolas); Ajuda a pessoas necessitadas, tanto em alimentos como financeiramente, pela Paróquia, a pessoas, individualmente, quando solicitam.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Paróquia? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

Houve muita participação. Nas atividades citadas acima, na posse da Sociedade Amigos de Bairro, com a participação de católicos e evangélicos, no Clube do Laço, no bairro Altos de Santana, com celebração ecumênica.

QUESTIONÁRIO 5

Comissão do Diálogo Ecumênico: Eunice Merlem Faustino

06/09/2003

Nome da Paróquia.

Paróquia São Judas Tadeu.

Data de fundação da Paróquia na Diocese.

Fundada na Diocese de São José dos Campos em: 1964.

Nome do Pároco responsável – no triênio 1999 a 2001.

Padre André Afonso Maria Butti.

Primeira atividade ecumênica realizada no município por esta Paróquia.

Primeira atividade ecumênica realizada em nossa Paróquia, foi uma celebração de Formatura, na escola municipal, ano 2000.

Esta Paróquia faz parte do movimento ecumênico do município? A partir de que data?

Esta Paróquia faz parte do Movimento Ecumênico na Diocese a partir de maio de 1998.

Atividades ecumênicas realizadas no período de 1999 a 2001 por esta Paróquia.

1999 – //

2000 – Celebração de Formatura na escola.

2001 – Celebração de Formatura na escola.

Pontos positivos obtidos pela Paróquia ao participar do movimento ecumênico.

Os pontos positivos foram:

Maior simpatia entre pessoas de igrejas diferentes, se abriram à amizade com os católicos.

Não há mais tanta indiferença, os evangélicos nos olham, sorriem, conversam, respeitando as diferenças de crenças.

A acolhida por parte deles [evangélicos] melhorou.

Que tipo de dificuldades são encontradas no relacionamento com cristãos de outras denominações?

As dificuldades encontradas foram:

Desinteresse por parte dos Pastores [evangélicos].

Não retribuem cartões de Natal ou de Páscoa que mandamos para eles e suas igrejas.

Não aceitaram os convites que lhes foram feitos por ocasião da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

Não permitem que suas comunidades, “seus membros”, visitem a igreja católica.

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do ecumenismo?

Não.

Trabalhos sociais que esta Paróquia realiza.

Trabalhos sociais realizados na Paróquia:

Visita aos doentes e assistência à eles.

[Entrega de] cestas básicas de alimentos, doadas pelos Vicentinos e outros grupos.

Grupos de ruas que dão assistência aos (idosos) e desempregados, pagando as contas de água, luz e até aluguel.

Doação de roupas, remédios, ajuda e mutirão para construir pequenas casas ou arrumar algumas delas, fazer consertos.

Doação de móveis, colchão, transporte de doentes e alfabetização de adultos.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Paróquia? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

Neste ano de 2003, houve Celebração Ecumênica na Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos em toda Diocese, dividida por 5 Regiões Pastorais.

Nossa Paróquia pertence à Região Pastoral III com mais 3 paróquias.

[Nossa Paróquia] foi a escolhida para reunir toda RPIII na Celebração Ecumênica.

compareceram 3 padres, 4 Diáconos e 1 Pastor com sua esposa e 2 filhos pequenos.

A Igreja Católica ficou lotada de fiéis católicos com seus dirigentes.

A comunidade evangélica não compareceu.

Outros Pastores foram convidados, mas também não vieram.

Obs.: O nosso Pároco (Pe. André) encontrava-se acamado, por ter feito cirurgia na perna, não podendo comparecer à celebração, deu abertura total e acolheu com boa vontade a todos que dela participaram.

QUESTIONÁRIO 6

Pastor Ernane Ropke

13/09/2003

Nome da Igreja.

Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB).

Data de fundação – ou atuação – da Igreja no município de São José dos Campos.

A partir de 1983 na Igreja Metodista de São José dos Campos.

A partir de 1992 com sede própria em São José [dos Campos].

Nome do Pastor(a) responsável – no triênio 1999 a 2001.

Pastor Ernani Ropke.

Primeira atividade ecumênica realizada no município por esta Igreja.

Provavelmente no começo dos anos 80. O Pastor Ivário Iries, que atendia a comunidade na época, chegou a participar de celebrações.

Esta Igreja faz parte do movimento ecumênico do município? A partir de que data?

Sim. Desde 1997.

Atividades ecumênicas realizadas no período de 1999 a 2001 por esta Igreja.

Celebrações da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos; Celebrações de Formatura da UNIVAP, UNITAU, celebrações em colégios. Inauguração da Capela do INPE, celebrações no CTA, celebrações de advento.

Pontos positivos obtidos por esta Igreja ao participar do movimento ecumênico.

Integração com irmãos de outras denominações. Fortalecimento da fé cristã.

Que tipo de dificuldades são encontradas no relacionamento com cristãos de outras denominações?

Na nossa experiência na caminhada ecumênica no Vale [do Paraíba] sempre houve respeito pelas diferenças entre as denominações.

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do ecumenismo?

Não.

Trabalhos sociais que esta Igreja realiza.

Atividade recreativa mensal com as crianças do bairro Jardim Americano.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Igreja? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

Geralmente os fiéis participam das celebrações ecumênicas, mas são poucos, já que a comunidade é pequena.

QUESTIONÁRIO 7

Padre Geraldo Alves da Silva

14/09/2003

Nome da Paróquia.

Mitra Diocesana São José dos Campos – Paróquia Coração de Jesus.

Data de fundação da Paróquia na Diocese.

16 de Junho de 1.985

Nome do Pároco responsável – no triênio 1999 a 2001.

Pe. Geraldo Alves da Silva

Primeira atividade ecumênica realizada no município por esta Paróquia.

Encontros e momentos de formação em nível paroquial, com objetivo de divulgar e formar comunidade sobre o diálogo Ecumênico e Inter-Religioso.

Fato marcante para a comissão do Diálogo foi a caminhada em defesa da vida ocorrida em outubro de 2001.

Esta Paróquia faz parte do movimento ecumênico do município? A partir de que data?

Desde fevereiro de 1999.

Atividades ecumênicas realizadas no período de 1999 a 2001 por esta Paróquia.

1999 – Estudos sobre a CF-2000, em nível paroquial e de Estado (Itaici)

Formação para as lideranças de pastorais e movimentos...

Semana de Oração pela Unidos dos Cristãos.

Celebração Ecumênica nas Escolas.

2000 – Formação de Aprofundamento assessorada pelo Pe. Mário Bonatti (Lorena).

Mensagem de Páscoa para todas as Igrejas Cristãs do Território Paroquial.

Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

Celebração Ecumênica nas Escolas.

2001 – Páscoa dos Estudantes em nível Ecumênico.

Caminhada em Defesa da Vida.

Celebrações Ecumênicas nas Escolas.

Formação em nível de região pastoral.

Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

Pontos positivos obtidos pela Paróquia ao participar do movimento ecumênico.

- Uma maior conscientização por parte dos fiéis católicos sobre o assunto.
- Um novo olhar e jeito de tratar as pessoas de outras crenças.
- Maior envolvimento e reconhecimento do valor da Unidade na Diversidade.

Que tipo de dificuldades são encontradas no relacionamento com cristãos de outras denominações?

- Preconceito.
- Desconhecimento do assunto.
- Medo de se envolver.

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do ecumenismo?

Não.

Trabalhos sociais que esta Paróquia realiza.

Obra Social: Atendimentos de Advogados, Médicos, Dentistas e Psicólogas.

- Clube de Mães.
- Pastoral da Saúde.
- Pastoral da Criança.
- Pastoral da Sobriedade.
- Assistência aos pobres (Vicentinos).
- Cooperativa de Reciclagem.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Paróquia? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

Nas atividades Ecumênicas temos a presença dos líderes e também envolvimento dos fiéis, embora não sejam em grande número.

QUESTIONÁRIO 8

Comissão do Diálogo Ecumênico

17/09/2003

Nome da Paróquia.

Paróquia São Sebastião.

Data de fundação da Paróquia na Diocese.

Dia 21 de março de 1971.

Nome do Pároco responsável – no triênio 1999 a 2001.

Pe. Djalma Lopes Siqueira.

Primeira atividade ecumênica realizada no município por esta Paróquia.

Dia de Ação de Graças em 28/11/02.

Esta Paróquia faz parte do movimento ecumênico do município? A partir de que data?

Sim. Há 7 anos.

Atividades ecumênicas realizadas no período de 1999 a 2001 por esta Paróquia.

1999 – Realização de um censo para conhecer as Igrejas Cristãs [das adjacências] da Paróquia.

2000 – Como iniciativa da Paróquia foram enviados, aos pastores, cartões de Natal.

2001 – Documento sobre Igreja e Ministérios, publicado no Boletim do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC – em outubro de 2001.

Pontos positivos obtidos pela Paróquia ao participar do movimento ecumênico.

Um dos pontos positivos foi a visita que os pastores fizeram à Paróquia para conhecer o trabalho realizado. Outro foi a Abertura da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos que vigora até hoje.

Que tipo de dificuldades são encontradas no relacionamento com cristãos de outras denominações?

A principal dificuldade é quanto à formação doutrinal que cada denominação tem. Aí esbarramos em alguns entraves que atrapalham a unidade.

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do ecumenismo?

Um abaixo-assinado pedindo a cessão do espaço da UBS [Unidade Básica de Saúde] do Bairro para realização de atividades.

Trabalhos sociais que esta Paróquia realiza.

Na área social a paróquia conta com os trabalhos dos Vicentinos que atendem às famílias carentes da paróquia; da Pastoral da Criança, Pastoral da Saúde e Pastoral da Sobriedade.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Paróquia? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

Há a participação dos fiéis, pois, isso representa um desafio diante do apelo de Jesus que roga pela unidade de todos os cristãos.

QUESTIONÁRIO 9

Padre José Vieira Pinto

28/09/2003

Nome da Paróquia.

Paróquia Sant'Ana do Paraíba.

Data de fundação da Paróquia na Diocese.

02 de fevereiro de 1935.

Nome do Pároco responsável – no triênio 1999 a 2001.

Padre Sebastião César Barbosa.

Primeira atividade ecumênica realizada no município por esta Paróquia.

Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

Esta Paróquia faz parte do movimento ecumênico do município? A partir de que data?

1997.

Atividades ecumênicas realizadas no período de 1999 a 2001 por esta Paróquia.

1999 – Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos; Semana da Família.

2000 – Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos; CF-2000; Via-Sacra Ecumênica.

2001 – Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

Pontos positivos obtidos pela Paróquia ao participar do movimento ecumênico.

Está havendo mais aceitação por parte dos católicos.

Que tipo de dificuldades são encontradas no relacionamento com cristãos de outras denominações?

As dificuldades são que: convidamos e eles [evangélicos] não participam; comunicamos e eles não retribuem.

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do ecumenismo?

Não.

Trabalhos sociais que esta Paróquia realiza.

Pastoral da Criança.

Pastoral da Saúde.

Pastoral Sócio-Política.

Vicentinos.

Psicólogos.

Psicopedagoga.

Advogados.

Fonoaudióloga.

Pastoral da Sobriedade.

Pastoral da 3ª Idade.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Paróquia? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

Tem havido cada vez mais uma maior participação nos eventos em nossa paróquia, mas em [atividades] extra-paroquiais, só os representantes.

QUESTIONÁRIO 10

Padre Antonio Silva França

14/10/2003

Nome da Paróquia.

Paróquia São José Operário.

Data de fundação da Paróquia na Diocese.

04 de outubro de 1998.

Nome do Pároco responsável – no triênio 1999 a 2001.

Padre Antonio Silva França.

Primeira atividade ecumênica realizada no município por esta Paróquia.

Um culto ecumênico na escola, no dia de Ação de Graças de 1999.

Esta Paróquia faz parte do movimento ecumênico do município? A partir de que data?

Sim, nós temos a “Comissão do Diálogo Ecumênico”.

Atividades ecumênicas realizadas no período de 1999 a 2001 por esta Paróquia.

2000 – Dois Cultos ecumênicos nas escolas: um na formatura e outro no dia de Ação de Graças.

Um Culto ecumênico, por ocasião do Natal, numa “Casa de Convivência”, onde a Prefeitura realiza trabalhos com moradores de rua.

Pontos positivos obtidos pela Paróquia ao participar do movimento ecumênico.

Não houve nenhum evento ecumênico além daqueles realizados nas escolas e casa de convivência. Portanto, não houve repercussão alguma na paróquia, até porque os pastores participantes não atuavam na paróquia. No encontro na casa de convivência, houve participação da equipe litúrgica, o que gerou um grande entusiasmo pela experiência. Mas foi só.

Que tipo de dificuldades são encontradas no relacionamento com cristãos de outras denominações?

No relacionamento do dia a dia não há dificuldades, além de um ou outro caso isolado de proselitismo ou de provocações. Nunca conseguimos realizar atos ecumênicos com as igrejas existentes no território da paróquia porque os pastores não aceitam.

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do ecumenismo?

Não.

Trabalhos sociais que esta Paróquia realiza.

Sociedade São Vicente de Paulo [Vicentinos], Pastoral da Criança, Pastoral da Saúde, Pastoral da Sobriedade.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Paróquia? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

Como disse na pergunta nº 8, nunca realizamos encontros ecumênicos com as igrejas [das adjacências] da Paróquia até o presente momento, por falta do apoio dos pastores. Nossa comunidade está aberta a essa participação. Nos encontros de nossa Região Pastoral, os nossos fiéis vão participar, no entanto, a participação dos evangélicos é pouca. Na Campanha da Fraternidade de 2000, que foi ecumênica, ou era para ser, tivemos um pastor e outros evangélicos (de fora da paróquia) nos ajudando na formação e preparação da Campanha. Eles foram bem recebidos pelos que participavam da formação (mais ou menos 200 pessoas) e a repercussão foi boa.

QUESTIONÁRIO 11

Pastor Sebastião Bertolino Filho

20/02/2004

Nome da Igreja.

Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Sigla I.E.A.D.

Data de fundação desta Igreja em Pindamonhangaba.

Por volta de 1948.

Há certa contradição nas datas por razão de vários(as) missionários(as) suecos(as) que moravam na região do Vale do Paraíba. Muitos deles(as) iam esporadicamente em várias cidades em trabalho de evangelização, dentre elas Pindamonhangaba. Então uns defendem 1948 que é a mais a certa.

Nome do Pastor(a) responsável – no triênio 1999 a 2001.

O ministério Assembléia de Deus atualmente é multifacetado. Desta forma ela é jornada de vários ministérios. Ex. Ministérios Belém, Santos, etc etc. A do Belém (São Paulo) ou Belenzinho da qual ou melhor a qual estou ligada teve dois pastores responsáveis neste período de 1999 a 2001. Foram eles: Pr. Samuel G. Bezerra e Pr. Paulo Silva. Na denominação são chamados de Pastores presidentes.

Esta Igreja faz parte do movimento ecumênico do município de São José dos Campos? A partir de que data?

Oficialmente não. Entretanto extra oficialmente ela designa alguns pastores para ações ecumênicas como: formatura, aniversário, sepultamento.

Primeira atividade ecumênica realizada em São José dos Campos por esta Igreja.

Aniversário do município em 1988 em decorrência dos 100 anos de abolição da escravatura.

Atividades ecumênicas realizadas no período de 1999 a 2001 por esta Igreja.

- Celebração pela Unidade dos Cristãos.
- Algumas celebrações ligadas a Campanha da Fraternidade 2000.
- Algumas celebrações de formaturas.

Obs: De forma isolada, um dos Pastores – Pr. Sebastião Bertolino – participou de muitas outras celebrações em Itaic, na faculdade Dehoniana, entre outras celebrações.

Pontos positivos obtidos por esta Igreja ao participar do movimento ecumênico.

- Uma partilha mais fraterna de amizade;
- um crescimento de respeito entre líderes e liderados;
- uma percepção de que do lado digamos católico, não havia intenção em nada mais que celebrar.

Que tipo de dificuldades são encontradas no relacionamento com cristãos de outras denominações?

- O medo de perder “a fé”.
- O temor de serem castigados por Deus, por estarem em comunhão com “idólatras”.
- Forte valorização da Instituição.
- Menosprezo pela celebração de outros grupos religiosos.
- O temor pela perda do poder eclesiástico.
- Pouca profundidade nas convicções.
- A defesa da “verdade” de cada denominação.

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do ecumenismo?

Informalmente. Isto por parte das Instituições formalmente falando, ou seja elas sabem que os seus membros atuam em conjunto em várias modalidades mas não apóiam ou incentivam oficialmente.

Obs: Um dos pastores da IEAB – Pr. Sebastião Bertolino – dirige um abrigo para crianças e adolescentes; e nele há um trabalho ecumênico.

Qual a sua opinião – como dirigente de uma Igreja - sobre o trabalho social em comum entre as Igrejas?

Creio ser uma das melhores trilhas para posteriormente desenvolvermos outras ações ou dialogarmos sobre outros assuntos.

As carências são comuns a todas as denominações e seus membros.

O trabalho social ecumênico na minha opinião vai levar as denominações a perceberem no mínimo que o Deus que uma e outra prega e crêem ser diferentes não é; e que o Espírito desse Deus as motiva a serem uma na ação de misericórdia com o ser humano que Deus criou.

O trabalho social pode desembocar na minha visão em caminhos muito interessantes.

Trabalhos sociais que esta Igreja realiza.

A igreja IEAD, sede em Pindamonhangaba, apenas participa algumas vezes e não oficialmente em aniversários, formaturas e funerais.

Obs: A missão Nova Esperança, órgão vinculado pelo seu líder à IEAD participa da:

- Semana de Unidade entre os cristãos.
- Encontro do Diálogo Ecumênico em Itaicym – evento anual.
- Debates na Faculdade Dehoniana.
- Seminários com professores ou Educadores.
- Formalmente em 04 reuniões do núcleo ecumênico do Vale do Paraíba, entre outros eventos.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Igreja? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

A IEAD, nos eventos acima citados participa na maioria das vezes com os líderes. Os liderados participam mais em decorrência do caráter do evento.

Justificativa:

1 – Oficialmente a IEAD, não discute as possibilidades do Diálogo.

Determina o não e isto reflete nos liderados.

2 – Oficialmente a IEAD, não vê possibilidade de o diálogo ecumênico seja algo bom e “bíblico”; creio que por decorrência de que a imensa maioria dos seus fiéis são ex-católicos e testemunham que estavam em trevas, não tinham conhecimento da salvação, ou seja “o sucesso de uma decorre diretamente da perda de fiéis da outra”.

3 – Por razões históricas, teológicas e eclesiásticas.

O que é “ecumenismo” para a Igreja Assembléia de Deus?

Falando oficialmente é:

- um caminho enganoso e perigoso;
- um caminho que leva ao enfraquecimento da fé;
- um movimento que desagrade a Deus;
- um retrocesso eclesiástico e teológico;
- um caminho aparentemente bonito e inofensivo, mas que esconde desvios doutrinários.

Obs: Obviamente nem todos os líderes e liderados pensam desta forma; há outros que pensam e agem diferentemente do pensamento digamos “oficial”.

Particularmente:

Penso que o ecumenismo e o diálogo religioso são caminhos que:

- a) Fazem crescer a responsabilidade de cada cristão(ã) acerca de seus testemunhos ante as pessoas.
- b) Na sua prática entraria o desmembramento praticado pelas denominações de tantos cristãos tampouco tantas interpretações.... e até muito a vontade dos evangelhos.
- c) Ajudaria em muito na evangelização como Boas Novas de salvação e paz...
- d) Apesar dos ritos diferentes, respeitamos a revelação do Cristo e a multiforme graça de Deus.
- e) Mais que um sonho de muitos de nós é uma vontade do Cristo “Amou a todos de tal maneira...”
- f) É também avançar em termos históricos, eclesiásticos e teológicos na visão de um novo mundo. Enfim...
- g) É respeito, amor ao próximo; obediência ao Cristo e sua vontade expressa na palavra; e um grande esforço humano que pode – ou não – ser alimentado pelo Espírito de Deus, que nos ajudará a compreender porque Deus amou o mundo e as pessoas de tal maneira; e nós queremos separá-las por tantas vias.

QUESTIONÁRIO 12

Diácono Leandro Mascarenhas de Andrade

17/05/2004

Nome da Igreja.

Igreja Metodista do Brasil.

Data de fundação – ou atuação – da Igreja no município de São José dos Campos.
1959.

Nome do Pastor(a) responsável – no triênio 1999 a 2001.

Pastor Sérgio Gama Lavoura.

Primeira atividade ecumênica realizada no município por esta Igreja.

No final da década de 70, a Igreja Metodista Central ofereceu suas dependências para as celebrações semanais dos luteranos. Esta atitude, que revela o espírito ecumênico, perdurou até 1992.

Esta Igreja faz parte do movimento ecumênico do município? A partir de que data?

Sim. Oficialmente a partir de agosto de 1999, com os preparativos da Campanha da Fraternidade 2000 Ecumênica.

Atividades ecumênicas realizadas no período de 1999 a 2001 por esta Igreja.

1999 – Preparativos para a Campanha da Fraternidade [2000] Ecumênica.

Recebeu o Padre responsável pelo Diálogo Ecumênico da Diocese com sua equipe, em culto especial de Páscoa.

Envia representante para o Colégio dos Jesuítas, em Itaiçi, para discussão sobre a Campanha da Fraternidade.

2000 – Cria o departamento Sócio-Religioso para desenvolver o diálogo ecumênico com a Igreja Católica e demais denominações cristãs.

Através do departamento Sócio-Religioso, participa da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

2001 – Participa de celebrações ecumênicas na cidade. Como por exemplo, culto no Banco Real, nas Universidades etc.

Promove um debate sobre Fé e Política na Câmara Municipal, em parceria com a Igreja Católica.

Pontos positivos obtidos por esta Igreja ao participar do movimento ecumênico.

Despertou em alguns dos membros participantes um carinho e apreço por irmãos de denominações as quais guardavam reservas.

“Quebrou-se o gelo”.

A Igreja [Metodista] está mais conhecida na cidade, através destes sinais de unidade.

Que tipo de dificuldades são encontradas no relacionamento com cristãos de outras denominações?

A principal dificuldade ainda reside no aspecto da intolerância e falta de prática de convivência em unidade com o diverso. Sendo que muitas vezes o que é diferente é considerado como sendo do maligno. No que tange o relacionamento com católicos, sempre há uma suspeita de que toda essa movimentação é uma estratégia para evitar a perda de adeptos e conseqüentemente levar boa parte dos protestantes de volta para o aprisco de Roma.

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do ecumenismo?

Sim. Debates sobre Fé e Política em parceria com a Igreja Católica.

Trabalhos sociais que esta Igreja realiza.

Centro educacional de Educação Infantil.

Cestas básicas para famílias carentes da Igreja e fora da mesma.

Projetos sociais como a “Semana para Jesus”, onde o espaço do templo é usado para vários tipos de atendimento para população carente. Exemplo: enfermeiros, cabeleireiros, etc.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Igreja? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

Normalmente só os dirigentes, ou seu representante participam.

Isto devido a uma falta de conscientização da Igreja [Metodista] quanto ao que é e o que não é ecumenismo.

QUESTIONÁRIO 13

Pastor Naity Wesley Schwenck Gripp.

28/05/2004

Nome da Igreja.

Igreja Presbiteriana de São José dos Campos – vinculada à Igreja Presbiteriana do Brasil.

Data de fundação – ou atuação – da Igreja no município de São José dos Campos.

10/04/1954 (juridicamente organizada), porém, atuava desde 1952.

Nome do Pastor(a) responsável – no triênio 1999 a 2001.

2000/2001 – Pastor Naity Wesley Schwenck Gripp.

Primeira atividade ecumênica realizada no município por esta Igreja.

De 1993 a 1998 o Pastor Hudson Correia Lopes participava de atividades ecumênicas.

Esta Igreja faz parte do movimento ecumênico do município? A partir de que data?

Sim. Desde 1993, mas não há registro.

Atividades ecumênicas realizadas no período de 1999 a 2001 por esta Igreja.

2000 – participação em celebrações ecumênicas: em escolas (formaturas), em datas sociais comemorativas etc.

2001 – participação na Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos e em várias celebrações ecumênicas sociais (menores de rua, trabalho infantil etc.).

Pontos positivos obtidos por esta Igreja ao participar do movimento ecumênico.

Estreita relacionamentos.

O diálogo proporciona o conhecimento mútuo, descobrindo-se como outras igrejas estão encarando os desafios atuais.

Cria oportunidades, ou seja, as portas ficam abertas para pessoas escutarem o Evangelho, principalmente as que não pertencem a nenhuma denominação.

Que tipo de dificuldades são encontradas no relacionamento com cristãos de outras denominações?

Mitos gerados pela história, da não possibilidade de diálogo. Não conhecem o ecumenismo, tanto os presbiterianos quanto os católicos. Várias pessoas são fechadas, não têm interesse em, nem mesmo, saber o que é, e falam que já não dará certo; são radicais em suas posições. Esta dissertação ajuda a quebrar mitos.

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do ecumenismo?

Não. Há vontade, interesse, mas ainda não acontece.

Trabalhos sociais que esta Igreja realiza.

Distribuição de cestas básicas para seus membros e também para necessitados de São José dos Campos, dependendo da possibilidade da Igreja. Aula de bordados, de fabricação de roupas de lã, que são distribuídos em asilos etc. Estamos montando parcerias com a Fundhas [Fundação Hélio Augusto de Sousa], para trabalhos com teatro e dança, artes e corais.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Igreja? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

Há participação sim. Não da maioria, mas há um grupo que sempre participa.

ANEXO 4

ATIVIDADES CONJUNTAS DO MOVIMENTO ECUMÊNICO DO MUNICÍPIO

**FOTO 1: I Encontro Interdenominacional de Lideranças Cristãs – 22 e 23/05/1999
Local: Seminário Diocesano - SJCampos-SP**



**FOTO 2: Celebração Ecumênica do Lançamento da Cartilha “Diversidade e Comunhão” -
22/05/1999 – Local: UNIVAP – SJCampos-SP**



**FOTO 3: Celebração Ecumênica de Ação de Graças pelo acordo entre Católicos e Luteranos, acerca da “Doutrina da Justificação por Graça e Fé” - 30/10/1999.
Local: Paróquia de Sant’Ana – SJCampos-SP**



**FOTO 4: Celebração Ecumênica de Ação de Graças pelo acordo entre Católicos e Luteranos, acerca da “Doutrina da Justificação por Graça e Fé” - 31/10/1999.
Local: Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil – SJCampos-SP**



**FOTO 5: Via-Sacra Ecumênica, por ocasião da Campanha da Fraternidade-2000
Ecumênica - Local: Paróquia de Sant'Ana - Igreja Católica Romana – SJCampos-SP**



ANEXO 5

DOCTRINA DA JUSTIFICAÇÃO POR GRAÇA E FÉ

31 DE OUTUBRO: MAIS UMA CONQUISTA DO DIÁLOGO ECUMÊNICO

RECONCILIADOS PELO CRISTO PARA O EXERCÍCIO DO AMOR!

• O Espírito Santo soprou e reconciliou na compreensão da salvação dos irmãos(as) luteranos(as) e católicos(as). Estamos de parabéns, porque no dia 31 de outubro deste ano será assinado na cidade alemã de Augsburg um documento onde luteranos e católicos passam a professar que a salvação decorre da graça de Deus e não das boas obras. Que só se chega à salvação pela fé, embora as boas obras não levem à salvação, elas são consequência natural da fé, isto é, o verdadeiro cristão faz boas obras não para se salvar, mas como um testemunho de fé pelo amor recebido.

• Logo, as duas igrejas se reconciliam não por mérito de uma ou de outra, mas pela ação de Deus que tocou nossos corações e nos fez compreender que toda obra boa é consequência do seu imenso ato de amor revelado à humanidade em Cristo Jesus.

• Em João 4,19 lemos: "Amamos porque Deus nos amou primeiro". Portanto, nos reconciliamos na questão da salvação, porque Deus nos iluminou e tornou primeiramente humildes para reconhecermos as falhas.

• Agora estamos livres de um jugo para um compromisso ainda mais responsável diante da palavra de Deus. Reconciliados, agraciados e unidos pelo Cristo, temos agora ainda mais motivos para realizar boas obras em conjunto. Que a graça e a fé, que emanam do espírito de Deus, nos levem a juntos encontrarmos caminhos que destruam os sinais de morte e teologias que exploram o sofrimento e a fragilidade da fé de muitas pessoas.

• Onde o espírito de Deus sopra, sempre se terá como consequência a boa obra. Obrigado bondoso Deus por mais este gesto de amor que concedes a nós luteranos e católicos. Que saibamos juntos pôr este gesto de amor em prática!

Pastor Ernani Röpke
Igreja Evangélica de
Confissão Luterana no Brasil

PARTICIPE DA CELEBRAÇÃO DE AÇÃO DE GRAÇAS:

Dia 30 de outubro (sábado) -
19 horas - Paróquia de Sant'Ana
Dia 31 de outubro (domingo) -
10 horas - Igreja Luterana
Rua José Carlos Passi, 43
Jd. Americano

Reunião das Comissões Episcopais de Ecumenismo da América Latina e do Caribe

Convocados pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, nós, Bispos Presidentes e Secretários Executivos das Comissões Episcopais de Ecumenismo da América Latina e do Caribe, reunimo-nos na Cidade do México, de 4 a 6 de Agosto, sob a presidência do Cardeal Edward Idris Cassidy e na presença de D. Pierre Duprey, Secretário do mencionado Dicasterio, e do Pe. Juan Usman, Oficial para o Continente latino-americano, com o objectivo de compartilhar alguns dias de oração, análise e projecção do trabalho ecuménico nos nossos países.

Acompanhamos neste importante encontro representantes da Conferência Nacional dos Bispos Católicos dos Estados Unidos, da Conferência dos Bispos Católicos do Canadá, do Conselho Latino-Americano de Igrejas e da Conferência de Igrejas do Caribe, que partilharam conosco a sua experiência no campo ecuménico.

A presença do Presidente e do Secretário-Geral do CELAM e dos responsáveis da secção de ecumenismo e diálogo inter-religioso desse Organismo eclesial foi um sinal do interesse e da urgência do empenho ecuménico no Continente.

Durante o encontro o Card. Edward Cassidy, D. Pierre Duprey e D. José Luis Lacunza, Bispo responsável da SECUM, esclareceram-nos sobre o compromisso irreversível da Igreja católica na busca

de cruz e de esperança. A experiência de algumas das nossas Igrejas anima-nos a buscar formas mais criativas de cumprir a vontade de Cristo: «que todos sejam um» (Jo 17, 21).

Necessitamos aprofundar a consciência do imperativo ecuménico e fortalecer o empenho dos pastores e do povo católico, em diálogo com as outras Igrejas e comunidades eclesiais. Entre as tarefas prioritárias no âmbito ecuménico que as nossas Igrejas devem realizar, encontramos:

• Criar as estruturas locais necessárias, que permitam integrar o ecumenismo na pastoral orgânica das nossas Igrejas a níveis local, nacional e regional. Que as Conferências Episcopais instituem uma Comissão específica para o ecumenismo e que nas dioceses seja nomeado um delegado para animar esta tarefa.

• Implementar planos permanentes de formação ecuménica a todos os níveis: clero, consagrados, seminaristas, catequistas e leigos. Nesta tarefa formativa o papel do pastor da Igreja local é absolutamente determinante, pois o empenho ecuménico é parte integrante do ministério episcopal.

• Colaborar na defesa da vida e da promoção humana, pondo em prática uma colaboração ecuménica no campo social, onde sempre é possível encontrar caminhos na busca da unidade.

• Potenciar o ecumenismo espiritual e ressaltar a

membros de outras Igrejas, com o objectivo de incorporar a dimensão ecuménica em todos os campos da formação.

Acolher nas Igrejas particulares os resultados dos diálogos teológicos internacionais e nacionais, contribuindo para o seu progresso com a difusão e reflexão teológica local.

Traçar o panorama do pluralismo cristão no Continente, para estabelecer as tarefas do ecumenismo, distinguindo-o do diálogo inter-religioso e do fenómeno sectário. É igualmente oportuno ter clareza sobre as diversas expressões evangélicas e pentecostais.

Assumir o ecumenismo como um compromisso de todos os membros da Igreja, a fim de superar a distância entre as orientações dos documentos magisteriais e a prática pastoral e evitar reduzi-lo a uma acção de pequenos grupos ou carismas pessoais.

Agradecemos a gentileza do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos que convocou e facilitou este encontro, desejando que seja um sinal de contacto permanente para o apoio e animação da nossa tarefa ecuménica.

É nossa esperança que o ecumenismo seja assumido como uma dimensão essencial da Igreja e não como uma actividade opcional. Assim o irmão Papa João Paulo II: «Acreditar em Cristo significa querer a unidade; querer a unidade significa querer a Igreja; querer a Igreja significa querer a

ANEXO 7

ENTREVISTAS

Questões das entrevistas:

Nome completo.

A que Igreja cristã pertence?

Participa do Movimento Ecumênico do Município de São José dos Campos? Se sim, desde quando?

Para o(a) senhor(a), quais seriam os pontos positivos observados na participação de atividades ecumênicas?

Das atividades ecumênicas realizadas no município, qual(is) delas o(a) faz sentir que há unidade na diversidade?

Em sua opinião, o que dificulta o trabalho do Movimento Ecumênico do Município?

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do Movimento Ecumênico do Município? Se sim, favor citá-lo.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Igreja? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

O que poderia ser feito para melhorar o Movimento Ecumênico do Município?

ENTREVISTA 1

Nome completo.

Padre Sebastião César Barbosa.

A que Igreja cristã pertence?

Igreja Católica Apostólica Romana, Diocese de São José dos Campos.

Participa do Movimento Ecumênico do Município de São José dos Campos? Se sim, desde quando?

Particpei desde o seu início, em 1997, porque em 1996 o Papa João Paulo II escreveu a Carta que convocava todos os católicos para a celebração do Jubileu do Ano 2000. E em resposta à carta do Papa, a CNBB, neste mesmo ano de 1996, no final do primeiro semestre, escreveu o Projeto Rumo ao Novo Milênio (PRNM), que foi então distribuído a todos os padres, a todas as dioceses para se organizar ou reorganizar o trabalho pastoral nas quatro comissões: diálogo, anúncio, testemunho e serviço. E também, é claro, a nossa Diocese quis responder ao apelo do Papa, ao incentivo da CNBB, readaptando-se e fazendo com que todas as pastorais, movimentos e organismos eclesiais estivessem dentro de uma das comissões; em 1997 demos início, então, à Comissão Diocesana do Diálogo na Diocese. O diálogo era dividido entre diálogo ecumênico, diálogo inter-religioso e diálogo com a cultura, ou as culturas, e nós fizemos a opção então por iniciar esse trabalho apenas com o diálogo ecumênico.

Para o(a) senhor(a), quais seriam os pontos positivos observados na participação de atividades ecumênicas?

Em primeiro lugar, a aproximação entre pessoas, o reconhecimento do valor do outro, pessoas que eu digo, aqui, das diferentes Igrejas cristãs. Dentro disso, a quebra de preconceitos antigos e alguns até novos, mas que dificultavam o diálogo entre católicos e evangélicos, no caso das diferentes Igrejas evangélicas, da parte nossa e da parte deles, sobretudo diante daquilo que hoje vivemos que é a questão do mercado religioso, a disputa pelos fiéis, ou até mesmo comércio do sagrado. Então, diferenciar de maneira objetiva, aquelas Igrejas ou pessoas que, com consciência reta, vivem dando o melhor de si, vivem a sua fé, daqueles charlatães dos tempos modernos, sobretudo daqueles que inclusive contavam com o apoio da mídia.

Um segundo aspecto: a acolhida do diferente. O diferente sempre é algo que nos amedronta, que nos faz rever conceitos, o diferente de alguma maneira nos desinstala, e não é fácil, é preciso estar disposto a sair do seu contexto mental e se abrir para o outro. Esse é um aspecto positivo porque isso nos torna mais humanos, nos faz crescer como pessoas. E, além da acolhida do diferente, a percepção do valor do outro, ou, da maneira que o outro encara a fé; no caso aqui, falando de ecumenismo, da maneira como o outro encara a pessoa de Jesus Cristo, ou a maneira como as outras Igrejas celebram a fé em Jesus Cristo, ou também apresentam uma postura ética a partir do Evangelho. E eu diria ainda, um último aspecto positivo, acaba sendo, até mesmo nesse contato com o outro, com o diferente, na percepção do valor do outro, o fortalecimento da própria identidade de fé. Inclusive, eu costumava dizer que, para fazer parte da equipe ecumênica de uma paróquia, a pessoa precisaria estar muito bem integrada na religião, ter uma clara (!) identidade católica, para depois poder dialogar. Uma pessoa que não tem uma identidade de fé, ou que esteja confusa com relação à sua fé, ela não tem a mínima capacidade ou possibilidade de dialogar e de dar-se a conhecer, e de dar a conhecer a pessoas de outras Igrejas o que a sua Igreja é, no que a sua Igreja crê, como a sua Igreja celebra. Então, inclusive, no contato ecumênico, a gente acaba celebrando (é claro que, numa abertura maior, livre de preconceitos, vendo o valor do outro), a gente acaba se firmando na própria identidade de fé católica.

Das atividades ecumênicas realizadas no município, qual(is) delas o(a) faz sentir que há unidade na diversidade?

Começamos em 1997, foi o primeiro ano do PRNM, depois de estruturado, nós começamos de maneira muito simples, com a troca de cartões por ocasião da Páscoa, de saudação por ocasião do Natal, do Ano Novo. Eu, inclusive, sugeria aos meus colegas sacerdotes, que a sua comissão fizesse isso e o próprio padre assinasse [cartas e cartões] e depois tentasse algum encontro de confraternização, de conhecimento, um momento assim descontraído pra “quebrar gelo” mesmo.

Porque nada se começa enquanto a desconfiança é total. Nada de positivo se constrói. Mas eu me lembro, com muito carinho, que nós tivemos projetos audazes naquele período [1999-2001] em preparação à Campanha da Fraternidade Ecumênica que seria celebrada em 2000. Aliás, a primeira Campanha da Fraternidade, da CNBB, aberta às outras Igrejas e celebrada com as outras Igrejas cristãs. O primeiro que tivemos foi o 1º Encontro de Lideranças das Igrejas Cristãs de São José dos Campos e cidades circunvizinhas. Então, em maio, no ano de 1999, nós conseguimos realizar aqui na região do Vale do Paraíba – e foi a única diocese que celebrou esse acontecimento – o lançamento da Cartilha Ecumênica “Diversidade e Comunhão”, escrita de maneira ecumênica pelo CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs) e nós fizemos um grande lançamento dessa Cartilha, fazendo com que ela chegasse, inclusive, às escolas, atingisse os professores e fosse espalhada por todo lugar mesmo para favorecer este espírito ecumênico.

Nós, no final do Encontro das Lideranças Cristãs, realizamos então, o lançamento da Cartilha Ecumênica; e tivemos aí a presença da Igreja Luterana do Brasil, da Igreja Presbiteriana Unida, da Assembléia de Deus, da Igreja do Evangelho Quadrangular, da Igreja Metodista, da Igreja Anglicana, da Igreja Apostólica Ministério Comunidade Cristã; tivemos a presença também do Padre José Bison, que é o Coordenador do Ecumenismo – CNBB – Regional Sul I, e em comunhão com a diocese de São José dos Campos celebramos o lançamento da Cartilha.

Depois, no ano 2000, tivemos, é claro, a grande abertura da Campanha da Fraternidade Ecumênica, que teve a presença e a participação dessas mesmas Igrejas, já citadas e envolvidas no processo no ano de 1999, por causa do lançamento da Cartilha Ecumênica.

Ainda no ano 2000, tivemos uma Via-Sacra da Campanha da Fraternidade Ecumênica, numa região um pouco mais delimitada da cidade, na Paróquia de Sant’Ana juntamente com algumas paróquias da Região Pastoral II – onde essa paróquia se encontra. E nessa Via-Sacra tivemos a presença do Pastor Ervino, que era então o secretário do CONIC. Tivemos ainda a presença do Pastor Ernane – ambos da Igreja Luterana –, e do Pastor Tércio da Igreja Presbiteriana Unida. [pausa] Entre outras personalidades, também tivemos a presença do Reverendo Luis Caetano Grecco, da Igreja Anglicana, representando o CLAI (Conselho Latino-Americano de Igrejas), da qual a Igreja católica não faz parte, mas tão somente as Igrejas evangélicas, o que corresponderia ao CONIC. Então, fizemos essa celebração na Praça da Igreja [católica], com a participação de muitos fiéis e num clima de muita alegria.

E uma quarta ocasião celebrativa de grande alegria, foi pela ocasião da declaração conjunta católico-romana e evangélica-luterana, a respeito da Doutrina da Justificação por Graça e Fé. E, nós católicos, estivemos na Igreja Evangélica Luterana do Brasil com o Pastor Ernane, e católicos e luteranos celebramos um culto de Ação de Graças por essa declaração conjunta que pôs fim a discussões teológicas de pelo menos uns quinhentos anos atrás e o que, de fato, separou luteranos e católicos por ocasião da Reforma Protestante. Então, foram essas as nossas conquistas e as nossas grandes celebrações no período [1999-2001].

Em sua opinião, o que dificulta o trabalho do Movimento Ecumênico do Município? Formação Teológica [categórico].

Formação teológica dos padres no que se refere ao ecumenismo.

Agora, eu gostaria de deixar claro que, de alguma maneira, isso foi corrigido, mas é um processo lento, na atual formação dos seminaristas-teólogos. Por quê? A Santa Sé, Roma, exigiu, se não me engano 1998-1999 em diante, que no curso de Teologia houvesse a disciplina “Ecumenismo”. E aqui para nós que nos formamos no Vale do Paraíba, no “Conventinho” da Congregação Sagrado Coração de Jesus, sabemos, agora, que os nossos seminaristas-teólogos já têm essa disciplina. Porque foi uma exigência, uma obrigação da Santa Sé. Mas os padres ordenados de 1998 para trás, inclusive eu, todos nós temos essa lacuna na formação; inclusive

porque o ecumenismo não era assim levado tão a sério e de obrigatoriedade no currículo teológico de um sacerdote.

Mas também poderia dizer: falta formação teológica dos pastores. E sobretudo dos pastores que não pertencem às Igrejas históricas. Então, a questão está justamente na formação da liderança; se é católico: os sacerdotes; se é evangélico: os pastores.

Ainda falando em questão de formação – agora olhando para as nossas lideranças –, os leigos mais ativos na pastoral, com relação aos católicos, e os líderes das diversas Igrejas evangélicas: falta para os nossos leigos católicos e evangélicos formação ecumênica. E poderia dizer ainda das dificuldades: existe uma dificuldade em se manter um justo equilíbrio entre identidade de fé/confissão religiosa e diálogo. Existe muito medo, muito preconceito, de ambas as partes.

Ainda uma outra dificuldade é que o Movimento Ecumênico permanece restrito a um reduzido círculo de Igrejas: a Igreja Católica Romana, a partir do Concílio Vaticano II e de modo especial depois do apelo do Papa, inclusive da Encíclica *Ut Unum Sint* (Que Todos Sejam Um) em que ele é muito claro nas diretrizes que dá à Igreja católica no mundo inteiro sobre a questão ecumênica, mas ainda permanece um círculo restrito: é a Igreja católica e algumas Igrejas evangélicas históricas, com alguma iniciativa pessoal por parte dos pentecostais ou neopentecostais como já foi visto no trabalho da Maria Inêz [pesquisadora].

Então, o que a gente pode dizer que dificulta o trabalho ecumênico é que há pouca, ou quase nenhuma, repercussão entre as outras Igrejas, sobretudo pentecostais e neopentecostais.

Uma outra dificuldade, é com relação à participação dos pastores, muitos deles têm a sua participação ecumênica, mas em nome próprio e por convicções pessoais, mas o seu rebanho não está incluído. Nós sentimos muito isso durante todo esse período de preparação para a primeira Campanha da Fraternidade Ecumênica, do ano 2000, com as inúmeras celebrações ecumênicas inclusive nas escolas, formaturas ou em outras situações que nos apresentavam a própria sociedade e, muitas vezes, eram os católicos reunidos com alguns sacerdotes, inclusive o Bispo que nos apoiou muito, na época D. Nelson Westrupp, e alguns pastores que vinham, tinham acesso à palavra mas participavam em nome próprio e por convicções pessoais, mas seu rebanho não estava ali presente.

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do Movimento Ecumênico do Município? Se sim, favor citá-lo.

Nós tivemos tentativas. Podemos dizer que, oficialmente, não. Não existe no momento nenhum trabalho social levado de maneira ecumênica aqui em São José dos Campos e Região. Mas nós tivemos tentativas, tivemos celebrações ecumênicas, inclusive num assentamento de terra aqui na cidade, na zona norte, na Fazenda Santa Rita; e a celebração da conquista da terra foi algo que repercutiu muito bem na sociedade de São José dos Campos, inclusive pela mídia; e foi celebrada de maneira ecumênica.

Uma outra questão é a participação de diferentes Igrejas cristãs no Conselho Tutelar do município; temos aí a participação da Igreja católica, da Igreja Metodista e num convívio e num trabalho comum muito bonito. Mas, a partir das Igrejas, infelizmente, ainda, no momento, nós não chegamos a concretizar nada.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Igreja? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

Com relação à Igreja católica, nós tivemos uma abertura muito grande por parte de muitos líderes católicos, gente de formação; mas, ainda, a gente percebe, “no grosso”, na maioria, o mesmo problema da formação; ou então aquela dificuldade, um justo equilíbrio entre identidade de fé e diálogo.

Uma outra dificuldade que temos é o uso do termo “ecumenismo” feito de maneira arbitrária. Por exemplo, chamando de “ecumênico” – adjetivo – ou mesmo de “ecumenismo” – substantivo – aquilo que se refere ao diálogo inter-religioso. Inclusive da parte dos evangélicos, há uma dificuldade muito grande de se lidar com a religião afro-brasileira ou o espiritismo e outras. E por exemplo o uso que o espiritismo faz do termo “ecumenismo”, mas não da maneira que nós compreendemos ecumenismo, feito entre batizados, entre pessoas que seguem Jesus Cristo e estão batizados em nome da Trindade e são membros de alguma Igreja cristã. Haja vista aqui no

Brasil, por exemplo, “aquele” Paiva Neto, da Legião da Boa Vontade, que tem o seu grupo com o título de igreja ecumênica; isso causa muita confusão, trás inclusive algumas reticências e medo por parte dos evangélicos.

O que poderia ser feito para melhorar o Movimento Ecumênico do Município?

Bem, eu só posso falar daqueles anos em que estive à frente do Movimento Ecumênico, chegando até a celebração do ano 2000. Em 2001, então, eu deixei a Coordenação Diocesana. Atualmente, está à frente o Padre Eduardo Fraga – que até seria interessante ser entrevistado –, porque depois de 2002 ele seguiu adiante com o trabalho.

Mas o que eu gostaria de dizer é, em primeiro lugar, manter o entusiasmo inicial da Comissão Diocesana nas seis Regiões Pastorais da nossa Diocese. Ou seja, uma formação contínua da liderança, inclusive estudando os documentos ecumênicos da Igreja católica na nossa Diocese e com as outras comissões. Porque se percebe que cada comissão ficou fechada, restrita ao seu trabalho e não se abriu às outras; essa é uma grande dificuldade. Então é questão de formação permanente, contínua, manter esse entusiasmo inicial.

Uma segunda sugestão seria de manter o contato com as Igrejas afins. Aquelas Igrejas com as quais a gente já se irmanou, com as quais a gente já “quebrou o gelo”, com as quais a gente já celebrou juntos, já orou juntos, já celebrou conquistas, manter acesa essa amizade. Mesmo porque nós tivemos a transferência de muitos líderes das Igrejas Luterana, Metodista, Presbiteriana Unida, na cidade e na região; e isso fez com que se arrefecesse um pouco o entusiasmo inicial, mas é preciso a partir das conquistas obtidas manter o contato.

E uma terceira sugestão seria a de que, agora em 2005, nós temos de novo a chance de celebrar de maneira ecumênica a Campanha da Fraternidade. Será a segunda Campanha da Fraternidade Ecumênica, celebrada de forma ecumênica. E eu quero crer que seja uma ocasião propícia pra se retomar a caminhada, se retomar o início, o entusiasmo inicial. São as minhas sugestões.

Mas, eu deixo aqui, então, uma quarta sugestão, a entrevista com o Padre Eduardo Fraga, que no momento leva adiante o trabalho ecumênico, e ele então tem melhores condições de poder responder aqui a essa pergunta.

ENTREVISTA 2

Nome completo.

Leandro Mascarenhas de Andrade.

A que Igreja cristã pertence?

Igreja Metodista do Brasil.

Participa do Movimento Ecumênico do Município de São José dos Campos? Se sim, desde quando?

Sim, desde 1995.

Para o(a) senhor(a), quais seriam os pontos positivos observados na participação de atividades ecumênicas?

Olha, o principal ponto positivo que nós observamos é a queda de barreiras, ou seja, as pessoas começam a ver que são mais parecidas do que diferentes e começam a respeitar as diferenças e encontrar nas diferenças virtudes também.

Das atividades ecumênicas realizadas no município, qual(is) delas o(a) faz sentir que há unidade na diversidade?

A Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos tem se mostrado, realmente, um evento na cidade no qual os cristãos têm demonstrado a busca da unidade, a busca da tolerância, a busca de querer cultivar, celebrar a vida e cultivar a Deus de uma maneira única, em unidade, espírito, buscando avançar para águas mais profundas no que tange o diálogo.

Em sua opinião, o que dificulta o trabalho do Movimento Ecumênico do Município?

Bom, realmente são vários os anteparos que ainda precisamos sobrepor. Um deles é exatamente a falta de elucidação quanto ao termo ecumenismo. Muitos evangélicos, principalmente, têm uma resistência muito grande à denominação “ecumenismo”, denominação essa que para muitos evangélicos representa uma uniformização, representa uma volta para a Igreja de Roma, alguns mais escatológicos vão dizer que já é uma emboscada do próprio anticristo. Ou seja, aí vai, existem várias fantasias e vários estereótipos realmente com relação ao termo ecumenismo. Eu acredito que exatamente reside aí: o próprio termo ecumenismo uma barreira.

Outra barreira seria a falta de conhecimento da mística desse ministério da unidade cristã. E à medida que nós nos encontramos, que nós nos aproximamos para cultivar a Deus, juntos, respeitando as nossas diferenças, nós sentimos uma presença bem assim, singela e gostosa e serena do Espírito Santo; e nós podemos presenciar o amor de uma maneira bem sublime e essa presença santa nos faz realmente desvencilhar, deixar passar todo o medo, deixar ficar para trás toda a confusão. E aí nós começamos a ver que ecumenismo se trata de um novo Pentecostes, porque nós conseguimos nos entender mais e aí vão caindo as barreiras. Então eu acho que é importante essa dimensão ecumênica, à medida que nós vamos nos encontrando, as barreiras vão caindo e realmente as pessoas vão se entendendo melhor.

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do Movimento Ecumênico do Município? Se sim, favor citá-lo.

Olha, pelo que eu conheço o trabalho social ainda não existe. Existem alguns programas sociais do próprio poder público, do próprio município, no qual algumas Igrejas participam como parceiras, como por exemplo a Igreja Fonte de Vida, aqui de São José dos Campos, participa junto da Prefeitura, do COMAS; e eu sei que alguns organismos da Igreja católica também participam desse COMAS, não sei muito bem qual o significado da sigla, mas é uma parceira entre a Igreja Fonte de Vida e, direta/indiretamente, a Igreja católica também participa dessa ação social. Mas é a única que eu conheço e realmente é muito tímida a ação social ecumênica em nosso município.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Igreja? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

Tradicionalmente, historicamente, tem havido em São José dos Campos somente a participação dos dirigentes e das pessoas designadas para a área do diálogo, da comissão do diálogo, do departamento sócio-religioso, no caso da Igreja Metodista. Mas, excepcionalmente nesta última Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, nós tivemos uma representatividade maior nesse evento, contamos com uma cerca de 20 pessoas, 20 membros da Igreja que participaram assiduamente nesse encontro.

O que poderia ser feito para melhorar o Movimento Ecumênico do Município?

Olha, realmente é um desafio. O que poderia ser feito pra melhorar? Eu acho que talvez da própria mídia, das rádios, da televisão, do jornal, mensagens conjuntas, ou seja, pastores e padres falando da paz de uma maneira conjunta, com um discurso único contra a violência, um discurso único em favor de uma ação, de uma mobilização social, um discurso único pró-solidariedade, um discurso único em favor dos que estão excluídos, um discurso único que seja aparecer na televisão padres e pastores falando da importância de estarmos unidos no âmbito social. Eu acho que já seria assim um fator importantíssimo para alavancar esse movimento tão importante que é o Movimento Ecumênico do Município. Então, algumas medidas já têm sido tomadas nesse sentido. Recentemente eu participei de um programa de rádio com o Padre Eduardo Fraga, que é o coordenador do diálogo ecumênico aqui da diocese católica e também é o representante do MOFIC no Vale do Paraíba, é o coordenador juntamente comigo e nós pudemos falar sobre a Campanha da Fraternidade, que será ecumênica no ano de 2005, falamos também da importância do diálogo, falamos da importância de respeitar as diferenças, buscar a unidade, ou seja, causou um impacto muito positivo; pessoas manifestaram-se após essa entrevista na rádio, positivamente falando da importância de um padre e um diácono protestante estarem falando do amor, da tolerância, da unidade, da solidariedade, da ação social, da mobilização em prol dos excluídos, ou seja, eu acho que é assim que nós vamos conseguir melhorar o movimento ecumênico, através da ação social.

E aqui eu gostaria de “negritar”, “sublinhar” e aumentar a fonte, por que a mobilização social que é o caminho para alavancar esse ministério da unidade cristã. Porque, eu gostaria até de consolidar um pouquinho mais, no próprio livro de Atos nós encontramos uma igreja que recebe o dom do Espírito Santo, uma epifania, uma manifestação do auto-se-dar, os discípulos encontram o poder de Deus, experimentam o poder de Deus e em seguida eles não ficam parados, estagnados, eles vão para a ação, tanto missionária quanto a ação social, dividem aquilo que eles têm, vendem aquilo que eles têm, partilham; partilha é uma palavra importantíssima quando nós falamos de ecumenismo. Então nós podemos assim já dimensionar ecumenismo como sendo uma via na qual o Deus da História, talvez esteja nos mobilizando, nos levando para uma justiça social, para uma equidade, para a busca do Reino de Deus, a historificação do Reino de Deus na terra.

ENTREVISTA 3

Nome completo.

Ana Lúcia Pereira Junho Gama.

A que Igreja cristã pertence?

Igreja Católica Apostólica Romana.

Participa do Movimento Ecumênico do Município de São José dos Campos? Se sim, desde quando?

Sim, desde 1999.

Para o(a) senhor(a), quais seriam os pontos positivos observados na participação de atividades ecumênicas?

Pontos positivos? Eu acho que é assim: um maior conhecimento entre as Igrejas, porque, até então, ficávamos fechados em nossa própria Igreja e não sabíamos o que acontecia nas outras Igrejas. E hoje eu sei como é um culto na Igreja Metodista, na Igreja Luterana... Até então, eu nunca tinha participado de nada. Então foi esse movimento que possibilitou essa saída de dentro da nossa Igreja.

Das atividades ecumênicas realizadas no município, qual(is) delas o(a) faz sentir que há unidade na diversidade?

Eu acho que é do lado social, pelo menos no município de Jacareí, quando a gente faz um ato, como o dia de combate à AIDS, a participação é maior. Então, do lado social, eu acredito que a gente, as Igrejas, tenham maior participação.

Em sua opinião, o que dificulta o trabalho do Movimento Ecumênico do Município?

Olha, eu acho que é assim: nós temos muitas atividades, mas, de repente, fica só limitado àquele período de tempo no ano, por exemplo, a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. Então há aquela movimentação e, de repente, a coisa esfria. Então, aqui em Jacareí, eu tento manter um contato, tenho contato com as outras Igrejas. Até sou convidada para algum evento ou alguma coisa que acontece nessas Igrejas, nas outras Igrejas e não na minha; mas, aqui, eu acho que a dificuldade é essa: de só ter momentos fortes e de repente esfria. Então não é um pessoal persistente o ano todo.

Então a dificuldade é essa falta de constantemente estarem juntos?

Sim, são épocas especiais só.

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do Movimento Ecumênico do Município? Se sim, favor citá-lo.

Aqui em Jacareí não. Em comum não. Já tivemos almoço e projetos, mas nada concretizado.

E em São José dos Campos, você tem alguma informação?

Não, não tenho.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Igreja? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

Da Igreja Católica tem participação da paróquia; da Igreja Católica tem, tanto dos dirigentes quanto dos que chamamos de leigos, maior participação do que nas outras Igrejas. Nas outras Igrejas, somente os dirigentes. E a explicação que a gente tem é que eles [os dirigentes ou pastores] representam a Igreja como um todo. Então, eu acho que a participação da Igreja Católica é maior.

Essa é uma opinião sua?

Não, em conversa com o pastor foi essa a resposta que eu tive: que ele representa a comunidade toda; então não precisa vir a comunidade toda. E a nossa Igreja também o padre representa, só que a gente também acompanha, há uma participação maior.

O que poderia ser feito para melhorar o Movimento Ecumênico do Município?

Eu acho que o trabalho social em comum, justamente, é o que está faltando. Por que a oração em comum eu acho que, durante o ano, mesmo na Semana de Oração, que crie a partir dali algum trabalho social a partir da oração, um trabalho em conjunto, porque eu acho que tem condições. E agora, com a Campanha [da Fraternidade Ecumênica] de 2005 “Solidariedade e Paz”, aqui pelo menos no município, a gente está pensando em abrir, por exemplo, a Pastoral da Criança, que já é um trabalho ecumênico mas que não é conhecido como ecumênico, parece que é só da Igreja católica, mas não é, entendeu? A Igreja católica leva a Pastoral da Criança em diversas Igrejas, mas, às vezes, as outras Igrejas não trazem as crianças por acontecer no recinto católico, num local católico. Então, aqui em Jacareí, a gente está pensando em colocar na obra social, apesar de ser Obra Social Nossa Senhora do Carmo (deveria ser outro nome até) para poder estar trazendo as crianças de outras Igrejas que a gente sabe que precisam de um acompanhamento, mas, que às vezes bloqueia. Então, tem outras pastorais sociais de nossa Igreja e quem sabe da Igreja deles. Na Igreja do Evangelho Quadrangular tem o Desafio Jovem, sabe, que é muito bom! O nosso Cáritas, quem sabe, não pode abrir às outras Igrejas.

Aí eu acredito que trabalhando no lado social a gente conhece melhor o outro. Trabalhar junto. Eu vejo isso pelo meu trabalho particular, do serviço; eu trabalho com oito Igrejas diferentes e damos conta do mesmo serviço, cada um fazendo uma parte e na hora de nossas orações cada um vai para sua Igreja. Então, saindo dali todos nós vamos rezar em lugares diferentes para o mesmo Deus [risos], nunca num lugar único.

Você está falando de algo que acontece dentro de sua Igreja ou do seu emprego?

Dentro do meu emprego.

Você convive com pessoas de outras Igrejas.

Sim, num escritório que tem 13 pessoas, dessas 13 pessoas, 8 pertencem a Igrejas diferentes. Quando chega o final de semana fica dividido, por exemplo: aonde você vai? Ah, eu vou à Igreja do Evangelho Quadrangular, outras dizem que foram à Igreja católica, outros ainda na Assembléia de Deus; e a gente se dá muito bem, mas na hora de rezar cada um vai para uma Igreja rezar para o mesmo Deus.

Então você acha que o trabalho em comum favoreceria nesse sentido?

Sim, porque a gente convive bem, a troca de experiência: falando da minha Igreja, outros falando da outra Igreja. Então a gente fala: nossa que coisa boa que vocês estão fazendo! Não sei se por ser um grupo maduro, de adultos, a gente vê um trabalho bonito dentro da Assembléia de Deus, dentro da Metodista, daqui de Jacareí, que trabalha lá com a favela Mississipi. Então a gente vê um tanto de coisa bonita acontecendo e sem saber. Mas lá dentro do serviço [escritório] a gente conversa sobre isso. É só na hora de rezar mesmo que cada um vai para o seu lado.

ENTREVISTA 4

Nome completo.

Sebastião Bertolino Filho.

A que Igreja cristã pertence?

Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Estou ligado diretamente, como pastor, ao ministério Nova Esperança, que é uma missão que trabalha com crianças, adolescentes e jovens.

Participa do Movimento Ecumênico do Município de São José dos Campos? Se sim, desde quando?

Sim. De forma indireta tenho participado do Movimento Ecumênico de São José dos Campos. Há cerca de uns cinco ou seis anos, pra mais, venho participando de reuniões ecumênicas, de um grupo do Vale do Paraíba e também participo de atividades ligadas a vários movimentos: Semanas do Diálogo e outras celebrações que acontecem eu tenho participado ultimamente.

Para o(a) senhor(a), quais seriam os pontos positivos observados na participação de atividades ecumênicas?

Na minha observação, os pontos positivos são: a perda do medo do outro, acredito que isso é muito positivo, considerando que estamos tentando trabalhar pela e para a paz. Então [para] o medo do outro, do vizinho que está do lado, da Igreja que está do lado, isso [trabalhar a questão da paz] ajuda muito.

Um outro ponto positivo, na minha observação, é que aumenta a questão da santidade. Eu não preciso “ser santo” apenas para a minha comunidade; na medida em que eu avanço no contato ecumênico eu também tenho que buscar a santidade e ser também exemplo, ser também luz para o meu irmão de outras denominações. Eu acredito que aí há um grande temor das pessoas porque aumenta a nossa responsabilidade.

Um outro ponto positivo é que nós voltamos a nos envolver com a mesa, que sumiu das comunidades, tiraram a mesa e as pessoas já não dialogam mais. Nossos encontros, nossas celebrações, a mesa tem ocupado um lugar importante, que é o espaço de diálogo, de observações, considerações e grande progresso entre as pessoas.

Um outro ponto positivo é o respeito que nasce para com as tradições, as pessoas começam a respeitar o outro nas suas tradições, ao invés de criticar, achar aquilo uma coisa esdrúxula, a fazer “piadinhas”, as pessoas começam então a ver, a perceber que a presença de Deus não está ligada única e exclusivamente à sua Igreja, à sua comunidade, Deus está aberto contemplando a todos e a todas as pessoas. Obviamente que, estando nas suas comunidades, cada um tem a sua percepção, com seu Deus; mas quando há um contato com o outro, então isso vai sendo derrubado, essas barreiras vão sendo derrubadas.

Uma outra questão também que eu acho importante, é o exemplo para os filhos, para as filhas, para a comunidade mais jovem. Nós, os adultos, os líderes e as líderes de comunidade passam a dar o exemplo prático, efetivo de que realmente devemos amar uns aos outros como a nós mesmos, e de que Jesus Cristo nos quer unidos. Colocando isso para os jovens, para as crianças, cresce o amor por Jesus e o respeito à sua Palavra, eu penso assim. Na minha observação são esses os pontos positivos (alguns deles).

Das atividades ecumênicas realizadas no município, qual(is) delas o(a) faz sentir que há unidade na diversidade?

Um exemplo bastante interessante ocorreu aqui há um mês e meio atrás [nov/2004]. Eu estava no funeral de um amigo. Estava lá o Diácono Misael da Igreja católica e quando ele nos viu, nos abraçamos; embora não possamos estar sempre juntos, em decorrência dos trabalhos e de outras atividades, apesar de morarmos na mesma cidade. Ele me perguntou: *O senhor vai ficar até o final? Vai acompanhar o enterro até o final?* Eu disse: Sim. Aí ele me falou: *Então vamos celebrar juntos?* Não houve preparação, não houve convite para vir na casa dele para prepararmos juntos a celebração etc., simplesmente ele confiou no “irmão” que estava ali

participando. Aí está um exemplo claro da unidade, não é preciso ficar policiando o que o outro ou o que a outra vai falar, muito embora eu concorde que deve haver um preparo, deve haver uma conversa prévia, mas estou dando um exemplo prático do que eu senti de unidade. E também na posse do novo prefeito [de Pindamonhangaba], na bênção que foi dada no prédio público aqui da Prefeitura, eu estava lá, como um dos membros do governo, e ele [Diácono Misael] imediatamente me convidou também para participar. Então, são situações interessantes que aconteceram no Município. Uma outra situação que aconteceu também, há um pouco mais de um mês, foi num café da manhã que tomamos com vários irmãos [de diversas denominações], e muitos deles eu nunca tinha visto aqui na cidade, eles me conheciam mas eu não os conhecia. E tomamos um café e confiaram a mim a ministração da palavra, embora estivesse presente o Diácono Francisco também [da Igreja Assembléia de Deus]. Isso eu reflito como fator importante dessa unidade e de um exemplo prático do que aconteceu.

Em sua opinião, o que dificulta o trabalho do Movimento Ecumênico do Município?

Eu acredito que o primeiro fator [que dificulta] é o entendimento da Palavra, a hermenêutica que é utilizada, a forma de interpretar, é muito voltada para si mesmo; as pessoas acabam se afastando do outro. E o segundo fator, é a questão do poder. Parece que muitas lideranças sentem, ou pensam, que vão perder o poder quando estão abrindo suas Igrejas ou comunidades para outros irmãos, outras irmãs. Então isso fica muito evidente. Uma outra questão também, assim já um pouco mais particular, com relação ao movimento pentecostal, é o grande número de pequenas Igrejas, e dá-se a elas um nome de ministério. Cada ministério tem seu líder-presidente, então me parece que a nomenclatura “presidente” dá um “entravamento” na relação com o outro. Quando se convida para participar de um evento, eles dizem que não podem ir. Por serem Igrejas pequenas acabam não indo. Às vezes até têm disponibilidade de tempo, mas, por uma questão de vaidade, não permitem que outros participem também. Então, particularmente, no movimento pentecostal eu observo esta questão.

Outra questão dificultadora também é por parte de algumas pessoas, também da Igreja católica que não entenderam bem esta questão de ecumenismo e acabam achando que não vale a pena investir nessa relação com o outro. E ficam ali na sua posição, distanciados, e como o município não é muito grande, quando o pastor, quando o líder não incentiva, as ovelhas tendem a seguir o seu pastor. Isso é um dos fatores dificultadores.

E, também, muitas Igrejas nossas, inclusive históricas, não querem participar desse processo. Algumas delas estão incluídas entre as Igrejas ecumênicas, mas, na prática, não querem estar participando efetivamente. Então volta aquilo que eu acabei de falar: o líder não estando à frente dificulta a presença dos seus membros.

Em que sentido haveria perda de poder ?

De uma forma prática, e talvez até um pouco simplista, mas essa “guerra” que aconteceu entre a Igreja Católica e Igreja Protestante, principalmente no Vale do Paraíba, um lugar muito tradicional, me parece, salvo melhor avaliação, que as pessoas têm uma sensação de que se padres estiverem em suas reuniões [dos pastores] ou pastor estiver na reunião do padre, tudo aquilo que eles “lutaram” para deixar claro que não pertenciam mais à Igreja católica parece que cai no vazio. Então, a sensação que me dá é que eles vão dizer: *Ah! O pastor está lá com o padre! Então aquele que já estava meio balançado pode voltar.* O que na minha avaliação é uma bobagem, isso não funciona, porque cada pastor tem que centrar o coração do cristão, do seu membro em Cristo, no caminho, na verdade e na vida, e não nele próprio. Mas as pessoas, me parece, pensam assim, então ficam evitando. Às vezes, têm aquele sorriso amigo, que serve só para encontros cordiais, mas quando voltam para suas denominações, fecham e falam: *Não, nós estamos tentando convertê-los, é por isso que eu tive que estar lá; não convidei vocês porque eu acho que não era o momento e tal. E foi bom? Foi bom, acho que eles ficaram bastante tocados e talvez algum dia eles venham para cá, se convertem.*

E do outro lado é a mesma coisa! Por exemplo: *Acho que eles estão balançados; sentem saudade da nossa Igreja. E olha, quando nós tocamos alguma coisa, quem sabe eles estejam por aí.* E isso não funciona. Porque na minha rua (eu moro na rua São Domingos Sávio, no bairro de Sant’Ana, ao lado da minha casa mora um padre, a uns duzentos metros tem um outro

frei, no fundo moram uns parentes de um bispo que hoje está em Mato Grosso, a convivência com os irmãos e as irmãs [Educandário São Vicente de Paulo] que convidam para as novenas, que, infelizmente, convidaram este ano e não pude participar do Advento, mas eu irei com a maior tranqüilidade, não tenho nenhum temor). Não sou nenhuma pessoa especial, eu simplesmente acredito na Palavra; acredito que o caminho é Jesus, não eu Sebastião, não é o líder da Igreja. Não quero com isso estabelecer um julgamento pra todos, talvez nem seja julgamento, mas uma observação. Dá a impressão de que eles pensam que são eles o Caminho, esquecem que o verdadeiro Caminho é Cristo, a Verdade, a Vida, o próprio Cristo. Então isso, a questão do poder, fica bastante evidente aí.

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do Movimento Ecumênico do Município? Se sim, favor citá-lo.

Olha, tem havido alguns trabalhos. Semana da Pátria e algumas outras semanas, as pessoas se reúnem, vai lá um padre etc. Alguns eventos como formaturas também tem havido esse conagraçamento, essa união das pessoas. E o que já é, de certa forma, um relativo avanço, mas é preciso mais.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Igreja? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

Sim, nós temos participado, embora a comunidade com a qual eu estou trabalhando, ela não é grande, mas nós temos participado muito ativamente nos encontros ecumênicos, porque a maioria são membros jovens de 19, 20, 20 e poucos anos, mas tem havido participação efetiva, na maioria dos movimentos que podemos participar.

O que poderia ser feito para melhorar o Movimento Ecumênico do Município?

Eu acredito que nós devemos começar pela mesa. A mesa chama, une. Eu acho que café, pequenos papos, lanche etc., e também uma colocação clara do que nós queremos; para não ficarmos ali somente entre sorrisos amarelos e batidas cordiais nas costas. Devemos deixar claro que: *Olha irmão, não estou interessado na sua clientela*, isso deve ficar claro, *estou interessado no caminho*. E escolhermos um assunto, um motivo, uma motivação para as cidades, verificar qual é o problema que nos afeta, nos unir em torno desse problema; ter uma motivação especial. Porque ficam muitas vezes ali conversando, falam de vários assuntos mas ninguém assume muita coisa.

As ações sociais, acho que é um caminho. As ações sociais, juntos, tentarem minimizar o drama do idoso, o drama da criança, o drama do aidético, das crianças que trabalham em condições complicadas, que ferem o Estatuto [da Criança e do Adolescente], dos adolescentes que também não são respeitados. São idéias que vêm pela minha mente, busco trabalhar dessa forma. Eu acho que facilitaria se as Igrejas que são ligadas ao movimento ecumênico escolhessem um motivo para estarem trabalhando e pautando seus encontros. É claro que no Vale do Paraíba nós temos tido vários encontros com temas específicos, mas eu percebo que ainda há uma resistência quando se fala em trabalharmos juntos: metodistas, assembleianos, batistas, enfim, em prol de um assunto, de uma causa, uma causa concreta mesmo. Então acredito que se isso fosse feito facilitaria, em muito, a compreensão, perderíamos o medo, o temor do outro ao percebermos (parece tão óbvio) que a dor é de todos quando se fala. Mas quando vai para a prática, parece que um sente mais dor do que o outro e o outro fica no seu canto ouvindo: *Ah! Se ele tivesse o Jesus que eu tenho ele não sofreria assim. Tá vendo gente!* E isso vai afastando as pessoas. Então a ação social, o trabalho prático, na minha visão, melhoraria muito isso.

ENTREVISTA 5

Nome completo.

Ismael de Oliveira.

A que Igreja cristã pertence?

Atualmente eu pertenço à Igreja Batista do Povo; em última instância eu pertenço a Jesus Cristo, mas eu estou colaborando e sou membro desta Igreja.

Participa do Movimento Ecumênico do Município de São José dos Campos? Se sim, desde quando?

Já participei por um bom tempo.

O senhor poderia justificar o porquê de não participar mais?

São “n” razões. Pra gente tomar uma decisão tão importante como essa [de não participar], porque eu acho que o movimento ecumênico é muito importante, não só na relação de pastores e padres, mas na relação humana, tanto entre protestantes como católicos, ou outros credos, a relação ecumênica é fundamental. Então, deixar de participar do movimento católico-protestante tem muitas justificativas, não é um motivo só.

Um dos motivos é porque eu sou uma pessoa muito ocupada, mas esse não é o motivo principal. O motivo principal, para encurtar a conversa e aproveitar tempo, é que eu percebi que a Igreja Católica Apostólica Romana, ainda que tenha se manifestado favorável ao ecumenismo e lute por isto, ela não abre mão das suas doutrinas básicas; e as doutrinas católicas tomam como base a tradição. A tradição católica tem o mesmo peso que a revelação e as tradições não têm base bíblica. Então, essa é uma questão fundamental porque eu deixei de participar. Há muitas outras questões como pressão de pessoas, que são absolutamente contrárias. Mas a gente que tem uma certa maturidade já – eu tenho 72 anos – tenho formação universitária, vários cursos universitários, pós-graduação, especialização etc.; a gente tem uma cabeça, não penso com a cabeça dos outros, penso com a minha cabeça; então, a razão fundamental é esta e foi até com dor no coração que deixei de aceitar convites. Já preguei em quase todas as Igrejas católicas [paróquias] de São José dos Campos e tive, na nossa casa, padres partilhando da mesa conosco: Padre Sebastião [César Barbosa], Padre Alcides e se tornaram amigos nossos, e tenho várias outras amizades com padres, pessoas excelentes com as quais eu tive comunhão. Padre Sebastião até brincou conosco, num retiro de pastores, descendo de um tobogã, subindo e descendo várias vezes [risos]; e eu o amo muito. Então como pessoa é excelente! Então a dificuldade fundamental é essa. E as outras são razões diversas.

Para o(a) senhor(a), quais seriam os pontos positivos observados na participação de atividades ecumênicas?

Muitos. Eu poderia enumerar bastante; não fiz uma relação prévia, mas o que posso me lembrar, que está bem firme em minha mente, na minha vida, no meu coração é o fato de que estar junto com o outro enriquece, esse é um fator de enriquecimento, mesmo fora de qualquer relação eclesiástica ecumênica, estar junto com o outro enriquece, porque o outro é uma vida, é uma cultura, uma formação diferente; então ouvir o outro é uma delícia. Ouvir alguém que adora Deus, segue a Jesus Cristo, tem como ponto básico na fé o mesmo Deus da gente, evidentemente que esse é um fator comum, mas ele é pessoa diferente, então ele tem experiências diferentes; isso é super enriquecedor, edificante, oportunidade de fazer amizade porque se encontra, ouve, conversa, come junto, bebe junto um refrigerante, uma água, bate papo; então você fica conhecendo a pessoa e se encontra novamente logo-logo se pode dizer que está se construindo uma amizade, um relacionamento. E o propósito último de Deus é que os homens vivam em relacionamento e sejam felizes. Então se está cumprindo um alto propósito, o propósito de Deus.

Das atividades ecumênicas realizadas no município, qual(is) delas o(a) faz sentir que há unidade na diversidade?

Particpei de muitas reuniões, e de muitas semanas de oração promovidas por esse movimento [ecumênico] e, como já disse, fiz amizade com esses padres mencionados. Eu cheguei até a propor ao Padre Sebastião escrever, não digo um livro mas uma cartilha, um panfleto, bem elaborado sobre a “unidade na diversidade”; tenho isso até no meu coração. E eu vi isso na seqüência de reuniões que nós tivemos nas elocuições que se ouviam, então a gente percebeu que há muitos pontos em comum, básicos em comum. Se a gente fosse mais disponível, compensaria o sacrifício para estar junto. Mas, infelizmente, como eu mencionei, o ser humano é um ser muito complexo, muito egoísta. Cada um, e quando se trata de grupo a complexidade é maior, cada um luta pelo seu espaço. Eu sou mais ou menos livre, não defendo espaço nenhum, só defendo o espaço de Deus. Porque não obstante eu estar ligado a esta Igreja [Batista do Povo], isso é um fato, é um detalhe apenas, na história da minha vida; sou servo de Deus, tenho uma relação pessoal com Jesus Cristo então entendo o seu propósito de vida na terra e o seu Reino. Ele é o Senhor do Reino, não tem ninguém que possa mencionar que é dono do Reino, o dono do Reino é Jesus Cristo. Cada um eu vejo que está ligado ao corpo de doutrina e defende esse corpo, não abre mão de alguma coisa. Então, para haver união realmente, haver unidade perfeita, tem que se abrir mão de muita coisa; de ambos os lados tem que abrir mão, e a própria pessoa tem que ter um pensamento liberado, tem que ser realizado perante Deus.

Em sua opinião, o que dificulta o trabalho do Movimento Ecumênico do Município?

A falta de sinceridade [firmeza]. Porque o propósito último de uma missão tem que ser colocado na mesa, numa linguagem clara. Então, apresentar as dificuldades. Naturalmente que, logo de cara, você não pode fazer isso, mas, à medida que cresce o relacionamento, tem que haver um crescimento também abertura de corações e de mentes para apresentar as dificuldades e trabalhar essas dificuldades; orar a Deus, em última instância a obra é de Deus, Deus quer a unidade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são uno, é uma unidade. Então no coração de Deus está que o homem deve viver com o próximo e fazer para o próximo a mesma coisa que ele faz pra si. Mas, como eu disse, o homem é egoísta, defende o seu espaço como se ele tivesse alguma coisa aqui na terra. Nós não temos nada aqui na terra, a obra é de Deus. Então, se essas dificuldades fossem colocadas na mesa e se falasse assim: “Olha, nós queremos estar juntos, é uma necessidade, é aquilo que está no coração de Deus, mas nós temos uma tradição, rezamos por essa tradição...” E o protestante abre a Bíblia e fala assim: “Então, mas essa tradição não faz parte da Bíblia...” Então tem que abrir mão. Eu acho que a Igreja Católica, se quiser unidade, ela tem que abrir mão dessa tradição como revelação. Eu sei que a situação não é tão fácil assim, mas a Igreja católica tem desenvolvido muito, tem tido um crescimento muito grande – graças à Deus por isto – mas muita gente tem saído do seu seio e ido para outros lugares, alguns nem vão para igrejas, criam organizações, grupos, associações, não se identificam como Igreja. Mas existem, e estão dentro da Igreja. Eu conheço grupos assim de mais de mil pessoas que se constituíram, mas não têm filiação com a Igreja Católica. Eles não fazem parte da Igreja Católica mas estão dentro dela. Se continuar viver a realidade fora da Bíblia, então pode crescer muito mais [a Igreja], mas pode desmoronar. E eu creio que isso para Deus é uma coisa benéfica, porque a Igreja está sendo um instrumento para atrair as pessoas. Enquanto ela faz isso, atrai as pessoas para próximo de Deus, para ler a Bíblia, para orar, isso é lindo; falar de Cristo, isso é lindo. Só que para ela ter um crescimento e continuar como instituição de Deus para colher aqueles que se convertem, tem que haver mais pureza doutrinária, teológica; tem que haver uma revolução profunda dentro da Igreja.

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do Movimento Ecumênico do Município? Se sim, favor citá-lo.

Eu sei que a Igreja Católica tem as pastorais, e ela faz muito trabalho [social] positivo nesse sentido. Mas, talvez por falta de conhecimento, ignorância minha, não tenho conhecimento de nenhum trabalho social feito em cooperação com outras denominações. Mas eu admito que deve existir.

Eu gostaria de dizer que a Igreja Católica tem avançado muito mais nesta área, que é fundamental, acolher os desgarrados, os necessitados, os presidiários. Houve até uma Campanha da Fraternidade sobre a questão dos presidiários. Pois é, tem avançado muito, e isso agrada muito o coração de Deus.

Quando da participação em atividades ecumênicas, há presença dos fiéis desta Igreja? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

Quando eu participava consegui levar alguns fiéis, algumas pessoas que ajudavam, que cantavam; em número pequeno, porque há uma restrição, uma resistência muito grande. Falou em trabalho ecumênico, muita gente não aceita, pelas razões que eu mencionei aqui. Isto não é meu pensamento só. Aliás a gente não é original, quem é original é Deus. Com as experiências que a gente tem, de 72 anos de vida, então a gente vai acumulando experiências, conhecimento de outras pessoas até que você firme o seu próprio pensamento. Mas eu me lembro – refletindo – que esse é pensamento no meio do povo evangélico; essa resistência todo mundo sabe que existe, e pode ser quebrada, através das estratégias e providências que eu mencionei.

O que poderia ser feito para melhorar o Movimento Ecumênico do Município?

Eu creio que – já respondi a essa pergunta – esses fatores que impedem essa aproximação e a realização desse trabalho, resolvido isso – eu sei que não é uma tarefa fácil – então a aproximação se torna mais possível. Mas, eu creio que quando o homem se aproxima de Deus e vive realmente o cristianismo autêntico, ele vê o outro, independente de ser católico ou outra religião que ele professe, também como filho de Deus e o considera como irmão. Mas, essa dificuldade para estar juntos acontece não só entre católicos e protestantes; acontece entre as “n” denominações que se chamam evangélicas. Entre o povo que se denomina evangélico, há essa dificuldade de se reunir da mesma maneira. Então existe o conselho de pastores para as igrejas denominadas históricas e o conselho de pastores denominados pentecostais. Aqui em São José dos Campos existe isso. E é possível que existam alguns que não participem de nenhum desses dois conselhos. Quando a gente trabalha a unidade, mesmo entre os pastores, você faz uma convocação, você convida 50 pastores e se tiver 10% já é um número razoável. Essa dificuldade acontece pelas razões já mencionadas, cada um ainda está lutando pelo seu espaço. Então a dedicação plena, total a Deus nos leva a enxergar o outro como igual, independentemente do seu credo, da sua maneira de crer e manifestar a sua crença, ele é pessoa; amar o outro é muito difícil; você tem que amar como a pessoa é, como Deus ama. Deus ama o presidiário, Deus ama a prostituta, Deus ama – desculpando a expressão – o “bandido”, o desgarrado, alienado...Deus ama a todos. E a ordem Dele é que nós nos amemos, amemos o próximo como Ele nos amou; Ele nos amou morrendo na cruz, dando-se a si mesmo, dando a sua própria vida em resgate de todos. Então – permita-me a minha declaração e confissão – eu estou disponível para ver o que Cristo ordenou: amar a todos. Estou nesse processo de aprendizado, estou aprendendo a me doar, amar o outro independente de sua profissão de fé.

ENTREVISTA 6

Nome completo.

Padre Eduardo Fraga e Silva

A que Igreja cristã pertence?

Igreja Católica Apostólica Romana.

Participa do Movimento Ecumênico do Município de São José dos Campos? Se sim, desde quando?

Sim, como Coordenador da Comissão Diocesana do Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso já há cinco anos.

Para o(a) senhor(a), quais seriam os pontos positivos observados na participação de atividades ecumênicas?

Desde que assumi a coordenação da Comissão, a primeira preocupação foi a estruturação da comissão no ambiente católico. Porque a primeira dificuldade que eu sentia era da própria Igreja Católica em aceitar e conviver com a concepção ecumênica. Então, me preocupei em colocar nas paróquias líderes, em cooperação com os respectivos párocos, que pudessem atuar no ambiente paroquial. Felizmente, hoje, das 38 paróquias que a nossa diocese têm, em 34 nós temos a comissão do diálogo ecumênico. Então, a grande dificuldade, a maior dificuldade, a primeira dificuldade que eu vejo é do próprio ambiente católico. E ao longo desses anos eu tenho trabalhado em cima disso, de estruturar essas comissões nas paróquias.

O início dessa estrutura foi em que ano?

A partir do ano 2000, que foi quando eu assumi mais diretamente.

Das atividades ecumênicas realizadas no município, qual(is) delas o(a) faz sentir que há unidade na diversidade?

Nós temos, periodicamente, ligado ao MOFIC (Movimento de Fraternidade de Igrejas Cristãs), quatro ou cinco encontros anuais, mas abrangendo todo o Vale do Paraíba, envolvendo padres e pastores e lideranças das Igrejas clássicas e também de Igrejas Pentecostais e algumas até neopentecostais. A presença dos pastores, a abertura dos pastores. Porque um dado que a gente observa, um exemplo é o da Igreja do Evangelho Quadrangular: a Igreja em si não assume o ecumenismo, mas ela liberou seus pastores para participação dos trabalhos ecumênicos. O contato que nós temos com os pastores da Igreja do Evangelho Quadrangular é muito bom. Então, aí, a gente começa a encontrar forças para perceber que o trabalho não é em vão; há possibilidade, é possível de estarmos juntos.

Em sua opinião, o que dificulta o trabalho do Movimento Ecumênico do Município?

Falta de formação. Esse é o fundamental. E isso começa dos próprios padres. Por exemplo, na reunião do clero católico, em toda reunião eu tenho um espaço, já cativo, para poder falar da questão ecumênica, porque a Comissão do Diálogo é uma das quatro grandes comissões da Igreja Católica. Então os coordenadores dessas comissões têm sempre espaço reservado, na reunião do clero, para falar. Toda vez que eu vou falar sobre a questão ecumênica, evidentemente que eu não posso generalizar isso, a gente observa padre que torce o nariz, padre que diz claramente que não entende de ecumenismo, que não compreende porque que o Papa pede essas coisas, que não compreende e insiste nesse assunto. Então a gente começa a perceber aí que há, a partir do clero, uma falta de formação. Na paróquia desse padre, o que nós vamos esperar dos leigos? Não muita coisa. Então, quer dizer, falta formação, falta compreensão. É fácil as pessoas criticarem, é fácil as pessoas dizerem não, mas porque não entendem, porque não se informam, porque não vão atrás, porque não compreendem a grande proposta ecumênica, que é uma proposta de paz. Então eu acho que a maior dificuldade está neste ponto.

Há algum trabalho social realizado em comum entre as Igrejas que participam do Movimento Ecumênico do Município? Se sim, favor citá-lo.

Oficialmente, assim, de uma maneira geral, nós não temos grandes progressos nesse sentido. Temos, sim, união para abaixo-assinados, união com relação a um determinado posicionamento, cito por exemplo a questão do aborto; então quando tem uma manifestação nesse sentido a gente percebe uma unidade. Mas, a unidade se vê melhor em pequenas experiências, vou citar uma que aconteceu comigo: o próprio pastor Paulo, que é da Igreja Israel de Hoje, uma Igreja neopentecostal, mandou um grupo de pessoas da comunidade dele em minha paróquia para aprenderem o trabalho da Pastoral da Criança, para que ele pudesse implantar [na sua Igreja]. Eu não sei se ele implantou, se de fato a coisa aconteceu lá. Mas para que ele pudesse implantar a Pastoral da Criança na comunidade dele, um núcleo; a Pastoral da Criança é uma pastoral ecumênica, não há de ser necessariamente católica. Então, ele queria colocar lá aquela questão da farinha vitaminada, da distribuição, a pesagem, a coisa toda. Eu acho que esse é um trabalho bonito, em que os católicos partilharam com os evangélicos esta questão do menor, especificamente da criança de zero a seis anos, da mãe gestante. Tomara Deus que ele tenha conseguido implantar lá, mas acho que só a unidade, o fato deles terem vindo aprender já é um progresso grande. E essa experiência a gente tem também em outros níveis, em outras paróquias, em outras localidades do município, esporadicamente, experiência nesse sentido. Seriam experiências não oficializadas, mas que acontecem e que a gente ouve aqui, ouve lá, como se fosse uma “pipoca” que vai estourando cada uma em um cantinho, numa realidade, numa determinada situação. São necessidades em comum.

Quando da participação em atividades ecumênicas há presença dos fiéis desta Igreja? Ou somente a presença dos dirigentes? Favor justificar sua resposta.

Os [fiéis] católicos até vão. Por exemplo, nas celebrações da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. Nós temos um grande número de católicos que vão por curiosidade, para saber como é que é; ou até vão para poder depois criticar; outros vão com reta intenção porque entendem o porquê de estarem ali. Então, até há uma participação, mas ainda não é uma grande participação, não é um grande envolvimento. Se a gente pegar, por exemplo, a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos de 2004, aqui na nossa Região Pastoral 3, somos quatro paróquias, então cada noite foi feita em uma delas; nós tivemos um bom número de participantes em todas as Igrejas, em todas as paróquias. Mas ainda não é satisfatório. E também tem a parte evangélica: muitas vezes o pastor vai, mas a comunidade dele não. Então isso também é um outro ponto, quer dizer, há uma resistência também do outro lado.

O que poderia ser feito para melhorar o Movimento Ecumênico do Município?

Eu acho que a primeira causa, primeira questão que a gente tem que debruçar sobre ela é a questão da formação, formação dos líderes católicos, a começar pelos padres, coordenadores de pastoral e comissões. Temos uma formação grande acerca do ecumenismo, do que é Ecumenismo, de como se vivencia, de como se assume o Ecumenismo, porque no meu entender, o Ecumenismo não progride porque há, como já disse e repito, falta de formação. Então, as pessoas ficam com medo de perder sua própria identidade, e Ecumenismo não é isso. Se nós pegarmos o próprio texto-base da Campanha da Fraternidade, ele tem lá no manual, que é usado pelos líderes da Campanha da Fraternidade, um resumo muito prático do que é e do que não é Ecumenismo. Então, ninguém precisa ter medo de perder sua identidade, ninguém precisa ter medo de deixar de professar a sua fé, de viver a sua fé da maneira que está vivendo, mas as pessoas ainda não têm essa compreensão; então elas acham que Ecumenismo é colocar tudo numa “salada”: católicos, evangélicos, todas as tradições, todas as Igrejas, misturar tudo e criar um cristianismo novo; e não é por aí. Então a partir do momento que se vencer essa barreira, o Ecumenismo vai caminhar com muito mais naturalidade, com muito mais criatividade até mesmo, sendo um testemunho muito maior.

E por falar em testemunho, eu aproveito para marcar aqui o surgimento do MOFIC (Movimento de Fraternidade de Igrejas Cristãs) do Vale do Paraíba, atualmente ele é coordenado por mim, representando toda parte católica e também pelo diácono Leandro Mascarenhas, que é da Igreja Metodista, representando a parte evangélica. O MOFIC está tendo uma penetração muito boa

junto à Pastores e Padres, não só de São José dos Campos, mas também de toda a região do Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e Litoral Norte. E tem sido uma experiência muito boa nesse sentido; é um começo, mas ainda estamos muito aquém daquilo a que nós devemos chegar. É um grande avanço, apesar, você deve ter percebido, que eu citei muitos padres e muitos pastores, quer dizer: a gente ainda está trabalhando muito nessa cúpula, vamos dizer assim, não é que não seja aberto a participação de leigos. No ano de 2005, pela primeira vez, nós vamos fazer no final do ano – está em nossa programação do MOFIC – um grande encontro ecumênico das comunidades, ou seja, para as comunidades católicas e comunidades evangélicas juntas. Tomara Deus – está previsto para o mês de dezembro, bem próximo do Natal – que a gente consiga esse intuito, esse propósito de fazer esse encontro acontecer, abrangendo mais essa parte de penetração, de participação das pessoas. Por enquanto estamos trabalhando muito na “cabecinha” de quem está à frente, ou seja, padres, pastores, daqueles coordenadores que estão mais envolvidos mesmo com essa questão ecumênica.

ANEXO 8



Conjuntura Social e Documentação Eclesial

ENCARTE DO BOLETIM DA CNBB - 25/05/2000

Tel.: (61) 313-8300 - Fax: (61) 313-8303

Caixa Postal 02067 - (70259-970) Brasília - DF

home-page: <http://www.cnbb.org.br> - e-mail: imprensa@cnbb.org.br

525

SEMANA DE ORAÇÃO

04 a 11 de junho de 2000

"Bendito seja Deus Pai de nosso Senhor Jesus Cristo" (Ef 1, 3-14)

Reconhecer que as bênçãos do Pai são abundantemente derramadas sobre todos os batizados em Cristo, sem distinção ou preferência de denominação, é grande avanço no caminho de conversão dos cristãos e das Igrejas. As bênçãos não são propriedade privada dos indivíduos ou de uma igreja, mas um dom recebido gratuitamente. Temos a felicidade de saber que Deus nos abençoou, nos escolheu, nos predestinou a sermos filhos adotivos. Sabemos que derramou seu Espírito sobre a humanidade. Como Pedro, porém, às vezes costumamos a dar-nos conta "de que *Ele* não é parcial, e de que, em toda nação, quem quer que o tema e pratica a justiça é acolhido por *Ele*" (At 10,35).

"Mas tome cada um cuidado com a sua maneira de construir" (1 Cor 3, 10)

Lutar para conservar aspectos secundários da identidade confessional pode ser um desgaste inútil. As identidades confessionais são julgadas pelo amor e pela sua capacidade de construir a comunhão. A revisão dos planos pastorais e dos projetos de evangelização das Igrejas em direção a esta meta é tarefa de longo prazo, mas deve ser considerada urgente e sempre em ação.

Cristãos de todas as Igrejas trabalham com crianças, com doentes, com presos, nos acampamentos dos sem-terra ou dos sem-teto, no acompanhamento de portadores de HIV, na recuperação de dependentes químicos, mas ainda são poucos os que aprenderam a dialogar, a colaborar, a fazer parceria. Muitas vezes, aliás, prevalece outra motivação: fazer tudo isso mais em nome próprio ou em nome de uma igreja do que em nome do próprio Jesus. Nasce assim o proselitismo, a competição e as tentações de vangloriar-se, tentações das quais ninguém pode considerar-se isento.

A partir da CF 2000, a Semana de Oração não deveria mais ser dedicada somente à oração em comum entre cristãos de diferentes denominações. Deveria, sim, ser marcada também por revisões de projetos e de colaboração. Deveria ser um tempo de encontro das comunidades locais, para que, nos moldes da CF Ecumênica, realizem juntas projetos de cooperação na promoção humana, no resgate das pessoas cuja dignidade é violada. O tema da CF 2000 "Dignidade humana e paz" aponta, sem suspeita, para a evangélica opção preferencial pelos pobres. O lema "Novo milênio sem exclusões" declara, sem equívocos, o método cristão do diálogo no amor para a busca da verdade, da justiça e da paz. A autenticidade ecumênica deste processo é declarada pelo Papa João Paulo II, na Encíclica sobre o ecumenismo: "A cooperação de todos os cristãos... baseada na fé comum não só aparece densa de comunhão fraterna, mas é uma epifania do próprio Cristo (*Ut Unum Sint*, nº 40).

ANEXO 9

SER ECUMÊNICO É...

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

(...) Ser ecumênico é o novo nome da caridade. As nossas igrejas devem buscar cada vez mais a unidade. A Campanha da Fraternidade de (...) 2005, realizada pelas igrejas reunidas no Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, o CONIC, [é] um exemplo desse esforço ecumênico (...), [pois] é celebrada simultaneamente nas Igrejas Católica Apostólica Romana, Cristã Reformada, Episcopal Anglicana do Brasil, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Metodista, Presbiteriana Unida do Brasil e Católica Ortodoxa Siriana do Brasil.

O CONIC é hoje uma entidade conhecida e respeitada no Brasil, pela sua postura ecumênica de diálogo e defesa intransigente da vida. Aproveitando as orientações do CONIC, do qual eu faço parte como membro da Comissão Teológica, gostaria de deixar para [vocês] algumas dicas ecumênicas.

1. O que não é ecumenismo?

- Disfarce para uma Igreja dominar a outra.
- Mistura de tudo num novo cristianismo.
- Algo que afaste a pessoa da sua própria Igreja.
- Fazer todos concordarem em tudo.
- Fingir que as diferenças não existem.
- Desvalorizar as normas de cada Igreja.
- Deixar de lado o espírito crítico diante de qualquer cristão.

2. Mas que é ecumenismo?

- Diálogo que reconhece e respeita a diversidade.
- Valorização de tudo que já une as Igrejas.
- Trabalho conjunto na construção de um mundo melhor.
- Criação de laços de afeto fraterno entre as Igrejas.
- Oração em comum a partir da fé básica.
- Busca sincera de caminhos para curar as feridas da separação.
- Valorização leal de tudo de bom que as diferentes denominações cristãs realizam.

3. Razões para ser ecumênico

- Jesus pediu a unidade de seus discípulos e discipulas (Jo 17,21).
- A fé comum e o batismo.
- Igrejas que se agridem mutuamente prejudicam a pregação do evangelho aos que não crêem.
- O mundo precisa dessa demonstração concreta de que a paz é sempre possível

- Igrejas unidas têm mais força para defender a justiça e realizar obras importantes na caridade.
- Ter amigos é melhor e mais bonito que ter competidores.

4. Onde realizar o ecumenismo?

- *Na vida:* são as boas relações de amizade entre pessoas de Igrejas diferentes.
- *Na ação social:* são os trabalhos em conjunto para socorrer os necessitados e lutar pela justiça.
- *Na oração:* são as celebrações e preces feitas em conjunto ou orações pessoais pela causa da unidade.
- *No diálogo teológico:* são os estudos sobre doutrina realizados por teólogos de várias Igrejas, trabalhando juntos na busca de melhores modos de tratar as divergências.

5. Como ser ecumênico

- Tratando as outras Igrejas como você gosta que tratem a sua.
- Divulgando o material, os progressos e as alegrias do movimento ecumênico.
- Orando também pelas outras Igrejas quando pedir a Deus pela sua.
- Aprendendo a ouvir o que as Igrejas têm a dizer sobre o seu jeito de viver o seguimento de Jesus.
- Conhecendo bem a sua Igreja para apresentá-la correta e serenamente aos outros irmãos cristãos.
- Participando das ações ecumênicas que estiverem ao seu alcance.
- Cultivando uma atitude de boa vontade, capaz de reconhecer o que há de bom em cada Igreja.
- Aprendendo a falar do assunto numa linguagem tranqüila, não agressiva, que informe, mas não ofenda ninguém.
- Perdoando e compreendendo se houver falhas no diálogo, o que é natural, depois de tanto séculos de rejeição mútua.

(...) Espero que estas reflexões possam lhe ajudar a entender o valor do ecumenismo. Não deixe de realizar visitas e atividades ecumênicas. (...) Mas lembre-se, (...) não basta realizar essas ações ecumênicas, é preciso ter de fato a espiritualidade do diálogo: esperança, amor à paz, humildade, capacidade de ouvir, paciência, discernimento, lealdade, alegria ao ver bem e respeito pelo outro. (...)

Fonte: Ecumenismo e diálogo inter-religioso. Província Franciscana da Santa Cruz. Publicado no Jornal de Opinião, Belo Horizonte, 8 a 14/04/2002. <http://www.bibliaeapocrifos.uaivip.com.br/serecumenico.htm>. Acesso em 17 de fevereiro de 2005.

ANEXO 10

DECLARAÇÃO "DOMINUS IESUS"

Introdução:

- Surpreendeu a Cristandade. Provocou, de imediato, reações de forte irritação. Ainda faltam estudos referentes aos motivos da Declaração e seus reais propósitos. Substancialmente, pretende alertar para o risco do relativismo e da diluição da verdade da fé no Diálogo Inter-religioso e Ecumênico. Referências aos textos do Concílio são isoladas do seu contexto original. E resultados de aproximação ecumênica (acordos bilaterais) são ignorados.

Estrutura:

- A Declaração é dividida em:
 - ✓ Introdução (n.º 1 a 4)
 - ✓ Capítulo I (n.º 5 a 8)
 - ✓ Capítulo II (n.º 9 a 12)
 - ✓ Capítulo III (n.º 13 a 15)
 - ✓ Capítulo IV (n.º 16 a 17)
 - ✓ Capítulo V (n.º 18 a 19)
 - ✓ Capítulo VI (n.º 20 a 22)
 - ✓ Conclusão (n.º 23)
- } Diálogo Inter-religioso
Validade do Mandato Missionário: Anunciar Jesus
- } Diálogo Ecumênico
Na Igreja Católica subsiste plenamente a Igreja de Cristo

No todo são 92 referências ou notas.

- Quanto ao Diálogo Inter-religioso esclarece:

1. A Igreja não rejeita absolutamente nada daquilo que há de verdadeiro e santo nas religiões.
2. O diálogo inter-religioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja e comporta uma atitude de compreensão e uma relação de recíproco conhecimento e mútuo enriquecimento, na obediência à verdade e no respeito da liberdade.
3. Se insurge contra uma mentalidade relativista que põe em dúvida o caráter definitivo e completo da revelação de Jesus Cristo e põe em causa o mandato missionário.
4. Reafirma a distinção entre a fé teológica e a crença nas outras religiões; conjunto de experiência e pensamento, que constitui os tesouros humanos de sabedoria e religiosidade...
5. Deve-se crer firmemente na doutrina da fé sobre a unicidade da economia salvífica querida por Deus Uno e Trino, em cuja fonte e em cujo centro se encontra o mistério da encarnação. É contrário a fé cristã, portanto, introduzir qualquer separação entre o Verbo e Jesus Cristo... Cristo não é diferente de Jesus de Nazaré!

- Quanto ao Diálogo Ecumênico esclarece:

1. Jesus não formou uma simples comunidade de discípulos, mas constituiu a Igreja como mistério salvífico: Ele mesmo está na Igreja e a Igreja nele... Cristo e a Igreja não podem confundir-se nem mesmo separar-se... embora não se identifiquem, são inseparáveis!
2. Existe uma continuidade histórica entre a Igreja fundada por Cristo e a Igreja Católica. Segundo a fé católica, a unicidade e unidade, bem como tudo o que concerne a integridade da Igreja, jamais virão a faltar!
3. Entende-se como a expressão "subsistit in" do Concílio Vaticano II.
 - a) A Igreja de Cristo, não obstante as divisões, continua a existir plenamente só na Igreja Católica.

- b) Existem numerosos elementos de santificação e de verdade nas outras igrejas e comunidades eclesiais.
- c) Existe, portanto, uma só "subsistência" da verdadeira Igreja. Nas outras Igrejas e Comunidades Eclesiais existem "elementa Ecclesiac".
4. As Igrejas Orientais (Ortodoxas) que têm sucessão apostólica e Eucaristia válida são reconhecidas como verdadeiras Igrejas particulares. Nelas está presente e atua a Igreja de Cristo.
5. Às Igrejas nascidas da Reforma se lhes dá o status de Comunidades Eclesiais . Os que nelas são batizados são incorporados a Cristo.
6. Não se deve imaginar a Igreja de Cristo como se fosse a soma diferenciada e, de certo modo, também unitária - das Igrejas e Comunidades eclesiais. Nem se deve pensar que a Igreja de Cristo hoje já não exista em parte alguma, tornando-se assim, um mero objeto de procura por parte de todas as Igrejas e comunidades.
7. Ao se considerar as relações entre Reino de Deus, Cristo e Igreja não de evitar-se sempre as acentuações unilaterais. Não se pode negar ou esvaziar de maneira nenhuma a conexão íntima entre os três elementos. A Igreja é necessária à Salvação!

Conclusão:

A Declaração é da Congregação para a Doutrina da Fé. Não ensina nada de novo, mas reafirma e reassume a doutrina católica, definida ou ensinada em precedentes documentos do Magistério da Igreja. A presente Declaração , por sua própria natureza, é um serviço à Fé.

A Declaração se insurge contra a idéia, hoje tão disseminada, que todas as religiões são caminhos igualmente válidos de salvação. Insurge-se também contra a "ideologia" do diálogo que substitui a missão ad gentes.

Conteúdo Cristológico : {

1. Plenitude e caráter definitivo da revelação de Jesus (n° 5 a 8).
2. A unidade da economia salvífica do Verbo encarnado e do Espírito Santo (n° 9 a 12)
3. A unidade e a universalidade do mistério salvífico de Jesus Cristo (n° 13 a 16).

Conteúdo Eclesiológico: {

1. Igreja de Cristo, sacramento de Salvação
2. Igreja de Cristo "subsiste na" Igreja Católica em toda a sua plenitude
3. O Reino de Deus, embora não identificando-se pura e simplesmente com a Igreja na sua realidade visível e social, está indissolúvelmente unido a Cristo e à sua Igreja

Pe. Sebastião César Barbosa
Assessor Diocesano do Ecumenismo

06/11/2000

